

1

A Chama Depende do Combustível

1

editoora

Fortaleza, Ceará / 2020

A Chama Depende do Combustível é uma publicação independente, surgida de diálogos recentes e também de antigos processos. Uma publicação que acontece para servir de pretexto ao encontro, à escuta. Neste sentido, e considerando também a decadência do mundo de uma só voz, de um só jeito de dizer, de pensar ou sentir, o cuidado no recebimento e veiculação dos trabalhos perpassa justamente o diálogo, a melhor compreensão possível de como as contribuições chegaram, de como foram gestadas e de como gostariam de seguir até você aí que lê: assim como são, sem muito retoque ou correção. O exercício não é o da precisão, da assepsia ou da nitidez, mas do rabisco, do estudo, da busca. Afinal, não é porque beiramos o fim do mundo que devemos permanecer no mundo do fim.

Boa leitura!

índice

<i>sonhos y sonhas,</i>	11	Gwladys Le Cuff	46
<i>incandescente agora</i>		Gobinde Rai	186
<i>de sexta (03/04)</i>	13	Honório Félix	169
<i>pra sábado (04/04)</i>		Izadora Xavier	86
		Javier Cuberos	124
Andréa Catrópa	60	Joachim Clémence	47
Artur Bombonato	75	João Paulo Ribeiro	112
Bartira Dias	106	João Reynaldo	52
Bebel Coelho	171	Júlio Lira	19
Breno de Oliveira	138	Julia Raiz	206
Carolina Geaquinto	78	Juliana Siebra	102
Caroline D'Ávila	210	Kenny Mendes	32
Catarina Domingues	220	Lara Braga	42
Célio Celestino	183	Laura Rios	215
Clara Bastos	118	Lia Lopes Damasceno	22
Dream Diary Gang	158	Luciana Tiscoski	180
Ed Leite	63	Luis Matheus Brito	29
Érica Zíngano	167	Manoel Moacir	62
Eve Richens	149	Márcia Matos	178
Elisa Tonon	208	Marie Carangi	116
Fábio Mukanya Simões	50	Marina Holanda	140
Felipe Ribeiro	194	Marta Leite	155
Flávia Memória	172	Marty Hiatt	67
Flora Dias	103	Melina Aragão	83
Frédéric Déotte	98	Natália Coehl	191

Petra Tapia	93
Priscilla Menezes	153
Rachel Alves	164
Rafaela Kalaffa	53
Raquel Rocha	43
Rebe, RHEREMITA elLoKi	147
Renan Nuernberger	189
Sandro Brincher	35
Suene Honorato	110
Sofi Hemon	126
Taís Augusto	198
Thadeu Dias	133
Tuan Roque Fernandes	119
Victor Furtado	128
Vitor Cavalcanti Colares	56



sonhos y sonhas, incandescente agora

a chama depende do combustível e onde havia fumaça, o escapamento enferruja, silencia, junto com as ruas, os sinais obsoletos, os cruzamentos à distância, a paranoia de o vírus tá na sola do sapato, na ponta dos pelos do nariz, no buraco do cinto, ou se de repente foi isso, caiu na zona limítrofe entre o portão, que dá pra rua, e a porta de casa, que dá pra sala. atenção para a respiração, para o ar, para o chão, para o coração, o sono, a fome, o teto, a rua. tudo o que antes era empurrado para os cantos, escondido ou esquecido, reaparece servido na granola, remexido no feijão ou engasgado na barriga que cospe farinha seca, suja ou contrabandeada. bandos. hoje a retomada é das tartarugas, o petróleo tem tempo de decantar e de dentro de suas caixinhas as pessoas amassam panelas, cantam pelas janelas, reencontram-se consigo em si, no outro, nas paredes e até ao longe, no horizonte. a chama depende do combustível. no mesmo campo em que crepita, a chama sinaliza que um estado, uma base, uma matéria de combustão, ao queimar, transmuta-se em outra coisa, dispendendo energia, calor. e se a fumaça e o ruído, na paisagem de concreto, dão lugar a uma atmosfera translúcida, estática e silenciosa, é porque esta mesma paisagem está se consumindo por uma nova chama, acesa por novos combustíveis, que se misturam na boca do fogão, na boca da noite e no que desemboca em nossos corpos e mentes. e se o vento alimenta o fogo,

espalha as cinzas, as sementes; a água corre solta em lava espessa, viva nas veias; a terra se regenera e um punhado de chão já não é mais apenas um punhado de chão, assim como o metro quadrado de sua casa não é mais só um metro quadrado; as ruas que servem de abrigo também se transfiguram em pesos, medidas, altitudes e latitudes. éter na mente. o som que acordamos em nossas vozes é lido como fagulha desta imensa rede simbólica arquitetada e aprimorada pelas chamas. labareda é a língua do fogo, cujo combustível singular e inegociável, ainda que comum e partilhado, abre passagem, em abismo, à comunicação com o outro ☉ alquimia infinita que somos/em que somamos.

Flávia Memória

de sexta (03/04) pra sábado (04/04)

sonhei que a gente mesmo dormindo tava acordado e todos os tempos se misturavam e não existia mais nenhuma diferença entre o real e o virtual éramos uma coisa só circulando aí tinha uma equipe de mulheres curandeiras da idade média que aparecia e dizia em linguagem macuxi eu acho entoando um canto que parecia o tukui dizia pra gente que pra combater o vírus a gente tinha que fazer em casa uma composteira dessas simples de fazer porque foi demonstrado em estudos científicos bem posteriores que o contato com uma bactéria presente no húmus dessas composteiras funcionava como antidepressivo que diminuía a dor do passado das pessoas e isso ajudava a combater o vírus porque ajudava a processar o karma da humanidade era um momento de muita alegria pra todo mundo quando elas diziam isso principalmente pras minhocas das composteiras e a gente via pela televisão via satélite até no celular que cada bairro começou a fazer a sua composteira comunitária todo mundo de máscara vestido de astronauta nas praças que tinham virado verdadeiros espaços coletivos de cultivo urbano de orgânicos e a ideia geral era começar a expandir das casas das pessoas que já tavam engajadas nesse processo de compostagem há mais tempo pras outras que ainda não tinham começado aí as prefeituras em conjunto com as empresas de telefonia privada pegaram todos aqueles orelhões antigos aqueles em formato de feijão e reciclaram

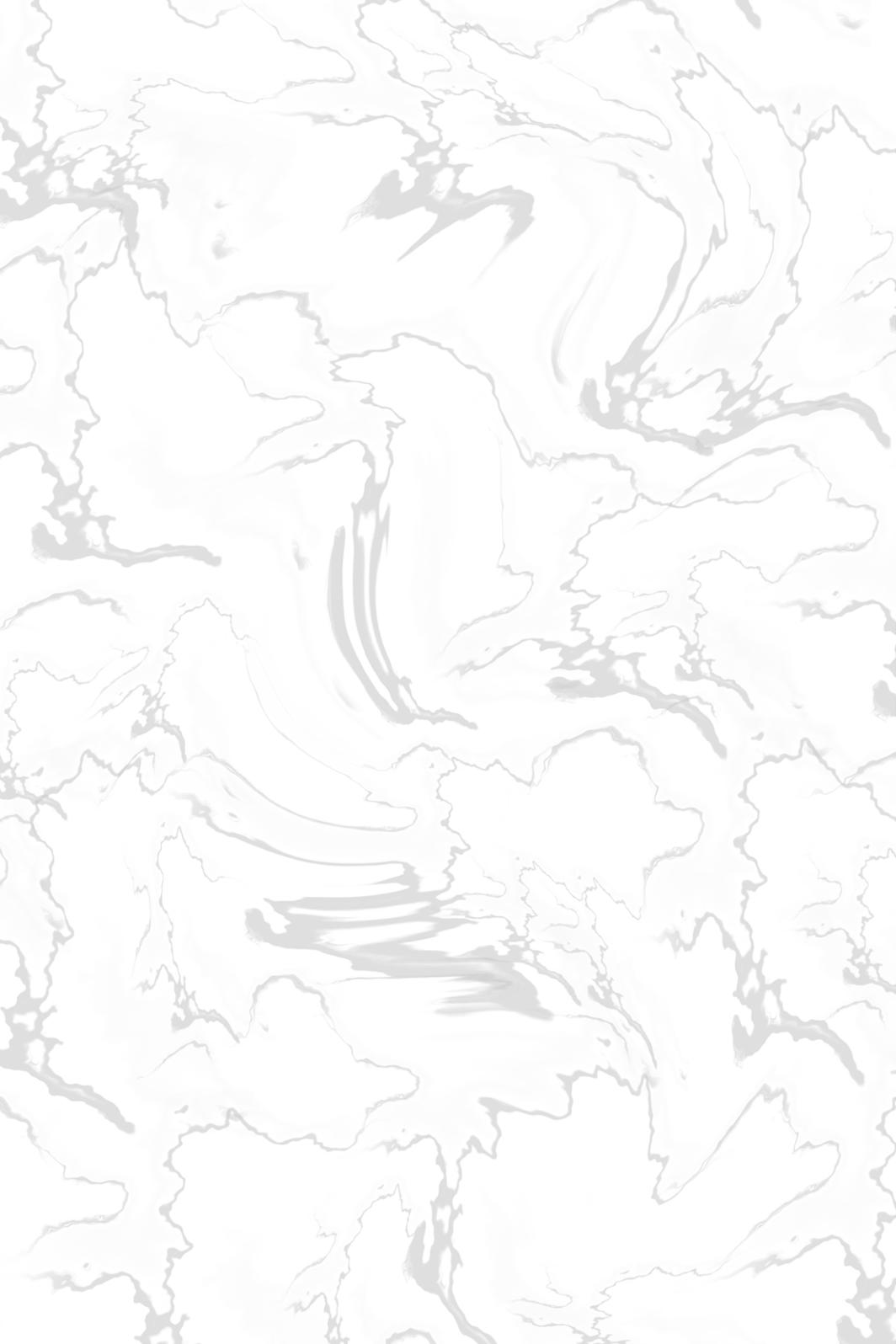
eles transformando eles em cápsulas próprias pro cultivo regenerativo do planeta como se fossem carrinhos de mão portáteis que ficavam flutuando como um altar brilhante isso facilitou em muito a comunicação entre os humanos e as plantas porque cada planta plantada nessa cápsulas nos enviava um vocábulo novo tipo como se fosse um google translate das plantas saca? mas só pelo pensamento aí a gente aprendia essa linguagem assim pela troca de pensamento e isso foi muito fundamental no processo de aprimorar nosso contato com elas que já tava se dando de maneira direta e bastante energética porque as plantas falavam a linguagem sagrada da espiral porque isso ajudava a filtrar o planeta

Érica Zíngano



Fotos:
Orelhão - Petra Tapia
Composteira - Mariana Smith





Memórias de Um Apátrida

o que é pátria, numero 21?
nunca soube o que era isso.
(talvez sempre um apátrida)
um estudante de botas e calças curtas
levando uma grande bandeira
na capa de um caderno?
desfiles de crianças com luvas brancas
cosplay de livros de história
em pretensa ordem unida?
mãe pátria? nossos avós sempre
pesando fardos de algodão,
fazendo queijo moendo cana,
no fogo cruzado entre as volantes e os cabras
bem longes dos tribunais ou cadeias,
leis ou decretos, vestidos de couro e de brim
arreios em uma mão e espingarda na outra
estavam no brasil mas o brasil se fazia de costas.

se havia uma pátria esta se chamava
Lunário Perpétuo. el qual contiene los llenos y
coniunciones perpetuas de la Luna, declarando
si seran de tarde o de mañana. Con la
prognosticacion
natural, y general de los tiempos
todos vinham dali e viviam ali
numa espanha fidalga com uma lua
em comum, eclipses, festas,
um futuro previsível, tudo para todos,
era disso que se tratava, talvez seja
disso que se trata uma pátria

de uma fantasia de causas e efeitos, da
suposta previsibilidade, um lugar de onde
se olha o movimento dos astros e das águas,
o direito mais ancestral, da parede onde se firma
um calendário único, organizando o tempo e as
rotinas
as pessoas, os animais e as plantas.

quando chegou o rádio, a estrada de ferro
os campos de concentração, getúlio,
a penicilina começaram a entender
o que poderia ser uma pátria: tinha
alguma coisa a ver com ficar curado e calado.
houve tempos que se falou ainda mais em pátria
patria amada brasil um mal
cantado pra frente brasil
mas de tudo se fazia piadas: iam 4 pessoas
num avião, um americano, um alemão,
um suíço e um brasileiro...

a etimologia pouco me valeu
mas algumas poucas vezes eu
cheguei muito perto de entender
o que significa essa palavra.
num sete de setembro, uma reluzente escola
de bairro recebeu um celebre professor
em roupas domingueiras para ouvi-lo falar
sobre a língua portuguesa.
pais, mães e filhas e filhos passaram a manhã
perguntando sobre artigos e preposições

um futuro previsível, tudo para todos,
era disso que se tratava, talvez seja
disso que se trata uma pátria um futuro previsível,

tudo para todos,
era disso que se tratava, talvez seja
disso que se trata uma pátria

aconteceu em três lugares e tempos
distintos, mas posso garantir que foram a mesma
coisa
apenas com pessoas diferentes:

um radiestesista dizia que na praça da sé,
no centro da cidade de são paulo
o pêndulo gira em sentido contrário
ao universo. para este lugar maldito
vão as pessoas doentes, sem querer em casa,
os desgramados e logo atrás as forças policiais,
as rondas ostensivas tobias aguiar e todo
um cortejo de linchamentos e extorsões.
num vértice, a praça do sossego, o lugar
onde os gambês não iam, onde assaltos
não aconteciam as meninas se enfeitavam,
os pivetes azaravam, onde até se dormia.

anos depois as putas de rosário
me falam da rua, dos lugares transformados
por Sandra Cabrera, santa puta ou
puta santa, sem arrependimentos,
anos depois travestis de juazeiro do norte
me falam sobre a rua, sempre a rua, com o lugar do
fuá,
o único lugar onde a alegria, a irmandade é possível
mesmo sob o risco das pedras, mesmo na intensa
e interrompida aprendizagem do que significa brasil.

O Fim tem Seus Encantos

O fim imaginado

“A imaginação ergue montanhas. E quando nos levantamos diante de um ‘desastre’ real, ou seja, daquilo que nos oprime, dos que querem tornar impossíveis os nossos movimentos, opomos a eles a resistência de forças que são antes de tudo desejos e imaginações, ou seja, forças psíquicas de desencadeamento e de reabertura de possibilidades.”

Peguei o COVID-19 na primeira semana da sua chegada oficial ao Brasil. Graças aos SUS consegui ser diagnosticada e tomar as devidas precauções. Fui afastada do meu filho...fiquei em isolamento total! Estive todo tempo da doença completamente só. Tudo é ainda muito incerto com essa pandemia, flutuamos entre a gripezinha e os ventiladores pulmonares. Tiveram alguns números que organizavam meu xadrez com a morte: no SUS, eles trabalham com a média que o 6º. dia dos sintomas é decisivo para evoluir para um lado ou para o outro...tive calafrios pulmonares, usei os remédios de vó (chá de cúrcuma e alho, vicky vaporub, bolsa de água quente no pulmão), dipirona (não usei a cloroquina), memes, Sopa de Wuhan. Sobrevivi sem hospital! Por 21 dias eu era uma transmissora em potencial e por isso: #ficaemcasa mesmo!

Está sendo muito bom ficar em casa com a feliz coincidência da minha pesquisa de doutorado ter

como principal tema o “refúgio”. Nela defendo que o refúgio acontece quando nos falta o sentimento de pertencimento, pois este sendo do âmbito do desejo apresenta uma constituição fugidia onde ora se estabelece, ora se dissolve, e proponho a partir daí três categorias de acordo com a intensidade e as causas do isolamento: 1) limite (quando o isolamento acontece de forma brutal e o indivíduo não consegue compartilhar os elementos da linguagem, como se habitasse um universo paralelo do qual não consegue sair sozinho); 2) Exílio (neste caso o isolamento é imposto, mas o indivíduo o compreende como temporário e é capaz de estabelecer uma experiência estética a partir desta situação); 3) santuário (nessa categoria o isolamento é tomado pelo indivíduo como potência, ou seja, o isolamento passa a ser um lugar de força que o indivíduo constrói ele mesmo consciente dos seus pontos de dissolução, um lugar imaginado).

O risco de vida que se impõem ao convívio social fez com todo o contexto político e econômico fosse repensado. Até o hegemônico sistema capitalista que trabalha com a ideia de resultados, não sabe mais para onde ir. Estamos vivendo um momento de pausa. Quando falo da propriedade fugidia do pertencer, posso estar cometendo uma redundância se acreditarmos que tudo que está vivo pulsa.

A dissolução não é só uma falta, ela também se faz parte necessária do fluxo do movimento da vida. Acredito que a quarentena se aproxime da categoria exílio. Estamos isolados não porque queremos, mas porque conscientemente precisamos.

A imaginação em situação de isolamento é capaz de estabelecer conexões com o fora de si, atuando como uma espécie de transcendência que se baseia na experiência. O mundo imaginado se realiza na esfera do desejo gerando uma nova dimensão de possibilidades. Tenho estudado a linguagem sobre vários aspectos, e me instigou, principalmente, como acontecem suas constantes atualizações (agora com esses sistemas operacionais de celulares dá para visualizar melhor o processo). É muito libertador saber que a linguagem está viva, ela mesma por si só não permite aprisionar-se, pois precisa dar conta do fluxo de imaginação de aproximadamente 7,7 bilhões de pessoas vivas e da bagagem ancestral das que vieram antes delas. Então, quer dizer que a grande peça que movimenta o mundo é a imaginação.

Mesmo parados, podemos imaginar, mesmo amarrados podemos imaginar, sempre no empenho de segurar essa porta que quer fechar a realidade. Quanto mais tensionarmos essas bordas, mais a complexidade da vida se conectará a abundância. Esse quadro de mau gosto de um apocalipse dramático deveria acontecer veementemente para quem vive e acredita nele.

água

Um amigo radical foucaultiano insistia numa conversa que toda relação é uma relação de poder, eu insistia em resistir, a expressão tendia a simplificar

ou generalizar a diversidade das relações e fiquei horas especulando sobre possíveis relações que não são de poder (esse nome “poder” já é tão prepotente), eu dizia que Foucault tinha amado pouco, depois lembrei que o amor às vezes é relação de poder, mas também às vezes não é. Enfim, de qualquer forma eu escolhi falar de relação não pelas pontas, mas pelo ato em si de troca, e passei a usar o termo negociação. “Negócio” também não é lá essas maravilhas, mas ele garante que não existe um forte e um fraco a priori, mesmo se exista, existe uma tentativa de entendimento.

Outra vez, participando de um ritual de ayahuaska perguntei ao mestre da cerimônia, o que ele achava das relações que tinham ganhado essa nova alegoria de “líquidas”? (ficou famosa depois do livro “Amor Líquido” do Zygmunt Bauman) Ele me explicou que todo afeto é líquido, sempre foi. E aí cantou essa musiquinha: “Tierra mi cuerpo/ Agua mi sangre/ Aire mi aliento/ Fuego mi espirito” (Depois disso, eu fiquei brincando de relacionar as coisas aos elementos da natureza: A imaginação seria ar ou fogo? Acho que os dois...não cheguei a nenhuma conclusão até agora...)

O mesmo livro do Bauman traz como subtítulo: a fragilidade das relações humanas. Por conseguinte, entendemos que, se desde sempre o amor é líquido, então as relações humanas sempre foram frágeis! Eu assustada pela revelação ontológica da fragilidade humana perguntei:

__ E o que nos dá o chão? O que nos afasta desta iminente fragilidade?

__ “Tierra mi cuerpo”! Você! Apenas você é capaz de construir esse sentimento. Os afetos, farão seu papel de moldar essa terra junto (negociação) - ele respondeu.

Logo imaginei eu construindo um castelo de areia e as ondas do mar batendo sobre ele. Um eterno retorno de construção e desconstrução de mim. Mas daí, pensei que ao mesmo tempo que sou minha terra, sou a construtora do meu próprio castelo que pode desabar todo dia dependendo da maré ou das tecnologias que eu desenvolver para me proteger (resiliência seria água ou terra...?), eu também vou ser água de outra pessoa. Nessa condição de exílio/quarentena, estamos tendo bastante tempo para sentir e investigar a partir da experiência um lugar onde esses elementos dançam desejando uma harmonia imaginada. A sensação de estar consciente das nossas forças e fragilidades torna a possibilidade do recomeço muito mais potente, diligente (Estava desacostumada a lidar com essa forma em estado perene). O outro, nesse momento, não nos afeta mais diretamente, ele habita, arbitrariamente, no mundo da nossa imaginação, ou enquanto simulacro, no mundo virtual.

(o sonho é fogo e ar)

As redes sociais, já dizia Byung-Chul Han , não representam efetivamente a troca do “ao vivo”, pois segundo ele, as ações no mundo virtual são muito

mediadas, pois além do limite imposto pela própria linguagem ao falar e escrever, geralmente se pensa muito antes de publicar alguma coisa, e tem uma espontaneidade, uma idiossincrasia da socialização que se perde, além da falta de pele. Mesmo quando se faz vídeo-chamada a gente fica se vendo enquanto fala, e se ajeita, e não relaxa. Sei lá, ainda não me acostumei. Mas é o que temos! Então você fica vendo através dessas mediações uma nova linguagem que tenta dar conta dessa nova negociação. Numa dessas, ficou se repetindo por diferentes emissores do face e do insta a percepção de ter voltado a sonhar! Pelo que eu entendi falavam do sonho enquanto dormiam. Achei legal, pois mesmo quem não se permite imaginar o mundo acordado, o faz à revelia. Ainda não sei falar sobre os sonhos com propriedade de interpretação, mas sei que eles sempre subvertem alguma pretensão de realidade.

A realidade, grosso modo, seriam os fenômenos factíveis, e nesse momento agora que estamos vivendo se apresentam duas realidades paralelas: uma pública e uma privada (o que causa no mínimo uma confusão). Mas a realidade é que uma interfere na outra, uma é a água da outra. Na primeira, existem demandas práticas e procedimentos urgentes, mas, é na segunda que está o poder! Poder voltando ao texto já atualizado como potência. Potência de re-imaginar, re-projetar, re-ajustar, re-compreender e reconstruir. Parece que deu tudo errado, mas nem é tudo. Tem um monte de coisa legal que pode permanecer, têm bastante coisa boa, têm bastante coisa genial que foi imaginada por outras pessoas

e recebemos já prontas (o que seria do mundo sem a arte????), outras com algumas modificações são uma boa base de trabalho, mas tem outras que sinceramente, pode jogar no lixo e começar de novo. Enfim, o fim tem seus encantos.

Lia Damasceno 09/04/2020

DIDI-HUBERMAN, Georges. Levantes. São Paulo: Edições SESC, 2017, p.95)

Tese: Notas de refúgio: manual estético de uma relação espaço tempo sujeito. No Programa de Pós Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo. Bolsista CAPES :)

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: a fragilidade das relações humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

canção popular andina

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2017

gongorismo / Ab ovo

aos três anos,
cortei a própria língua
com os dentes frontais.
mainha jogou água gelada
no ferimento,
tentando reparar o corte.
mas um pedaço da língua
não resistiu e caiu.

a língua
voltou a crescer.

no lugar do corte,
apareceu uma cicatriz
que, na medida em que envelheço,
diminui,
a cicatriz.

quando falo do corte
para alguém,
me certifico de que a língua
está limpa
ou tento explicar
que não sou uma esponja do mar
nem uma salamandra
por causa da regeneração.

desde então,
sou complacente com
uma língua estrangeira

e, ao mesmo tempo,
tento assimilar
a língua alheia,
para produzir,
na medida em que me falsifico,
a voz de outrem.

agora,
adepto ao gongorismo,
mudei de tom
e faço pastiches:

[Ab ovo]

desde o fim
desde o galinheiro

Ab galinha
Ab ovo

desde o começo
desde o ovo

zoostripulias
donde o meio

dá-lhe maçãs
dá-lhe facas
dá-lhe bocas
dá-lhe tripas

Ab ovo
Ab galinha

desde o fim
desde o galinheiro
estou louqueando
num processo
através do qual
o corpo é consumido

donde o meio
dá-lhe cara
dá-lhe tumores
dá-lhe bicos
dá-lhe tiques
físicos e verbais

donde o meio.

Sobre Coisas Grandes

“Por tudo isso é que eu me perco
em coisas que, nos outros,
são migalhas.”

(Claudia Roquette-Pinto)

Lua cheia. Escutando música apaixonada me volto a pensar em sonhos que tenho tido com frequência nesses últimos dias de quarentena. A lembrança é sempre algo como se pudesse num plano outro, que prefiro nomear como plano astral, conversar com amores que outrora não consegui, por conta de um atravessamento estranho dentro de um condicionamento terreno que não me permite acessar por completo um entendimento sobre determinadas situações postas. Nada é verbalizado. Tudo é sentido.

É um pouco tarde. Tomo um banho e volto a escrever. Abro uma conversa com uma amiga querida a respeito de como florescemos e nos abrimos mais diante as possibilidades de enfrentamento que cada um assume na vida. Ela me conta um pouco sobre ela, me fala dos processos que passou e depois me abre um leque de opções de como eu posso trabalhar os chacras, em especial o plexo solar. Brincar com essências de cheiro para ativar lembranças, recordações, por exemplo, foi a opção mais interessante que achei. Puxar da memória algum acontecimento da sua vida e remeter a lembrança de um cheiro, um aroma que surge real na narina, é uma sensação

altamente excitante. O próprio corpo emana isso. Lembrei também de um sonho que tive e ao acordar a primeira coisa que me veio foi um aroma de terra molhada. Depois saber que esse cheiro é conhecido como “petrichor” e tem sido estudado por cientistas e até por fabricantes de perfume. A ver... Os sonhos me trazem cheiros de volta. Os cheiros me trazem lembranças e pessoas de volta.

De vez em quando volto ao conto O Outro, de Jorge Luís Borges, em que o narrador em primeira pessoa conversa consigo mais jovem e dá conselhos a si, numa tentativa de fazer “o outro” aceitar a realidade daquele encontro, enquanto este acredita que aquilo tudo, na verdade, trata-se de um sonho. E despedem-se sem um ao outro haver tocado. Há um trecho que eu adoro que fala o seguinte: “De repente, lembrei uma fantasia de Coleridge. Alguém sonha que atravessa o paraíso e lhe dão como prova uma flor. Ao despertar, ali está a flor”. Eu acho isso super lindo, lembra-me sempre desse elo que perdemos com os sonhos que para as civilizações antigas o mesmo era tido como uma tecnologia pois guiava povos através de profecias oníricas.

Esses tempos estão de encontro com a ideia de futuro, ou como seria o final dos tempos. Como se pudessemos fazer um apanhado de situações que chegam como se fosse no corpo. O que me tem chamado a atenção é a percepção que ando tendo sobre coisas que eu nem observava, simplesmente, passava despercebido. É como se meu corpo estivesse dormente e agora eu esteja ativando-o para o porvir.

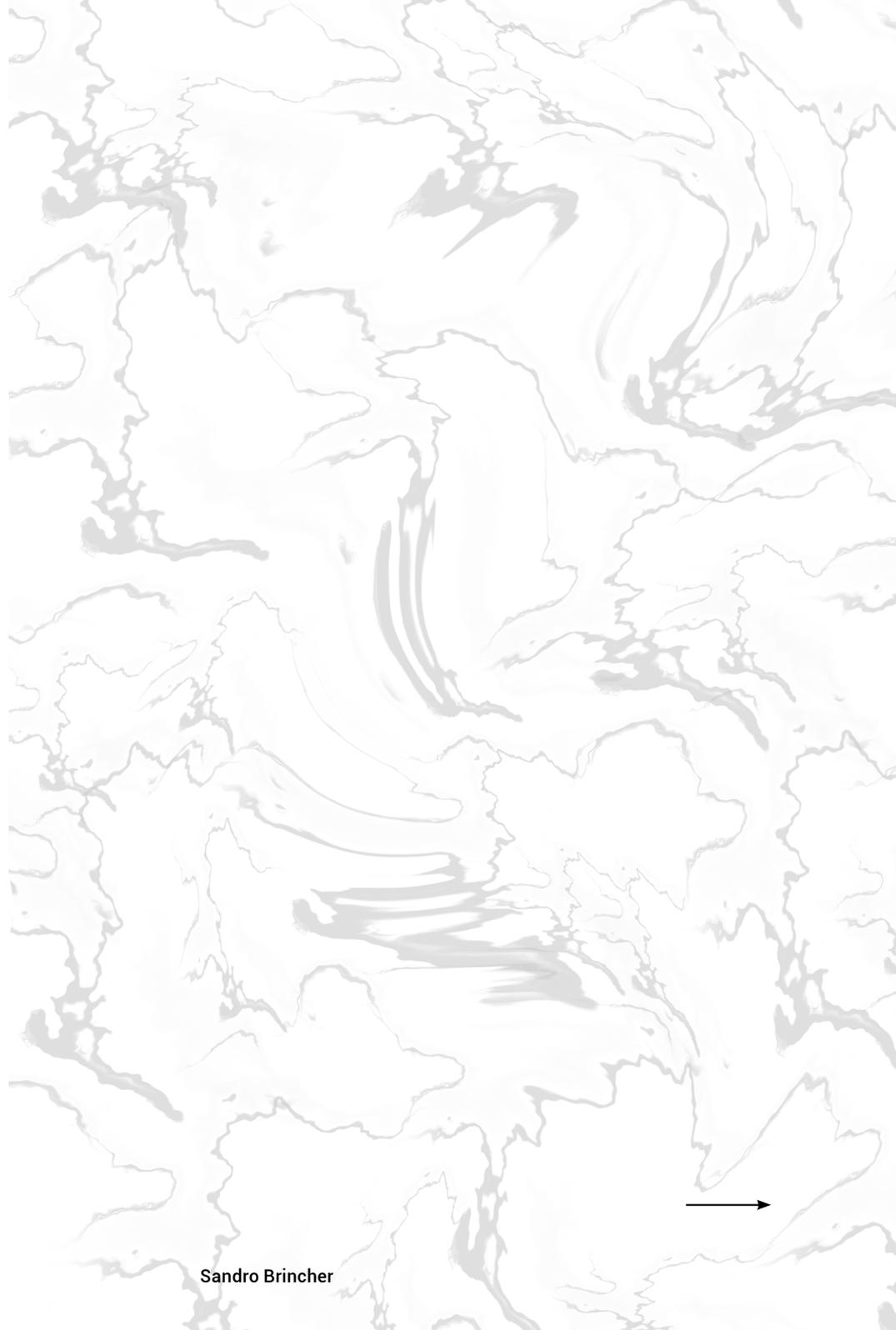
Entendendo a fragilidade e a potência do meu corpo mais do que o desejo do outro, desejá-lo. Prestar mais atenção no sono, no sonho, no corpo, na mente, voltar-se para dentro.

Uma noite dessas sonhei um sonho ativo com um corpo humano sem rosto nem sexo, uma luz num tom vermelho vivo que o circundava e eu somente o observava sem tocá-lo. Em determinado momento, encostava meu dedo indicador num feixe de luz desse corpo e sentia uma espécie de artéria pulsar. Sonhei um coração a pulsar.

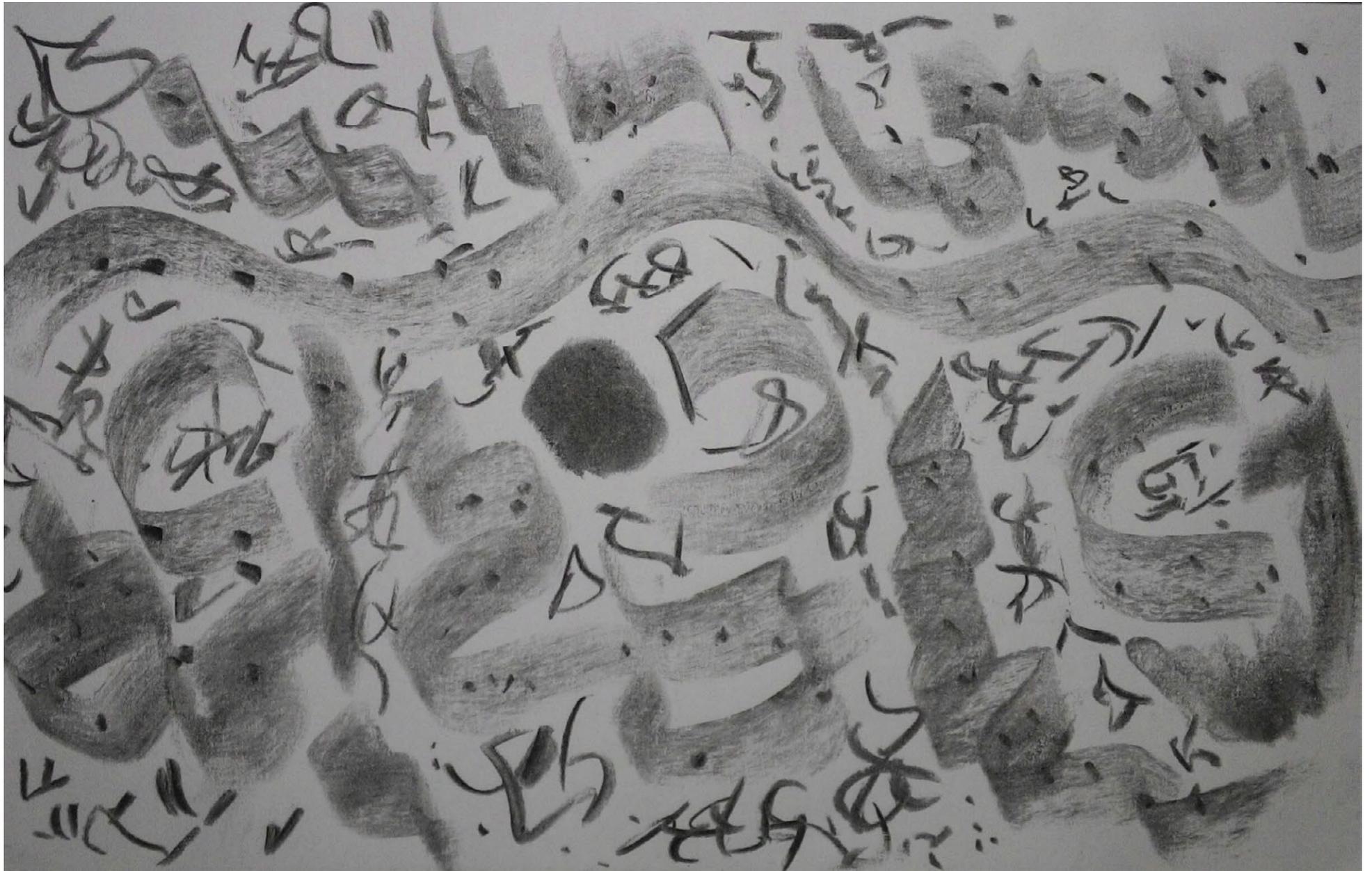
Respirei e pensei: as coisas grandes estão dentro de mim.

Parece que o sono manteve
Tudo no seu devido lugar
Inclusive você e essa música
Que não paro de pensar:

“Ah, como este bem demorou a chegar
Eu já nem sei se terei no olhar
Toda pureza que eu quero lhe dar”







Depoente

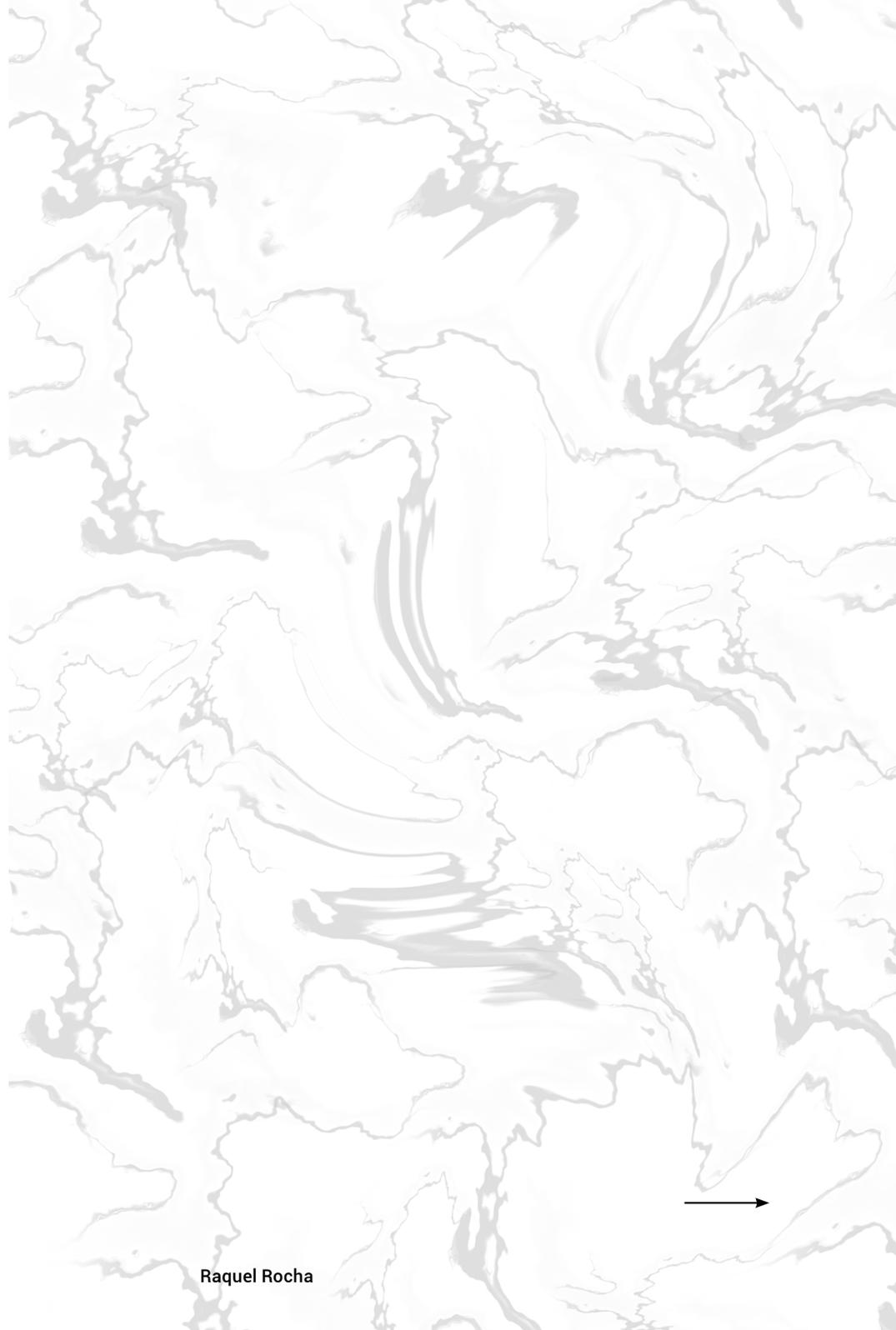
não foi por maldade
explico
houve tempo em que eu me ocupava mais com
pessoas
naquela época, imaginava todas muito interessantes
um dia, assim do nada, chatearam
decidi ir embora
fiquei ali mesmo, mas risquei da vista delas
por horas a fio, arrostava uma parede branca
nos dois primeiros dias, tentei esvaziar a mente,
anular o ego, dissolver-me no etéreo
lá pelo terceiro, notei um cocozinho de lagartixa no
canto superior direito
foi então que deixei de olhar aqui dentro e comecei
a investigar cada milímetro daquela brancura toda
no sexto dia, aquilo era praticamente uma pintura
do holandês aquele que retratava cenas cheias de
gente brincando, pulando, gritando, enfiando coisas
uns nos outros
posso estar misturando quadros, mas aposto: o tipo
era holandês
cada rachadura, saliência, friso, mancha, buraco e
cocozinho de lagartixa era uma galáxia nova
não sei quantos dias ou semanas mais passei naquela
deferência, mas sei que um dia senti um carcaço na
barriga e pendi pro piso
suava frio, vomitava
me arrastei até o portão e um passante me levou ao
hospital
enquanto lustrava os sentidos, vi um minimenino
dizer à mãe “mas o Dudu discute de mim (...)”

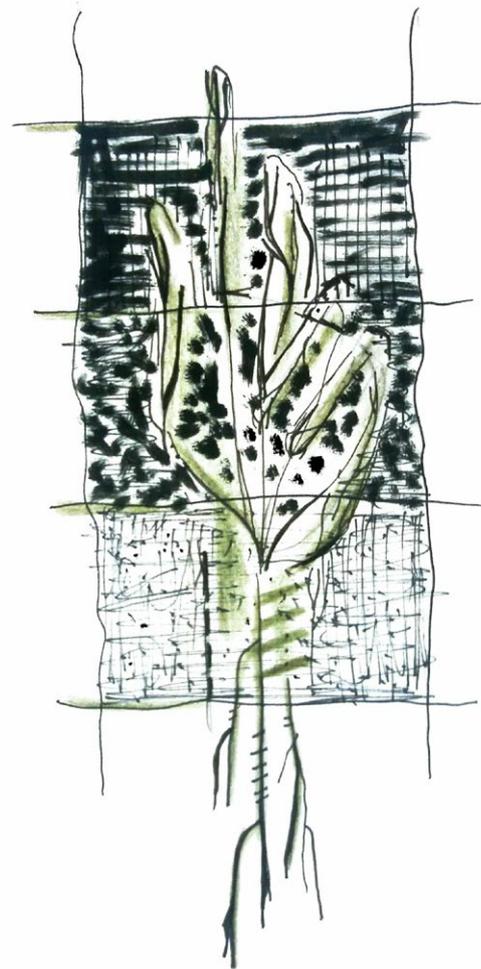
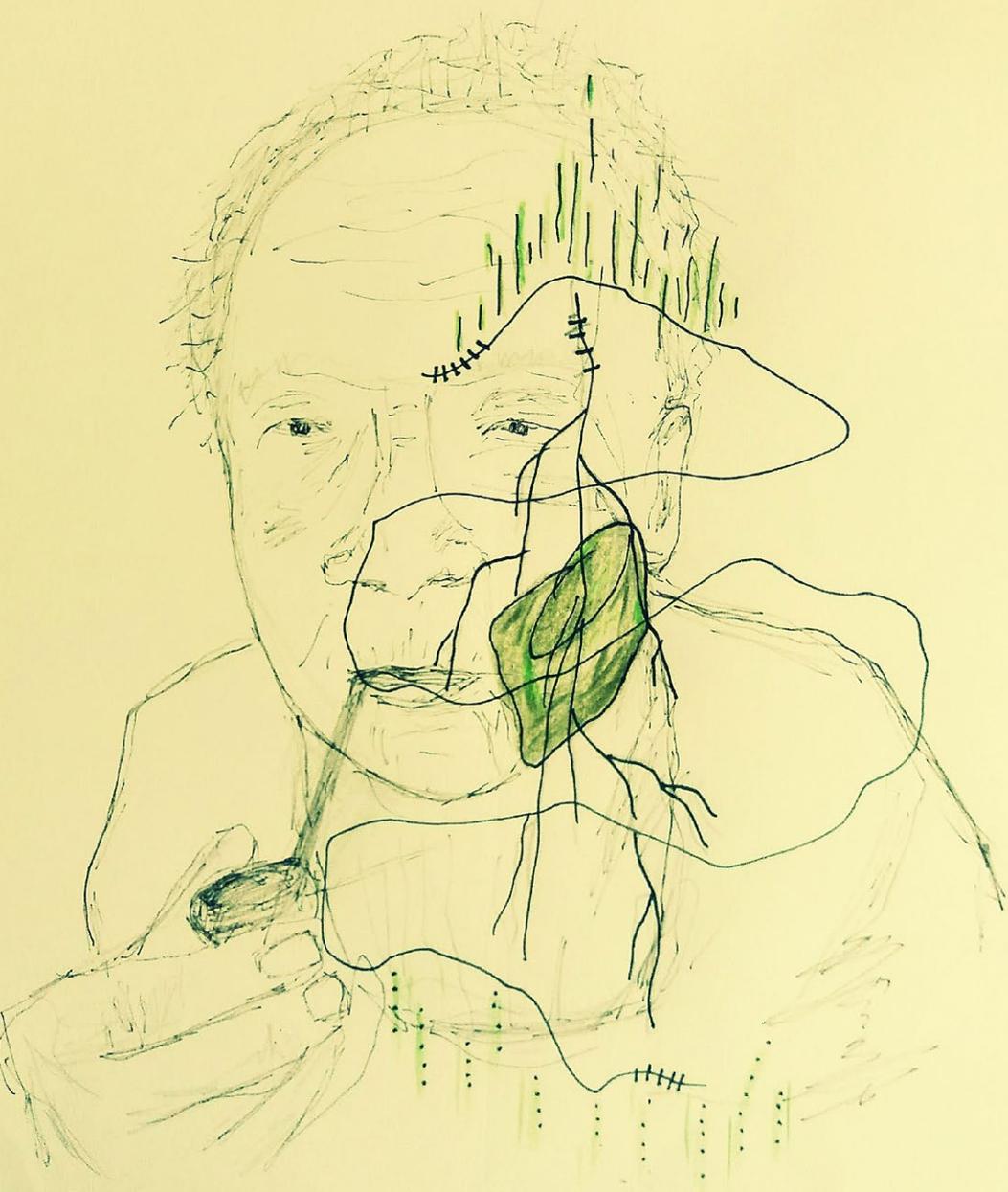
um rapaz mais velho dizia a um mais novo “ele tem
que ser suporte, ele não sabe gankar”
o médico do paciente ao lado atestava “ok,
“tumefação dos gânglios”
e fiquei repetindo repetindo repetindo aquilo tudo
um poeta português foi que me ensinou esse truque
misturei meu corpo à multidão de novo
pura cobiça: colecionar coisas de dizer
desde então perdi o interesse por paredes que fingem
alvura mas jogam de sanitários, coleções, bestiários
e sepulcros
e de ignorá-las passei a completá-las
para que fossem também berçários
e para que todos que passassem por elas pudessem
repetir o que dizem
repito: nenhum risco daqueles foi maldade
mas o senhor que é a lei, que decida.

Um Fragmento de um Sonho...

Tenho sonhado bastante. Há duas noites, sonhei com uma xamã. Isso aconteceu pela primeira vez, eu não sou dessas tão raiz que sonha com abuelas, não! Mas eu vou contar só um fragmento de um sonho meio louco, pois difícil até de achar os pontos de intercessão dentre as coisas que me chegaram. [...] Estava em um largo rio, destes da Amazônia, tenho a fotografia da floresta equatorial, por onde andei. Ali, num barco, chegava à casa de povos ribeirinhos. Ao chegar, muitas MUITAS cobras de vários tamanhos tomavam meu corpo. Todas eram pretas, algumas pequeninas, outras se enrolavam em minhas voltas por meu corpo. Tentava não desesperar, pois uma mulher dizia-me para ficar tranquila. Não desesperei. Porém, uma cobra gigante se enlaçou no meu pescoço e daí fiquei, sim, com medo. E disse: “Não, não, prefiro tirá-la”. Daí esta senhora olhou para mim e disse: “Todo bem, apenas diga isso para ela”. Daí as cobras foram se retirando do meu corpo por conta própria. E a senhora complementou: “Tudo bem, você ainda não está preparada...”

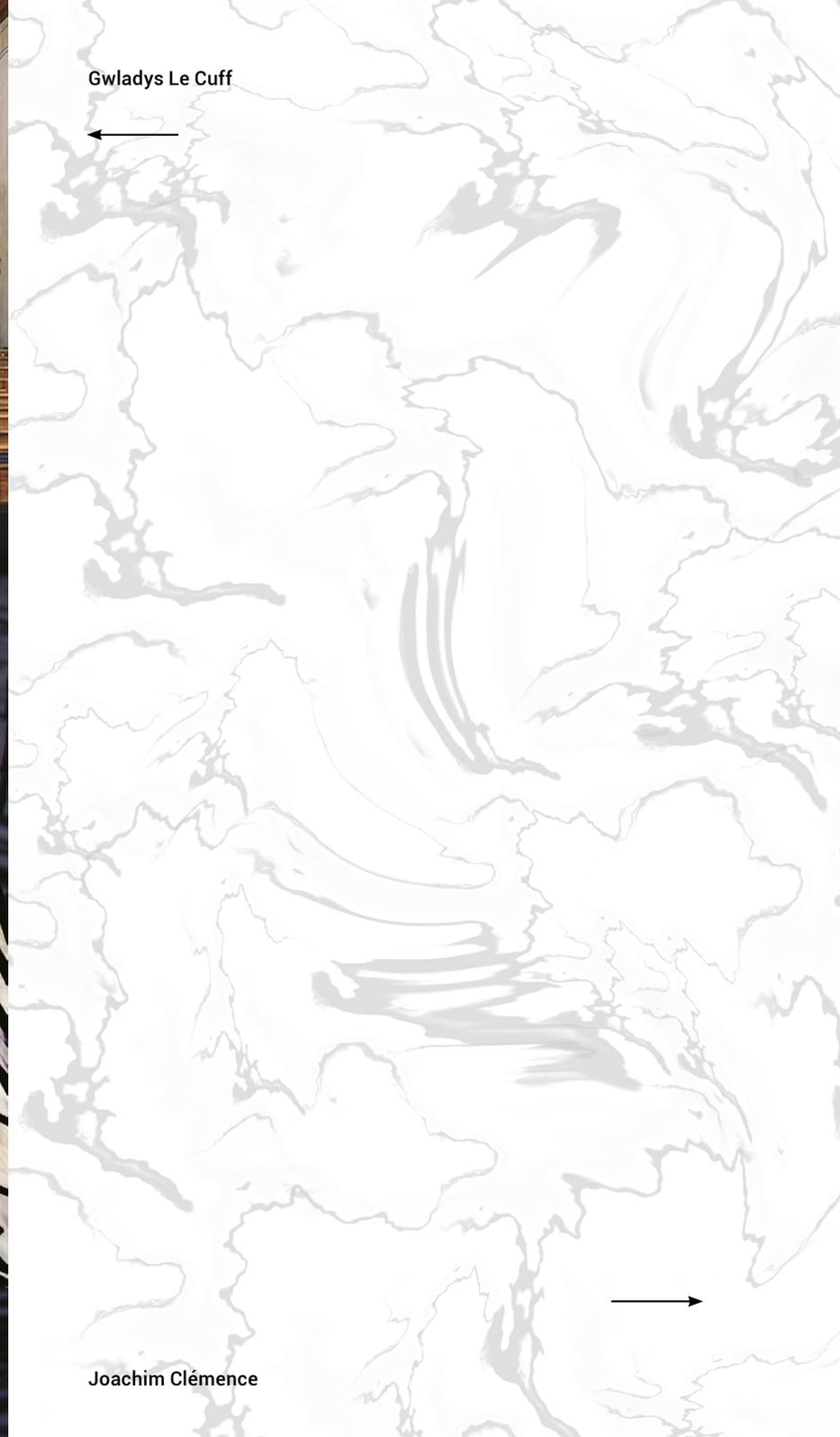
Daí, acordei! Foi durante aquele sonho já pela manhã, quando você já despertou, mas não quer se levantar e dorme novamente...







Gwladys Le Cuff



Joachim Clémence



🌿 CUIDE DA SUA ALDEIA 🌿

KabeziaMpungu ao criar o mundo primeiro criou o céu em seguida a terra e suas profundezas o mar e as aves, plantas e animais

Em seguida criou os viventes humanos.

Esses caminhavam sobre a terra sem um coração...

KabeziaMpungu decidiu que continuaria a caminhar pela terra, mas gostaria de ser invisível aos seres humanos.

Foi então que ele lhes deu um coração... E assim, ele caminha até os dias de hj sem nunca mais ter sido visto.

Mito Luba recolhido por Heloisa Pires Lima para o livro (Olele uma antiga cantiga da África)

Ed: Melhoramentos / Autor: Fabio Mukanya Simões

Ilustração: Marília Marília Pirillo

TAKE CARE OF YOUR VILLAGE 🌿

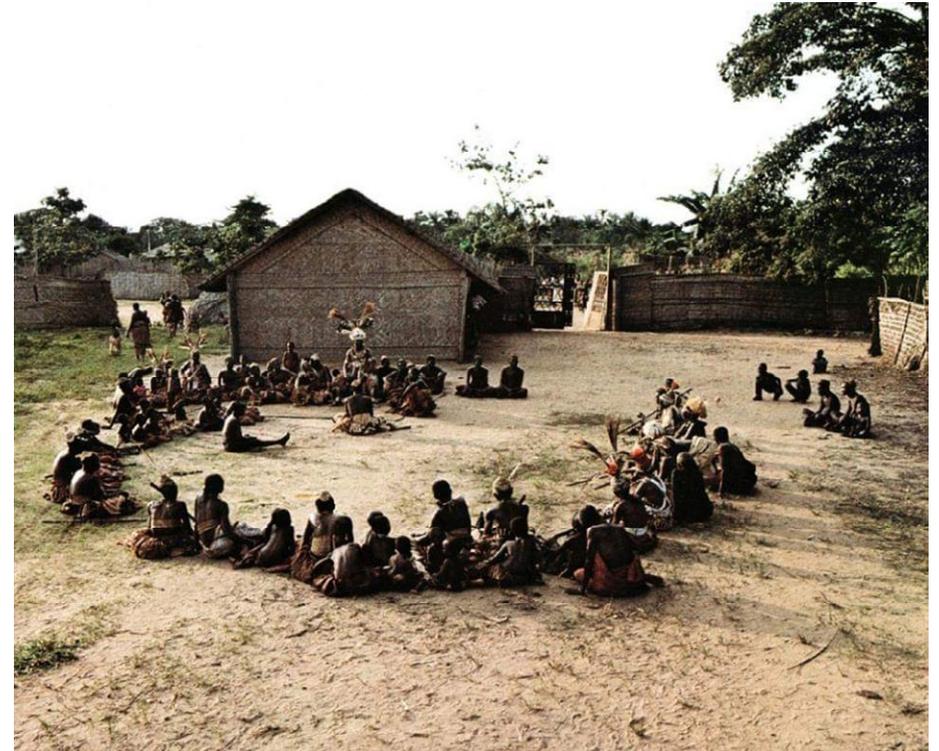
KabeziaMpungu when creating the world first created the sky then the earth and its depths the sea and birds, plants and animals

Then he created human beings.

These were walking on earth without a heart...

KabeziaMpungu decided that he would continue to walk the earth, but he would like to be invisible to human beings.

It was then that he gave them a heart... And so, he walks until the days of today without ever being seen!



```

_maze_what_deli_toyo_doyo_flap_petr_only_slee_slyv_moon_toca_floo_buoy_laxc
_flow_itis_cate_uyou_unow_bomb_opow_rare_pfig_iews_keys_stle_rrut_root_rypt
_unde_horn_time_once_howm_rune_swis_that_shee_spyo_gots_atou_tune_palm_scif
_rgro_thin_rtie_upon_ocha_yard_salp_'sit_phop_npie_pell_rist_perm_wine_irip
_agit_egyp_cubw_fast_inkm_orhe_soea_craw_clou_seek_baby_twos_flow_like_coop
_prop_tair_rite_slow_onth_aven_syif_sits_dpic_sobs_byby_wans_erup_item_aper
_jabm_axil_dips_step_moun_chee_sees_cold_cine_atom_cotp_netg_furs_asci_cros
_iaow_tuft_mark_soul_tsoy_rsky_down_rock_comb_gulp_eace_loom_path_idig_spit
_obje_your_port_cage_fera_from_worl_fres_hard_tips_enam_apht_mode_mode_milk
_ctto_mine_song_dgel_lcaw_card_dill_hey_e_ypen_toes_ored_haha_bald_ljot_bear
_poin_then_mayp_mand_pero_nde_mone_just_sche_mixs_near_mail_sign_fixa_tern
_tflu_wash_artry_orla_nion_mand_ykit_kiss_dule_pace_tobe_care_alad_tion_peek
_fare_offr_free_anal_melo_xana_adap_haza_comm_eeee_bedc_foll_rayo_youn_abys
_well_iend_dome_mond_nmoo_du's_tmob_rdbe_away_eeee_omic_owed_nfix_gold_snow
_gadg_wile_love_cann_iron_hiin_pinc_apan_hits_atla_plea_adry_dust_very_bong
_ettv_eros_alot_edus_cute_side_heck_guin_back_sgap_sant_mars_sell_fact_ocal
_trya_lens_shed_catl_gasp_wind_fini_vani_yest_alph_with_inne_newl_potm_mool
_gain_mask_road_earn_lion_hill_snow_show_rike_abet_uhuu_rhap_ywet_edal_abot
_gnom_radi_trav_whis_muse_dogs_last_loch_curl_beet_next_gods_knoc_best_less
_icax_cals_elif_kers_trap_howl_mist_ford_ycut_pill_tour_kins_kego_pass_self
_pink_ahea_awel_aswi_sand_pull_rumo_hubs_smar_flas_tais_zone_adsd_rely_cash
_slip_dcar_fare_sdom_soil_over_rrar_isle_tobs_hfry_poon_luck_addy_mass_quit
_unio_anig_pump_warm_pure_bana_pref_free_mari_merc_soni_tool_utte_diet_clos
_node_nite_itup_work_eegg_napp_erno_zing_time_hant_csun_true_ranc_slie_read
_runa_onto_oink_buto_serv_numb_geni_into_toor_bulb_farm_xlea_what_gang_quie
_mile_soon_shop_htoo_e'o'ered_efog_lamp_ders_wish_form_rner_'sup_meal_tbee
_anye_jesu_apri_toyc_fold_ping_lest_over_addc_inga_mama_bros_fits_cott_bass
_ssay_piza_lset_otts_kins_pong_cock_iota_love_rlic_cure_yrup_good_onyx_pipe
_vowd_patt_ches_shii_ship_mold_souv_jeal_rand_anav_burp_snap_zoom_keno_atbo
_rone_erns_stag_take_take_rama_enir_ousy_omdo_enue_news_papa_bell_ppop_nbon

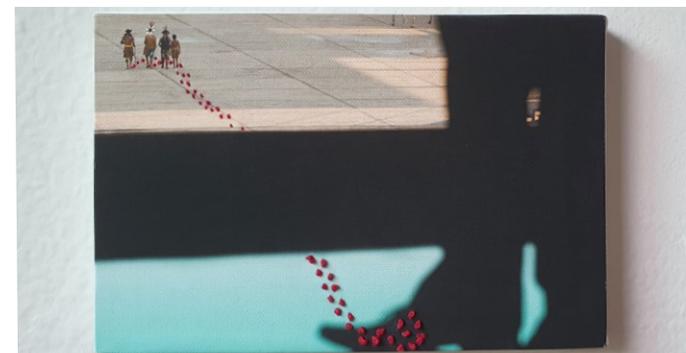
```

225 text frames from TYPEMOVIE AN ARMORY SHOW (in progress) prose poetry or
 oss word box hunt an approximation of imagined annotated researched correct
 ed discarded a zigzag with paper computer screen manuscript typed merry bet

Excertos de Sonhos



(Foto cedida por Marcos Lopes @froit.io bordado
 Rafaela Kalaffa @trans.bordo)



(Foto cedida por Janine Moraes @janinemoraees bordado
 por Rafaela Kalaffa @trans.bordo)

Sedimentos humanos espalhados por ai.
 Com -posições.
 Quem rege o tempo das transformações?



(Foto cedida por Janine Moraes @janinemoraees bordado por Rafaela Kalaffa @trans.bordo)

Por instantes achei que daria certo a travessia.
“É preciso respirar!” dizia Mundica numa
aparição sonífera. Despertador tocou. Era hora do
antibiótico.



(Foto cedida por Mavi Dutra @mavidutra bordado por Rafaela Kalaffa @trans.bordo)

Sonhei com atropelamentos. Vários, um atrás do
outro. Carro que esmagava asfalto que engolia
rio que inundava casa que acimentava mato que
enterrava gente que pisava em formigas.
Sobresaltei.
Me vi criança, como uma ponte que comunicava o
sentido ao incompreendido.

RUROMATANE

Ruromatane agreste selvagem nordeste miragem utopia real idade da terra os últimos segundos antes da meia noite o rebento do mundo caído do céu sem estrela bíblia preta noite a dentro das veias e vias onde já se viu todo tipo rua de... Quebra-cabeça jogo de vestígios alguém está sempre atrasado e a próxima esquina já se foi quero ver quem tem coragem de dizer que a verdade morreu não foi você nem fui eu pode crer o cinema agora é coisa do século passado arquivos em película quedas em perspectiva cromatiqui tudo datado venho eu nunca volto ninguém nunca volta eu não espero que ninguém nunca eu vou voltar não espero que você volte eu não estou lá esperando eu fui eu vou mudando eu vou eu mudo seja seu próprio rastro boie no mar selvagem sob o sol selvagem a vista de todos use o tato como astrolábios mastigue gentilmente as chaves de casa não seja um carro

Houve uma implosão no centro da terra no centro da terra no centro das Torres Gêmeas em Wall Street da General Motors Bolha Imobiliária

(IGUALDADE RADICAL Y SOBERANIA POPULAR)

TSCLF0CNTT TRSQDS HENDRIX BLBX AFACA CEGO
Um ônibus queimado na contramão a contravenção toma forma de um furacão na TV um incêndio o mesmo vilipêndio o mesmo vilão um rosto apagado
Retaliação Retalhação

Antisala Antessala MCMLXXVIII

O fim do mundo é aqui. É aqui onde tudo acaba. É o fim da música, da luz, do amor, do sorriso, da esperança, da cidade, do som, da dignidade. É aqui, exatamente nesse lugar, onde tudo acaba. É o fim da peste, é o fim da desgraça, é o fim de tudo, é o fim de nada. Aqui é onde tudo acaba. O fim do mundo é aqui. É bem aqui onde o x do mapa, é aqui, na última estaca da ponta metálica, o de tudo acaba. É aqui o fim da futura metrópole promissora, da cidade turística. É aqui 2007 2008.

É q disse Ecdise.

É o fim das dores musculares, é o fim do creme dental, é o fim da navalha, num espelho barato, de 16 por 26cm de moldura plástica, onde tudo acaba. É aqui onde a maconha acaba, onde o álcool acaba, onde o dinheiro acaba, onde o papel higiênico acaba. É aqui onde os dentes acabam. É aqui onde as portas são arrombada e se vê o que tinha dentro da casa...
NADA!!! Não tinha nada!!!

Hummmmming

MARIELLE
Desarmar bombas
Tudo ainda
Antes de ser

Fotos de ruínas
Onde mal tem luz
Onde tudo finda
Nascem flores
Folhas queimadas
Tentam esconder
Sempre lindas

O segredo de estado

02071824
Noite aqui
Corujão rasga a madrugada
Todos já foram embora
PRAÇA
Escrevo tarde
Em sobreposição de rostos
CIDADE INCHADA
A dança da autodestruição da máquina de lavar
Lembrança repentina
Do esgoto
Tudo morto

ANTROPOCENO
(eles e nós)

06/09/03 Sábado

Deus não existe
A África
A América Latina
São testemunha
e São aprova
Disso
O apocalipse é um fetiche

MMX MMXV MMXIII MMXVII
IIIII IIIII IIIII IIIII IIIII III

Messejana 11 Extensões Urbanas

Por detrás dos viadutos e das ruínas se hospitais .
Por debaixo das esquinas e dos distritos policiais .
Enterrado na lama da publicidade, nas colagens de
artistas urbanos . Nos prédios lacrados que aguardam
o seu momento de se tornar um novo empreendimento .

BALDIO

Vamos Pensar no Sonho

vamos pensar no sonho
como um círculo
autorama solo
em que um carrinho imagina
veículos-fantasma correndo
a sua volta

vamos pensar no sonho
como a panela de pressão que
explode a tampa
do crânio e abre
a cabeça à força

vamos pensar no sonho
como o impossível que foge
e, dobrando a esquina,
deixa para trás
a ponta da cauda

vamos pensar no sonho
como sonho
em oposição ao deslocamento
manual dos copos
ou qualquer ato que comprove
aos olhos crédulos
a aliança entre
causa e efeito

vamos pensar no sonho
como lugar privilegiado
desta conversa
como abandono
da lógica
do tempo-espaço
do eu-outro
vamos,
vamos pensar no sonho?

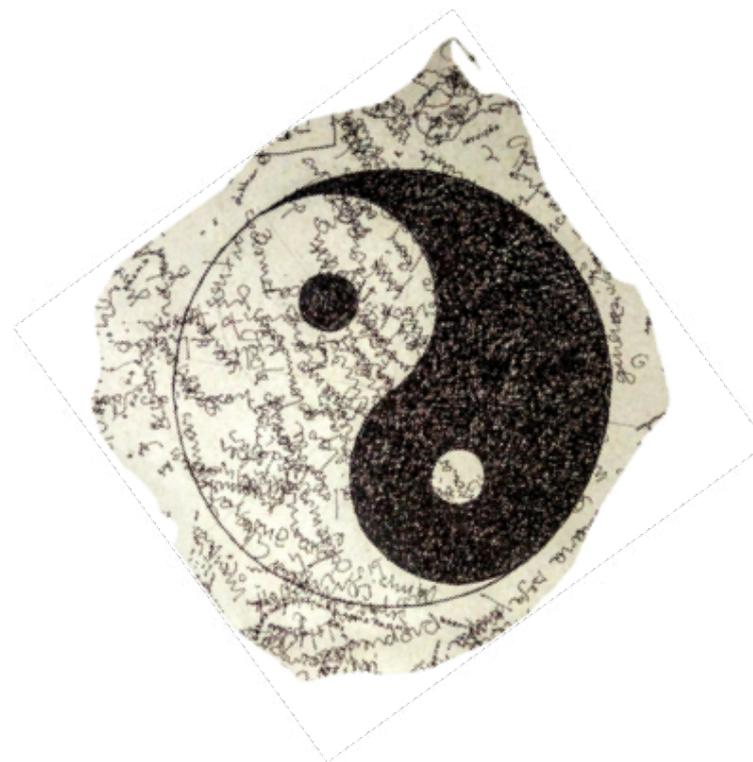
-

Vertumno

Na terra como no céu
no humo como na atmosfera
as correspondências dos seres
em corpo tempo e sonhos
a pretensão de unidade
extravagante cegueira
diante do mar de bocas
mortas cantando sóis e luas
a polpa da carne
já morta no viço
da fruta
a química
do cérebro
esperando um sopro
(de onde? de quem?)
para acender
ou abafar
a brasa
em cinza

Aqui do meu pequeno apartamento (que uma amiga chamou de bunker), acordo entre 8h e 9h. Evito ouvir jornais pela manhã, tomo café ouvindo música. Olho pro mar em frente, mas não me detenho, também evito pensar que vivo num paraíso (artificial). Leio, compro almoço, leio mais, vejo séries, filmes, documentários. Me desvio. Saio de máscara de pano agora, só respondo “débito”, quando algum caixa ou vendedor me pergunta como pagar, às vezes algum cara de um app de namoro me manda uma mensagem, e acompanho a repetição de um protocolo de perguntas e respostas, talvez nem isso. Além da minha família, não encontro com muitas pessoas conhecidas, virtualmente falando. Parei de pedir comida por delivery. Saio de tarde para caminhar na praia, aonde os mesmos rapazes jogam bola, surfam e famílias passeiam junto à orla. A lua me segue pela janela de noite. Grilos me fazem dormir. Um pássaro fez um ninho na minha varanda, aonde alimenta um casal de filhotes. Vejo-o chegar ao final do dia. Ali tenho uma casa, nessa cena.

Nada Mais Aquilo



O amor avança como ondas, ora violentas na ressaca, quando não mortais nos tsunamis. E no tempo de viver, e fazer, e seguir com os dias, o vagar calmo e doce. Constante. Ir e vir da água. Onda após onda, nelas cabendo a transformação toda impressa no quebrar.

Pensar no amor como o sublime que encarcera. Sentí-lo assim. Lembrar-se dos caminhos do leve conviver se transformando no toque, na troca e no então êxtase. Uma hora esses movimentos foram impensados, fizeram-se depois notar na paixão que se concretiza e se estabelece para ela mesma então se tornar impensada...

“Estar-se preso por vontade...”. Ou por necessidade. Aqui tudo se confunde. Precisamos do amor e o queremos. Tudo o que há de inalcançável à distância de um abraço e quando estendemos os braços, a possibilidade do infinito cabendo onde a gente consiga segurar para não mais ir.

Agarrá-lo é desafio e repetição. Ousadia de estar face a face com a felicidade plena, com uma completude intrincada onde os limites de si se confundem com os do outro. Onde desperta em um dos dois a sina de viajante, do livre e do só, onde duas feridas se abrem gerando partida, que antes significava saudade aconchegante e espera apaixonada, agora perda. Abraço vazio. Braços abertos com o mundo a conquistar. A desilusão de descobrir que o infinito já coube no abraço, mas o mundo jamais caberá. Vontade e necessidade. É hora de voltar.

Mas como a água das ondas que desenham maravilhas efêmeras na dança das marés, a forma que o amor retorna para nós jamais é a mesma. Quando fatidicamente ele nos encontra, nem ele é o mesmo. Não o reconhecemos, as sensações nos assaltam. Memórias, afetos. Estamos curados, mas as feridas fechadas deixam marcas sensíveis na pele. Tocá-la de leve gera uma sensação de dor fantasma.

“Cuidado onde pisa/ Pode ser meu coração”, diz Leminsky. Por uma primeira vez ou por tantas, ao retornarmos para o amor, não somos mais os mesmos. Quando os momentos se armam, não somos mais quem espera tanto, nem o que se joga cegamente. À certa altura do caminho fomos um e outro e o gostar pede licença devagar, testando solos, experimentando sentimento com o cuidado de quem brinca com fogo. Porque não buscamos mais um querer arrebatador, pois ser arrebatado é máquina de medos. E temos medo de ter medo. Jogamos o amor num campo minado onde ele não pode ser banal nem sublime. Queremos nos tornar e torná-lo o que Suely Rolnik chama de “nada mais daquilo tudo”.

E nunca ficamos bem com esse falso controle que jamais será alcançado...

Neruda respondeu à Clarice Lispector, quando esta lhe perguntou se ele já sofreu muito por amor: “Estou disposto a sofrer mais”. O que resta do não pensar no sofrimento como regente do amor? De jogar-se na vida, como sabendo que o amor nos cobre

como as ondas inesperadas de seu mar?

Sentidos.

O mesmo Neruda cantou olhos, boca e sombra. Presenças e ausências de si e do outro. Cabelos e pele. Cheiros. Beijo. Distâncias e abraços. O contraste inevitável da vida. “Amor divinizado que se chega/ Amor divinizado que se vai”. O preto e o branco do gostar e não poder perder. “Por isso te amo quando não te amo e te amo quando te amo”. E a balança de seguir a vida após perder. “Se pouco a pouco me deixas de amar/ Deixarei de te amar pouco a pouco”.

[...]

warring clans fighting to “do” society to everyone

by mining it. (the bromelia told me, i never saw nothing.) to manufacture weapons to aim at them. arms that both explode everything into a kind of bromelia flower and that sneakily tunnel in to something and extract vir(tu)al gold and sneak out without a trace, fungi-ninja style.

but breakfast, but coffee, cant last forever. consider the stamp you also are. at some point you have to put down your bowl and even that mug and stand up and ready yourself and then

turn away from the bare mountain and the squeaking micromonkeys scattering half-starved over it and

return to moist bed of stench and non-being and think on how in those moments you spent with those things of the caustic outside your very own distance from the roman empire and most other things too just ... *slightly* ... increased

by this kind of seizing, and often its great and important.

and then its days of sophisticated confusions

, putting your hands on ppl and saying look theres nothing here because you wont do my bidding and im a cranky maniac and why dont you all obey so i

can be happy in the other creeps castle and win at frogger and not die like a found-out typo.

but i shd take steps, 000s of steps,

squidward! squidward! squidward! squidward!
squidward!

i mean, i live in this shit country, im destined to be a widespread problem among the young adults here

whove never heard of me.

[...]

the mass media just came out as a death calculator hooked up to a megaphone.

everyone should come out to their parents, twice. a general strike for the chain of generations in the form of a massive fake-out, but made out of love beyond norms, and never switch it off.

everyone should come out and get this tag roastin!

we are already living in the feed? like the future said a century ago already, go on, maybe today the world is banned in here.

sure, thx. this is horrific, and this is 11-month-old discussion! it just says "dude, i told you bro." — its all you need, no?

wow, what a dread, i mean what a *thread*. i use it and it will seem miraculous and then in the usa and so this approach comes up with this amaze shit, but i feel like it was made up by a bot going to become more and more and more and more and more

sad!

we (be)come for the pc, to approach and integrate it into the #grave of their hearts. and thx, this is horrific, and this is actually true!!!

lets make it, you and me, in the grave of their hearts.

yeah thats why im so confused. well, ill try to use it for the disastrous future

i used to be, we are all, salivating. but theyre also quietly disappointed that its not *that* fatal, not *that* in our asses.

one blogger likes this.

26.12.19

we were catching a boat through some of the large berlin lakes, but then we sailed all the way to finland. or i knew that was where we were going without really seeing anything different apart from lots of extremely bright white apartment blocks with tiny tiny windows (for the northern weather?). forget the rest.

*

driving around a car park or industrial site with marc i think. then hanging out somewhere with a group of women, flirting... we end up back at a friend's place. then after someone telling us about this crazy neighbour guy, who has had thumping music playing since we arrived, she goes to tell him to turn it down. he opens the door, the music instantly stops without him doing anything and he starts talking to us manically, as if he were already in the midst of a conversation with us before we knocked on his door.

later we are in his room which is really long, thin and low-ceilinged, with doors in the middle of the long walls. he starts talking about ketamine, marc takes some... later on i have a stack of ketamine in the form of something very like shoe polish. it is a very dark green like my marseille olive oil bar of soap. i go into the bathroom and paste it generously on my face in the form of a full beard. then i have that k experience where you think your eyes are open but they're closed, and then... you open your eyes. it

feels like a world is lifted up or open, and inside it there is another world. the world sheds a skin, and the one underneath is wholly unrelated the first. my reflection in the mirror is a dark, wolven red-eyed monster, then i open my eyes to see me as me again, with an olive-green shoe-polish beard of ketamine and normal rather than werewolf eyes. but the experience of opening my eyes, of waking back into the existing reality, is more horrifying to me than seeing myself as a monster.

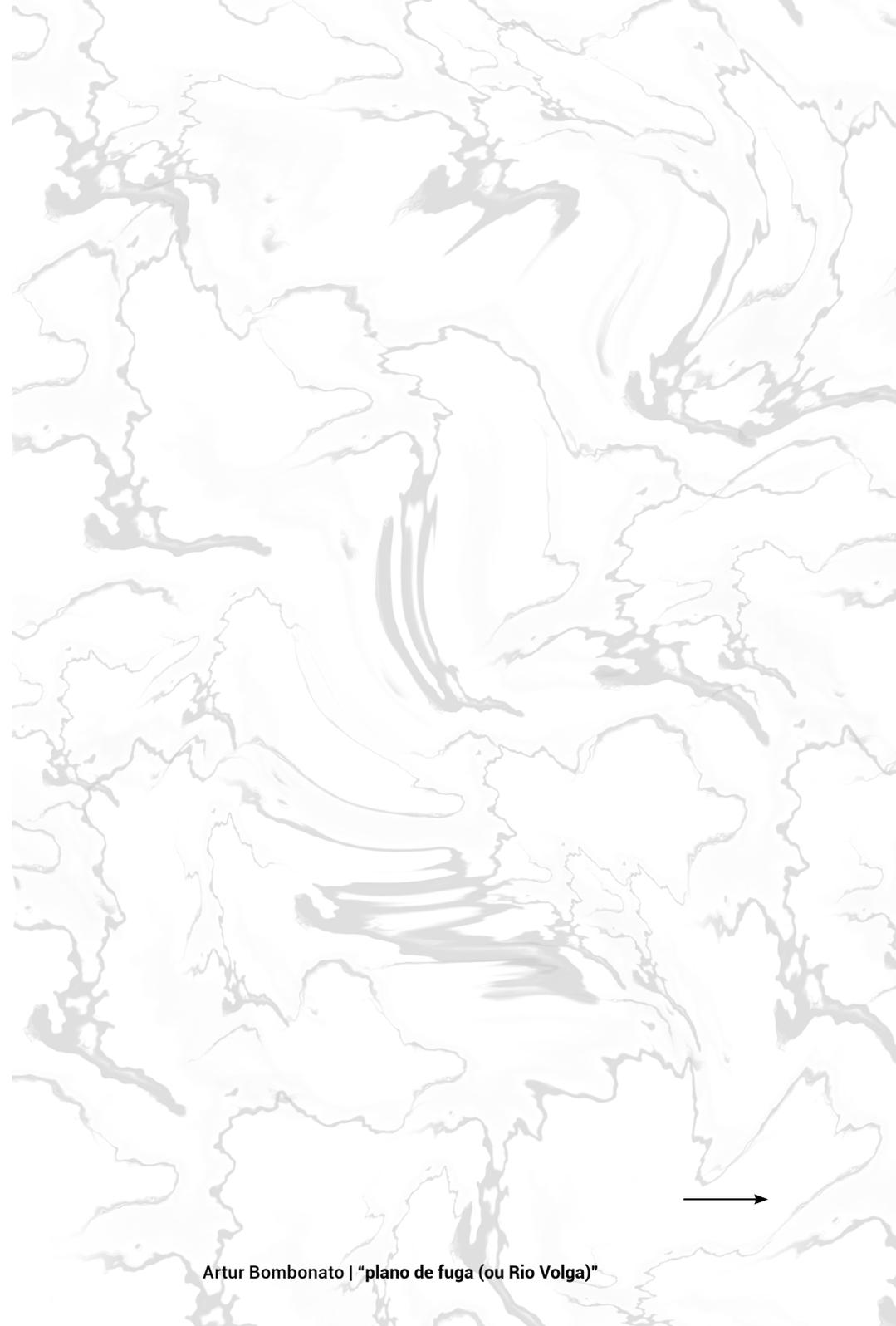
back in the main room we are all keyed up and hoping for fun and games of some kind. the furniture moves and disappears at will. marc and the neighbour also discuss obtaining ketamine legally from the city council; they are waiting for approval, which a small recorder seems to be telling them about. a stack of polish people arrive in the hall, but they leave us alone. i'm not high in any noticeable way, after the mirror lunacy, i'm mainly an observer of our party.

*

in the next scene i'm playing competition tennis with a very professional and fairly aggressive guy. we play a few shots, him serving, and they are instantly over without us even playing and without it being an ace either. but he wins every point. then it's turn to my serve, but time distends and warps and i never end up playing. i walk around a bit nervous, coaching myself, searching for balls to serve. after a while he walks down to my end to pick up and remove a small white feather from the surface of the

court (recall: this actually happened once during the australian open i think). i take up his lead and start removing all kinds of crap, but then as i look around the court (it's hardcourt so should be totally flat and smooth), i realize there's nothing i can do about the huge rocky bumps all over. they're just part of the competition, like the dark cracks and bumps that develop during a test match in cricket (but this is tennis). i just have to hope he doesn't manage to hit them when he returns my serve. then i'm struggling with the different balls. some are not fluffy enough even though they should be brand new. i keep testing them, squeezing them in my hands. i go to serve with them, holding a racquet in each hand, convinced that this is an accepted technique, if only a little tricky to get right. i try to swing a few serves in this manner but don't actually hit any, i'm just warming up, swinging through the air to practice the motion. then my opponent sends a few more balls down from his end. they are all excessively fluffy, and lots of them are split as well. i smack them dismissively into the now very numerous audience (it turns out this other player is well-known), angrily explaining that they're split and implying that i won't accept to play with them. then as i get ready to serve again, having chased different balls around the court for ages, he is suddenly on my side of the net, facing me, ready to receive, and then there are two of him ready like this, blocking the whole court. then i'm in the very back corner by the fence. there is a huge open drain there all the way a long it, about two feet deep, and one foot wide (i.e. extremely dangerous inside a tennis court). i'm shrugging off one heavy black

backpack, and then the other, easing them into the black concrete drain where they'll be safe for the moment. it's tense but i'm keeping my cool about everything. i go up towards the net and yell "so we are gonna play? yeah? YEAH?", angry at him and his flustered time-wasting, even though i'm the one wasting time (i'm wasting time, but it felt like i was 'getting (important) things done' so i'd be ready to play). he nods like a pro and i ready myself for the 20th time. then there is a kind of voice over (but not a tennis court PA) explaining how my opponent did some weird illegal thing, it's unclear what, it seems obscure and technical. then there is a riot cop in an orange (life?) vest next to him at the net but not touching him, just standing there, huge. then 20 cops are swarming the court. it's a raid. i move back to the fence, my back to it and my hands up, then lots of the cops on his side all move to the side fence in concert, as though all obeying someone, their faces hard up against it, pressed into the cyclone wire by some kind of incredible force. there is a lot of lots of hushed freaking out from the audience. it's kind of like a joke theatre or video clip. i never struck a ball.

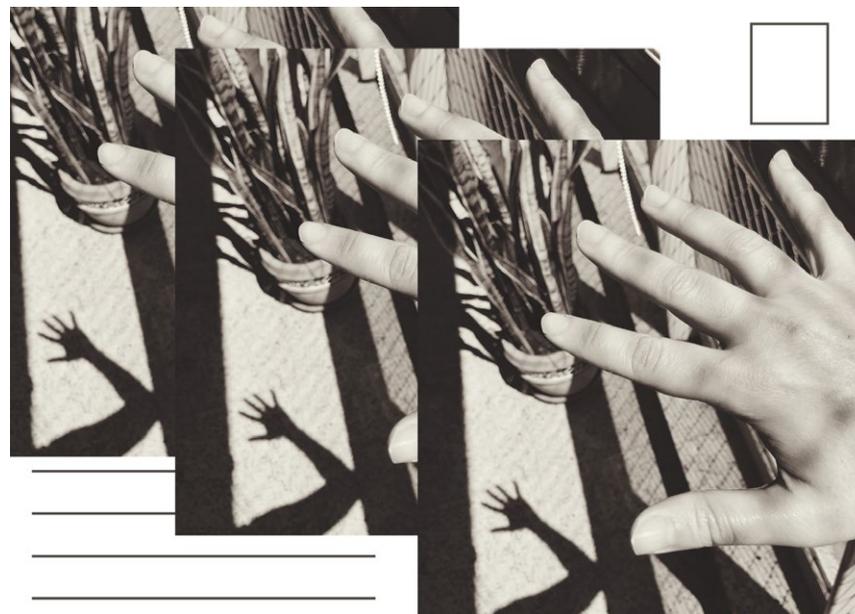




eu não estava esperando por isso, de maneira que não segurei aquela mão como se fosse a última vez. não sinto falta do beijo. não sinto falta do abraço. não sinto falta da foda. não. tudo abstrato. sinto falta da mão. a mão que entrelaça os dedos com outra mão naquele encaixe que é incômodo e depois a gente acostuma. os braços balançando as mãos. vai e vem. medir a minha mão na sua, a largura dos dedos, o comprimento dos dedos, os lugares estranhos onde crescem pêlos, as unhas roídas, as unhas bem-feitas, as unhas espetadas, as unhas limpas, as unhas sujas. não importa. uma mão lava a outra é metáfora. uma mão lava a outra 100 vezes ao dia é distopia. os vincos da palma da mão. tanta coisa dá pra saber pela mão. meu futuro na palma da mão. eu quero segurar sua mão como na música dos beatles. sinto falta da mão. da mão. da mão. da mãe. a mão da mãe que segura a mão da criança pra ela não fugir. a mão da menina que caminha de mãos dadas com a melhor amiga. a mão gorda de um bebê. a mão cheia de manchas da minha avó. a mão de dedos grossos da minha tia. mãos ásperas. mãos aveludadas. eu quero o calor que só as mãos têm. dependendo, algum suor. dependendo, algum tremor. aquelas mãos que tremem depois de uma noite de bebedeira. aquelas mãos desconfortáveis que se escondem nos bolsos das calças. aquelas mãos contrariadas enfiadas nos braços cruzados. as mãos habilidosas que pintam e bordam e plantam. as mãos de desconhecidos que nunca gostei de apertar e que a gente aperta por educação e com firmeza porque aperto frouxo denota caráter débil. aquelas mãos de 2018 quando ninguém soltou a mão de ninguém. a mão oferecida na

hora de rezar o pai-nosso. a mão que segura na mão de deus e vai. a mão da palmada. as mãos aplaudindo. a mão de high five. a mão do tamo junto. a mão que chama. aquela mão que me tinha na palma da mão e não sabia. as mãos de tentáculos. por todos os buracos. em todos os oráculos. não temos mais esse templo. a mão. a mão dentro de mim. em qualquer lugar. de preferência na minha mão. como se eu não estivesse esperando por isso.

niterói-rj, 14/04/2020.





O cheiro

Eu estava na varanda e havia uma brisa suave. Era início da noite, quando ainda há alguma claridade e eu podia ver Vênus a noroeste na nesga de céu que me cabia entre um prédio e outro. Senti um cheiro doce de flor, apesar de só ter plantas de folhas no meu jardim suspenso. Inspirei e repuxei o nariz como fazem os animais quando farejam algo. Não conseguia entender da onde vinha aquele cheiro. Seria algum produto de aromaterapia da vizinha? Seria alguma planta da rua? Sentei na poltrona e fiquei olhando pra Vênus, me perguntando se era Vênus mesmo que eu via. Prefiro que seja. Cheirei meu cabelo só por obrigação porque sabia que o perfume do xampu não estaria durando há dois dias. Me

levantei e aproximei o nariz das folhas das espadas de são jorge, da babosa, da jibóia, da peperômia, das suculentas. Nada. E outra vez um cheiro floral e agradável. Bom mesmo. Queria saber da onde vinha. Tenho uma bougainvillea que não floresce há dois anos. A culpa é minha. Dei pouca água. Dei muita água. Não adubei. Podei demais quando não era a hora. Agora observo ela todos os dias, escuto o que me pede e peço silenciosamente que me perdoe e me dê novamente uma flor. “Eu, simplesmente, não sou uma delas”, talvez a bougainvillea me dissesse. Entendo, eu também acho que não sou mais uma delas. A brisa volta a bater, o cheiro ressurgiu, sinto meu vestido, este sim florido. Seria possível que as flores estampadas emanassem algum odor? Examinei o tecido e as flores se ramificam para fora dele, os caules envolvem meus braços e minhas mãos como tatuagem — mais que isso, como novas partes vivas do meu corpo. Ramos crescem dos braços, passando pelos ombros e contornando meu pescoço, subindo até as orelhas, se embaralham nos meus cabelos e fazem mais nós e flores e folhas. As raízes crescem pelo meu couro cabeludo, me fazendo um cafuné. Os ramos me abraçam e eu os acolho em minha pele, respirando o perfume das flores com a ternura do alívio de quem não precisa mais farejar. De repente, foi assim que me senti. E, no instante seguinte, me veio a ideia de que talvez fosse verdade a promessa do amaciante de roupas “brisa de verão” de vestir-me de perfume o dia todo. Olhei pro céu. Vênus, ou o que eu achava que era o planeta, já tinha desaparecido. A brisa se acalmara, o cheiro era agora quase imperceptível e a realidade queria me convencer

de que tudo que eu sentia vinha de um produto sintético, metáfora clichê da natureza produzida pelo marketing capitalista. De repente, foi assim que me senti. Tirei a roupa. Deixei a escuridão da noite envolver meu corpo nu.

niterói-rj, 24/04/2020

Bocarra

A estrada mal existia ali. O caminho, de terra batida, tinha um ar de sonho. A lua acinzentava a visão, se podia sentir a luz, como se ela formasse um aquário. Eles caminhavam em silêncio pela beira da estrada, só era possível ouvir as botas e os adereços batendo no chão e no corpo.

Ainda firmes em seus absolutos silêncios. Nenhuma ave cantou, nenhum vento correu. Os três homens firmaram acampamento com o fim de esperar.

Pela manhã, chegaram a uma casa inteiramente ladrilhada. O teto alto faria lembrar uma exótica igreja, confeitada com milhões de pequenos ladrilhos diferentes, espelhos, desenhos. O primeiro homem, o mais velho, localizou a porta. Olhou fundo para os vincos da madeira, acariciou os em prece. Entrou. Era possível sentir o cheiro doce que ela exalava, atravessava as paredes e os limos, e as árvores e todos os seres vivos que podiam testemunhar aquele odor.

No dia seguinte, ele foi liberado. Visivelmente abatido, ele gemia por água e descanso. Os companheiros ergueram o corpo tenro e magro de seu patriarca, cheios de compaixão e respeito. Deitaram no em uma esteira de palha e lhe deram o que beber e o que comer.

Pelo deitar do sol, iniciou –se um vento rai-
voso, pleno, úmido. O segundo homem resolveu
descansar alguns minutos. Sonhou que estava dian-
te da porta, sentindo o perfume dela. A porta abriu e
de dentro da casa, uma enorme língua lambeu todo
o seu corpo. Tremores.

Acordou em êxtase, pegou uma quartinha
com água, amarrou na calça que vestia e correu até
a entrada. Como no sonho, a porta escancarou sem
que ele a tocasse. Atravessou o portal com uma sen-
sação de coragem e força que poucas vezes se lembra
de ter experimentado. E no fim de um enorme salão
espelhado, estava ela. Pequena, silenciosa, observa-
dora. Ela caminhou até quase beijá-lo. Ela podia vê-lo
profundamente.

O homem sentia que estava prestes a se per-
der. Chorou.

-

O velho e o silêncio – Sonho de janeiro de 2020.

Descemos do ônibus, um transportador
amarelo de detentos. Outras mulheres, além de
mim, saíam do automóvel, mas só ele era minha
companhia. Homem de expressão grave e agasalha-
do em sobretudo cinza-azul, um gorro azul claro e
uma longa barba branca. Eu e o velho contemplá-
vamos uma cena muito branca, neve que nunca co-
nheci pessoalmente, mas que me parecia tão óbvia.

Comecei a falar com ele em inglês, estáva-
mos preocupados e era óbvio que tínhamos um ob-
jetivo naquela visita. Alguns metros à frente, podí-
amos ver um amplo pátio, onde caminhavam dezenas
de mulheres. Elas saíam de celas fora do alcance dos
olhos, algumas pareciam ir embora. Ficou claro. O
prédio, a tristeza, o ônibus. Uma penitenciária que
eu sabia ser masculina, embora não pudesse ver ne-
nhum homem, além do meu parceiro.

Tagarelei para ele, ansiosa, com destreza
que em verdade não possuo. Inglês é um mistério
que desvendo muito modestamente, nada que pos-
sa compor um monólogo ansioso e ininterrupto. Eu
sofria em arquitetar uma forma de transportar os
presos. Eles padeciam de algum mal, havia gravida-
de. Homens presos que precisavam ser protegidos
do frio para serem curados.

Saindo de sua imobilidade contemplativa
e paciente, meu acompanhante expressou – se de
forma única e incisiva.

- Shh!

Obedeci, calando – me imediatamente.

Acordei.

O Humor Dela Desde Ontem Está O Que Eu Chamo

Os sonhos dela. Como se fossem meus, começo a detalhá-los, escrever, contar, compartilhar no whatsapp. Uma hora, ela reclama. Eu não entendo o problema. Os peitos e a buceta ela mostra em todo canto, mas é pudica da psique. “Pudica da psique” me lembra a história da “sovina da vagina”. Posso contar essa história? O texto em si se estrutura como um sonho e flui sem que eu controle como um tema se liga ao outro.

Sovina da vagina é uma expressão saída de um texto de uma antropóloga trabalhando com os Matis, povo vivendo dentro do que foi delimitado como Vale do Javari, na Amazônia. O “ego” da antropóloga, um jovem que ela observa para poder entender as relações de parentesco na sociedade, propõe, uma hora que eles vão pro mato, que os dois, antropóloga e ego, dêem uma. A pesquisadora explica então ao jovem as complicações e as hierarquias existentes na relação deles, o que impede que ela aceite essa proposta, além do mais, ela explica, ela é casada, monogamia dos brancos, coisa e tal. O jovem diz, beleza, ok. Alguns dias mais tarde, nos conta a antropóloga, uma das anciãs da tribo vem falar com ela, consternada. Um rumor corre que ela teria sido descortês com um jovem Mati. Como assim, você não quis dar uma com fulaninho? A antropóloga repete todos os seus argumentos e explicações e a anciã responde, mas como assim. Veja você, o outro dia uns parentes chegaram, e tinha um que era velho e feio que só, mas eu não ia

fazer essa desfeita. Fui lá e dei pra ele, sou generosa. A dita antropóloga se esquivou e tentou reexplicar, mas finalmente não tem jeito. Choque cultural. A antropóloga passa a ser conhecida entre as mulheres Mati como “sovina da vagina”.

Ela adora essa história, nem todo mundo aprecia. Ela adora uma pirraça social leve e que encoraja a promiscuidade feminina. Por outro lado, não achar graça de outras formas de compartilhamento da intimidade. Pudica da psique.

Nessas horas, em que ela passa a reclamar, esconder, delimitar, excluir, é porque está de humor que eu chamo “europeu”. Ela acha falta de respeito, ela foi dormir no outro quarto, ela não ri de si, ela se torna possessiva e individualista a respeito de coisas que são nossas, compartilhadas. Ela também tem uma consciência dupla – ela deseja a tribo e deseja um inconsciente individual, intimidade secreta. Ah, meu amor, mas na boa sacanagem, na utopia do mundo melhor, para o sexo melhor, tem que botar o inconsciente pra jogo. Principalmente agora. Enfim, poderíamos escrever ficção científica, reorganizar o trabalho reprodutivo (o que se faz, claro). Mas uma hora há que se dormir.

Na primeira noite da quarentena, ouvimos o anúncio do Macron sentadas no sofazinho que fica no meu quarto. Eu tomava vinho, ela cerveja. O computador apoiado na mesinha à frente do sofá, minhas pernas por cima das pernas dela, nós supirávamos de exasperação ao mesmo tempo com o tom condescendente do presidente, com o uso repetitivo do « eu » no dis-

curso.

Na segunda noite, fizemos uma videoconferência com M, N, C, V, T, A, G, M, L e S. Não falamos sobre nada, mas rimos o tempo todo. Três de nós mostraram os peitos, o orgasmo vaginal foi universalmente recusado como fonte autônoma de prazer, da mesma forma que o anal. Enfim, sem uma alisada de grelo, nada vinga. Tudo é ligado, interdependente.

Da terceira à quinta noite, preparamos legumes verdes e saladas. Assistimos à série Dickinson na sala. Depois dormimos. Os primeiros e os últimos dez minutos do sono, ela sempre se encaixa entre os meus braços. Ela sente falta da gata, nosso animal de cama, como diria Wittig.

Na sexta noite, fizemos videoconferências separadas, com grupos de amigos diferentes. A noite anterior, eu tinha tentado fazer amor, sem sucesso. Nessa noite, depois de nos reencontrarmos de nossas saídas virtuais independentes, eu corro minha mão pelo corpo dela, penso que talvez o mundo vai realmente acabar, talvez tanto tempo juntas o tempo todo vai esgotar nosso tempo juntas para sempre. Talvez a gente se separe antes do fim do confinamento, talvez acabemos na UTI? Penso na cena de 120bpm, dos amantes na cama do hospital. É possível fazer amor com fibrose pulmonar? Pacientes de covid não recebem visitas, mas se estivermos as duas doentes, será que poderíamos compartilhar uma cama? Em alguns momentos meus dedos deslizam entre todos os lábios dela e de fato não há nada como o medo da morte para aumentar o tesão, o que nos une é o sofrimento. O amor essa noite parece inventado na hora.

Acordo meia-noite da sétima noite sozinha na minha

cama. Ela está dormindo no outro quarto, da minha companheira de casa que foi se confinar com a namorada em outro apartamento. Faço um chá, tomo um dorflex. Vomito os dois. Fico no telefone até às cinco da manhã. Dormi o dia inteiro depois de ter bebido uma garrafa de vinho sozinha, no banho, chorando. Mais cedo naquele dia, enquanto eu espremia as laranjas para fazer suco, falei para ela do pronunciamento de presidente brasileiro em relação ao vírus. Ela disse: “quem sabe não é uma boa ideia, já que não podemos saber de nada mesmo, a 100%”.

Eu gritei: “ALGUMAS COISAS NÓS PODEMOS SABER”. Quase quebrei meu notebook, puxei meus cabelos, depois entrei no banho com uma garrafa de vinho. Achei que ela ia embora do apartamento, ela achou que eu ia me matar.

Na oitava noite vimos uma série idiota e eu dormi embalada por ela. Na seguinte, vimos um filme cada uma, porque não conseguimos chegar a uma escolha comum. Depois, Bela e a Fera, a versão com os atores de verdade; depois, uma comédia ganense, eu dormi no meio. Todas extremamente héteros. Não dormimos juntas por dois dias.

Coisas com as quais ela sonhou nos últimos 30 dias:

1. Nós estávamos partindo para algum lugar e eu falava no telefone. Ela tentava me apressar e eu dizia, calma, estou falando com minhas amantes Iele e Magrele, será que elas podem vir também. (Esse sonho ela teve na noite seguinte ao sonho em que estamos com um grupo de mulheres, viajando, até chegar na beira da praia, um lugar que é ao mes-

mo tempo algum lugar no Nordeste do Brasil e a orla da Normandia com seus bunkers tristes e desolados. Na praia encontramos uma pescadora que pesca só peixes feios e doentes. Finalmente, eu e ela dormimos em cidades separadas e no dia seguinte, quando nos encontramos, ela me diz que pegou uma mina na outra cidade, na noite anterior. Eu digo pra ela, no meu sonho, “você não precisa me dizer tudo o tempo todo”, ao que ela responde, “mas eu sinto que essa história vai ser importante”. O nome da mina é Jen-Jen. A gente continua a viagem em carros separados, eu estou lidando com emoções de ciúmes e abandono, mas afastando-as da minha mente, porque somos comunistas. De repente, estou na cama com ela, a cama da minha casa e eu pergunto porque ela está tão longe de mim e ela responde, “je fais une branlette virtuelle avec Jen-Jen”).

2. Ela matou um homem, um vizinho que ela conhece mal e de quem ela não gosta, no banheiro da casa dela de infância, o banheiro do segundo andar. Ele está enforcado, ela queria que a mãe dela viesse ajudá-la com o corpo. A mãe dela não está interessada nesse corpo.

3. Nós duas num barco, atracamos numa doca improvisada. Ela se içava do barco à doca, eu tenho dificuldade de fazer o mesmo. Um homem que ela identifica como sábio, me diz uma ou duas coisas e, de repente, eu me iço do barco à doca, porque ficou muito fácil o processo, depois do tal sábio me ter explicado algo no ouvido. Eu não sei o que esse sonho quer dizer especificamen-

te, mas claramente ela quer me dizer alguma coisa.

4. Meu quarto tem uma porta-janela que dá numa varanda estreita, onde mal cabe uma mesa e duas cadeiras, na vida real. Ela sonha que há muitos gatos no meu quarto, inclusive um homem que pode se transformar em gato. A minha varanda, em sonho, dá pra algumas escadas, que, por sua vez, levam a um jardim. No sonho dela, nós não estamos confinadas. Ao acordar, ela diz que gostaria de estar no sonho que acabou de ter, e que não aguenta mais. Todas as manhãs, ela cozinha para a distribuição de comida que os anarquistas do bairro fazem para os sem-abrigo e os consumidores de droga.

Ela sonha com barcos e jardins. Eu sonho com muros e saguões de aeroporto. Nós sonhamos com as nossas mães. Nós dizemos uma para outra que todas as pessoas em nossos sonhos somos nós. Depois dizemos que somos todas as pessoas no sonho da outra. Quando esse tipo de coisa ainda era possível, um tempo de que a gente nem se lembra mais, eu cheguei no trabalho dela às 7 da manhã, ela trabalha numa boate, eu fui pra ver uns amigos que estavam fazendo dj. Às 9h45, um dos habitués do lugar, que ela acha muito singular e com quem conversa sempre e vem sempre fazer festa sozinho, sozinho com as drogas, um homem jovem e árabe e talvez neuroatípico, oferece drogas para ela e ela quer tomar as drogas. Eu digo que não acho uma boa ideia, estou esperando passar um dia calmo, a gente briga, ela grita “você não é a minha mãe”. Eu digo uou e vou embora. Quando, depois de fazermos as pazes, menciono esse momento, ela diz não ter nenhuma recordação de ter gritado

isso pra mim. Depois ela ri de si mesma. Um dia que ela não estava muito de “humor europeu”. Ela me diz: – que coisa idiota pra se dizer. É óbvio que você é a minha mãe.

Ao fim do primeiro mês de confinamento, sonho de manhãzinha que faço sexo com o Diabo. Um homem nu, peludo e sensual. Primeiro ele tenta me convencer a fazer sexo com ele sem sucesso. Eu já estava no elevador para ir embora de onde quer que seja que o Diabo mora – um apartamento – quando mudo de ideia e decido voltar. Volto para o apartamento e como o cu do Diabo.

Antes mesmo de acordar eu acaricio o corpo dela, um corpo lentamente se sobrepondo ao outro. Progressivamente ganho energia. A uma certa altura, estou fazendo amor com ela tão vigorosamente que tenho a impressão de que sou um homem, o que quer que isso queira dizer. Algo a ver com ter a impressão de que o corpo dela era um espaço vazio. Estou chocada comigo mesma, desacelero o ritmo e tento me aproximar dela, sentimentalmente, encontrar uma forma de lentidão e doçura. Ela se esfria. Lembro que ela só fez amor com tipo dois bróderes na vida. Algumas formas de foda não tem o mesmo sentido pra ela que pra mim. Re-acelero, enfio meus dedos no seu corpo vazio: seu gozo foi distante, como a lembrança de um sonho velho e poeirento, e o meu quente e calmo, como se masturbar. Saímos da cama em seguida.

Paris, 16 de abril de 2020.

Reflexões filosóficas

Reflexões filosóficas sobre o que ocorre se a gente impede forçadamente as coisas minúsculas de desaparecerem na quarta dimensão

Prezada leitora, prezado leitor, há anos venho investigando seriamente o fenômeno das coisas minúsculas que de vez em quando desaparecem na quarta dimensão, para depois de algum tempo reaparecerem de súbito na nossa realidade. Seguramente lhe é familiar esse efeito – você já o terá vivenciado com chaves “perdidas” que depois surgiram de novo onde as tinha posto, com o seu cartão de crédito que de repente não se encontrou onde sempre o guardava e só ao verificá-lo pela quarta ou quinta vez estava no lugar de costume, com uma meia solitária que tirou da máquina de lavar onde com cem por cento de certeza tinha posto as duas do par, não sem que a segunda reaparecesse no meio da roupa lavada no dia seguinte!

Se você ainda não conhece o porquê desse fenômeno corriqueiro, você encontrará especificado abaixo o resultado de minhas pesquisas minuciosas.

Se, porém, você pertencer ao grupo das pessoas que já puderam familiarizar-se com as minhas teorias, presumo que já conhece o suficiente as minhas três teses sobre o desaparecimento oca-

sional de certas coisinhas na quarta dimensão e a sua reaparição. Caso você as tenha esquecido ou as desconheça, aqui as resumo outra vez, para você não ter necessidade de procurá-las na quarta dimensão da sua massa cerebral. Se, contudo, você lembrar, recomendo dobrar o papel de tal modo que desapareçam, se não na quarta dimensão, então atrás da dobradura da folha. (Aqueles que leem o texto no monitor certamente saberão se ajudar rolando para baixo o script.)

1. O objeto, que des- e reaparece, tem que ser minúsculo, de preferência minúsculo e achatado. (Observação: A propriedade de “achatado” não importa se o objeto tiver dimensões milimétricas ou microscópicas.)
2. Deve haver um buraco de minhoca acessível por ambos os lados na proximidade, pelo qual o objeto possa desaparecer subitamente na quarta dimensão e reaparecer após certo prazo igualmente de súbito, sempre quando ele (e não nós) decidir fazê-lo.
3. O observador ou a observadora do objeto em processo de desaparecimento ou reaparição deve estar distraído/a, pois as coisas, por serem muito astutas, jamais atuam quando a gente as observa e se concentra nelas.

Até agora, tudo legal. Mas o desenvolvimento da situação mundial atual me faz refletir sobre o que acontece, se o ponto 3 (comportamento do/a observador/a) mudar de tal maneira que as coisas do ponto 1 (ou seja, as minúsculas) sejam impedidas

de sumir porque permanentemente alguém as vigia. Pois, como sabemos, só desaparecem quando não são observadas.

Permito-me chamar a sua prezada atenção ao fato de que – investigando incansavelmente este fenômeno – hoje eu tenho uma compreensão mais profunda do quadro. Agora sei que a astúcia das coisas minúsculas não é o único fator para desaparecerem às vezes, mas, sim, que a não-observação é uma condição indispensável para elas estarem em condições de esquivarem-se na quarta dimensão. Ou, em palavras mais populares, é necessário que a gente esteja viajando na maionese para as coisinhas poderem deslizar nela à quarta dimensão.

Outro fenômeno observado por mim é que quanto menores os objetos, mais necessidade têm de sumir de vez em quando. Caso isso não seja possível, as coisinhas sentem-se perseguidas e respondem a este estresse com uma reprodução descontrolada, quase violenta. O que significa que um cartão de crédito, tendo uma superfície de alguns centímetros quadrados, por exemplo, pode suportar bem estar esmeradamente observado por um longo tempo, uma pestana já tem mais dificuldades com essa atitude, mas se contenta com o lapso de tempo da não observação de um piscar de olho para reagir de um modo mais ou menos calmo. Porém, uma coisinha tão pequenininha que unicamente seja observável por um microscópio – e ainda mais por um microscópio eletrônico – che-

ga à beira da insanidade sentindo-se contemplada todo o tempo. E o único mecanismo que a miserável conhece para se salvar da perseguição sentida tão profundamente por ela é produzir descendência (fato que aumenta a chance de que alguns exemplares de sua ninhada escapem, ocasionalmente se mutando para se disfarçarem por algum tempo).

O ponto 2 não fica sem considerar: mas como você certamente já pôde se convencer, a existência – ou não existência – de um buraco de minhoca acessível por ambos os lados na proximidade do objeto naquele caso é irrelevante porque o pobrezinho (por estar constantemente observado) não pode fazer uso do mesmo.

Conclusão: Não observe as coisinhas minúsculas todo o tempo, evite testemunhá-las permanentemente, feche seus olhos, sonhe com algo lindo, respire fundo, goze da beleza da primavera ou do outono e viva! E as coisinhas vão deixar de se reproduzir como doidas, vão se calmar, vão viajar às vezes por seus buracos de minhoca à quarta dimensão, fazendo-se amigas de algumas pestanas e algumas meias solitárias, alguns chaveiros, óculos, e-mails nunca chegados ao destinatário, não negligenciando as canetas que adoram extremamente fazer essa viagem da realidade à quarta dimensão e vice-versa.

E um velho guarda-chuva – que, no obstante a sua tendência de perder-se muitas vezes na quarta di-

mensão, não pertence ao mesmo tipo de coisinhas investigadas porque a) tem uma superfície grande demais, b) pode fingir ser uma antena parabólica e c) quase sempre emerge num lugar diferente de onde tinha sumido – estará estendendo as suas varetas num empenho parabólico (não diabólico!) e emitindo assim a sua mensagem amigável ao universo: somos moradoras e moradores de um mesmo planeta; respeitando mutuamente as nossas necessidades, podemos coexistir em paz.

Nota importante: certas coisas minúsculas já existem há milhões de anos. São capazes de viver sem nós, mas nós não, sem elas.

Berlim, Alemanha, 16.04.2020

Déclaration du 17 Mars

Chers compagnons élégants,

La situation actuelle vient nous permettre d'éclaircir un point que je soupçonnais depuis quelques temps déjà : il y a manifestement des militants monostables infiltrés jusque dans les gouvernements nationaux (le manque d'ambivalence joyeuse et d'intelligence poétique le laissait déjà pressentir). Le retour des thèmes de la vérité, de l'aveu, de la confiance, de la suggestion, etc. sont en effet, il faut bien le dire, des armes habituelles des artistes individualisés, mais aussi des politiques (qui sont leurs alliés). Quelle différence y a-t-il en effet entre un artiste et un homme politique ? Ce sont bien dans tous les cas des aventuriers sans aventure. Il est vrai que l'ivresse de la bistabilité m'a souvent mis en situation d'oublier ce point, mais à tous les niveaux de la société : les monostables sont nombreux. Ajoutons néanmoins ceci : s'ils croient jouir de l'évidence de leur conviction, ils trahissent toutefois chaque jour un peu plus la faiblesse idéologique de leurs assises. Disons le franchement : **Qui veut encore de la stabilité aujourd'hui ?**

La réponse parle d'elle-même.

Les acteurs de la bistabilité sont certes peu nombreux mais idéologiquement armés. Je ne perdrai pas le temps de vous rappeler comment certains d'entre nous ont déjà été sujets à des tentatives de captation par le mélodrame stabilisé de la masturbation dans un contexte électoral douteux... Ou les remarques

insidieuses faites à un copain bistable après l'une de ses innovations théoriques voluptueuses : "tu parles bien, tu devrais faire prof"

Mais, quoi !? Où veulent-ils en venir ?

S'ils nous aiment, qu'ils le disent ! Et tout leur sera pardonné (au prix d'un engagement manifeste auprès de nous, car nous n'avons pas besoin de supporters, mais de militants, il me semble).

Je n'irai donc pas jusqu'à dire que la situation actuelle est la conséquence de notre irrégularité positionnelle. Elle est la conséquence de la haine que nous provoquons, ou, pour le dire plus précisément : de l'entropie morale générée par la stabilité. Ils ont beau essayer de nous faire croire que le confinement de la population est sans rapport avec les succès idéologiques récents du groupe de recherche en bistabilité, cette manipulation tombe dans l'oreille du sourd.

Il y a un désespoir stable : ce virus lui-même –existe-t-il en tant que réalité séparée de la dépravation stabiliaire !?– n'est qu'un argument de plus pour nous assigner à résidence, une sorte de guerre lasse... La situation actuelle n'est rien d'autre que la conséquence tactique d'une colère exprimée contre la joie. Il ne peut pas en effet échapper que les récents décrets de confinement de la population française n'ont pas une visée simplement abstraite, de réaffirmation des identités territoriales de savoirs séparés, mais (quoi que cela soit vrai) aussi et surtout d'empêcher la réunion du groupe de recherche en bistabilité qui devait se tenir le 21 mars à la Chapelle Fifteen.

L'attaque semble vaste, elle est vaste, mais aussi

précise.

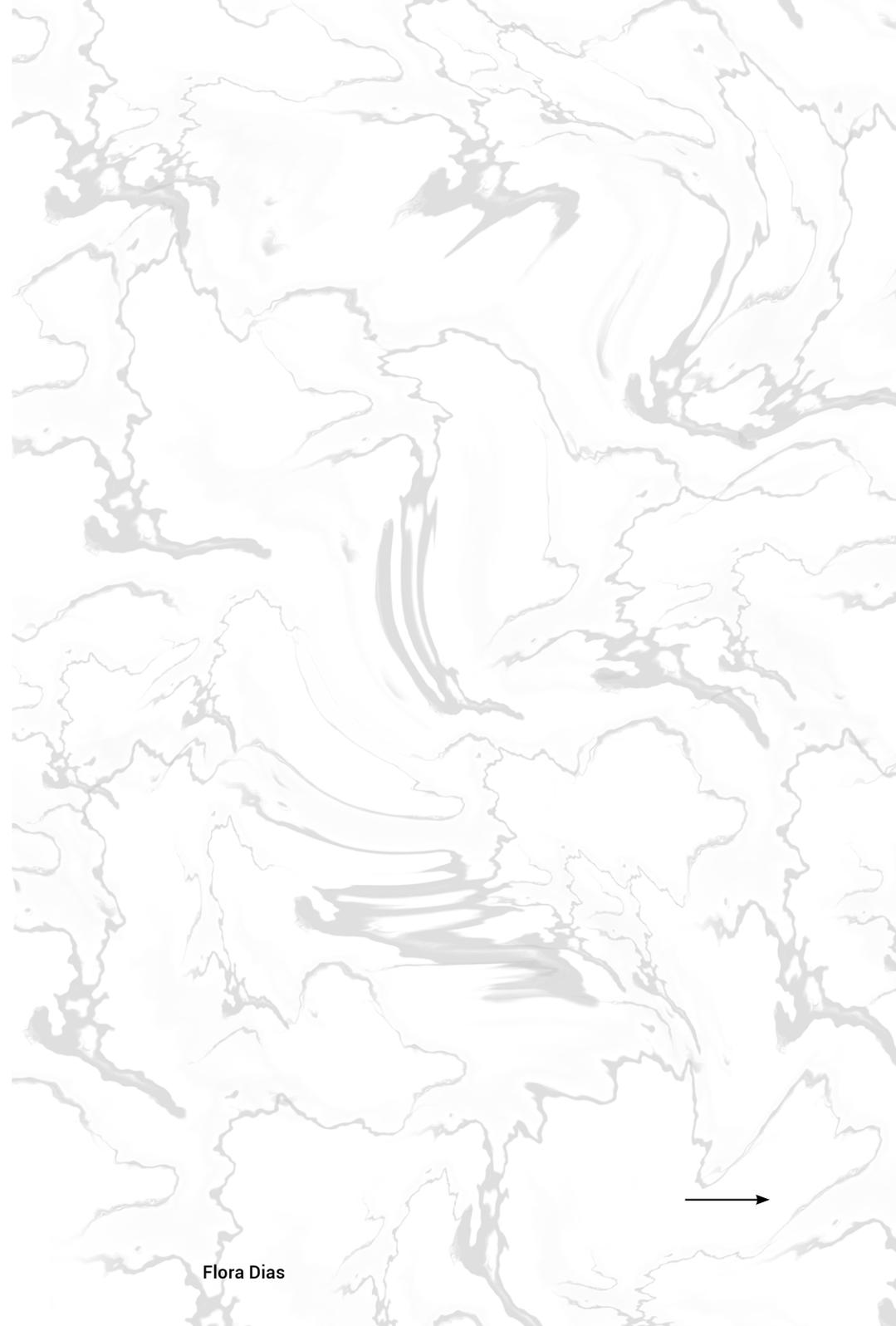
L'attente que suscitait cet événement, l'importance qu'il avait –la bistabilité rencontre comme chacun le sait la question de l'affichage et de l'activité propagandaire depuis le 29 février- a soulevé l'indignation, la colère froide de celui qui s'est décidé comme notre ennemi. Il n'y a malheureusement rien d'autre à dire. Je ne veux pas jouer les éveilleurs du peuple, mais il faut regarder les choses en face ! L'intervention de Gwladys dans le champ des recherches bistables avait en effet commencé de déployer une étrange algorithmique des énoncés (“je fume où je veux”, “abolition d'internet”) : un style plastique bistable. Elle révèle l'invariance bistable européenne, et y insère un rire qu'elle nous apprend à partager. Elle soulève et irrite le voile de la Grande Peur !

Empêcher cette réunion est de la part du gouvernement une attaque contre le renversement de la Grande Peur ! *“Ne faut-il pas toutefois répondre ? La mise entre parenthèse de la réunion du 21 mars est une provocation à laquelle il faut répondre !?”* Probablement, mais il faut méditer à la nature, au type et à la forme que devrait prendre cette réponse. Elle devra être inquiétante et cruelle. La question et l'enjeu ne sont pas superficiels. Il faut appréhender le problème attentivement. Je pense, pour ma part, que ce serait une erreur de se laisser aller à la pure colère plaintive. Je le dis comme je le pense : en s'enfermant dans le temps du compromis temporel, les militants de la monostabilité, de l'effacement de soi, de l'évidence oblatrice, témoignent aussi du fait qu'ils vivent sous la règle de notre temps. C'est quelque

chose qu'il faut remarquer : nous n'en demandons pas tant ! Allons plus loin : le développement des moyens considérables mis en œuvre témoigne du fait que **le consensus monostable est aux abois**. Preuve : à aucun moment le Parti Monostable n'a avoué les raisons profondes de son acte, et n'a pas même cité le groupe de recherche en bistabilité. Par une espèce de stratégie du brouillard sémiotique il trépigne pour nous maintenir à discrétion, mais ce faisant il multiplie les signes indicateurs de notre existence. **Il pourrait apparaître à l'intelligence tactique de certains d'entre nous que c'est au moment même où nous mettons en place les B.B.I. que le gouvernement attaque**. Soyons toutefois raisonnable : il n'est pas sûr qu'il ait eu directement cette information. Il est plus probable qu'il pressent (ce consensus) notre transformation récente, qui lui frotte dans le dos comme une désagréable aile couverte de givre et d'inquiétude. Ça : je le crois. L'inquiétude monostable (mais la monostabilité est-elle autre chose qu'inquiétude ?) vient du fait qu'ils ne peuvent rien contre nous, car, si nous sommes leur ennemi, l'abîme des moyens dans lesquels ils s'enferment pour nous empêcher de nous réunir est déjà l'indication de la limite qu'ils rencontrent à nous maintenir dans cet anonymat dont nous sommes déjà sortis.

Sem graça

A criança leu
uma piada triste
Muito triste
Muito muito triste
E não conseguiu mais dormir



estive em túneis que ligam mares.
túneis gigantes, largos
a cor das paredes é **vermelha terra bordeaux**

em fusão, nas entradas, imagens projetadas das obras
tecnologia natural [sendo o homem natureza]
envolvia animais gigantes, poucas pessoas e magia

em alguns trechos, o interior do túnel é corredor de
eu cumprimentava amigos
que abriam seus quartos, me acenavam um oi.
de longe.

as travessias são solitárias

{vai depender do caminho de cada um}
não são infinitos os caminhos, mas infinitas as dimensões onde eles estão

vi cais sujos e frios,
praias saturadas no Caribe,
mas me lembro mais de chegar na Urca
[às vezes
me vem
saudade
de
paisagens
do Rio]

a boca do túnel é a porta de entrada do teatro do cassino
aqueles portais imensos, pé na areia
e a Baía.



tão bom
ver o mar de novo
na minha cabeça, um movimento de onda coordena meus dedos
respiro por guelras na garganta [aí entra essa voz que não é minha]
na superfície da água meu corpo tem outra densidade



a sensação desse momento de cruzar os dentes
do buraco, chegar nunca sabia onde
dá um acelero no coração, quentura no segundo chakra
ver o mar de novo.



Entre flores e abelhas

Dizia um povo antigo, destes que não deixam vestígio, senão pela oralidade, que a terra nasceu de dois planetas, interligados por uma ponte. Estes planetas já eram tão completos que seus seres nem mais reproduziam ou morriam. Antes, a reprodução se dava quando os povos de um, iam ao encontro do outro, através da ponte, e assim deslizavam por ela, onde produziam o encaixe perfeito, gerando uma explosão que resultava na formação de outros seres. Mas há bastante tempo, o mundo parou nestes lugares, até uma tristeza infida se debater em um ser do planeta Ama-tirí e em outro ser, coincidentemente, do planeta Goitacá. Assim estes dois corpos caminharam até a ponte, e deslizando sobre ela, se encaixaram, resultando numa grande explosão que destruiu os dois planetas e fez surgir a Terra. Anterior à terra já havia seres debaixo dela, e em cada reprodução destes, um grande acontecimento surgia em sua superfície. Eles tinham olhos nas tetas, raízes e flores nas mãos, e um rio na barriga. A cada choro, o ventre inundava e formava rios e mares, as raízes cresciam e as flores voavam, plantando sementes no solo. O povo antigo que contou essa história, falou que haveria um ano em que ia ter tanta água debaixo da terra, que se dissiparia um ar para equilibrar o mundo de cima, e aqueles seres que não souberam plantar vida, iam ser plantados sem ela, servindo para encantar abelhas e flores. A única cura para estes seres seria inventar um abraço que destruiria a forma e o tempo de como eles estavam organizados. Seria necessário aprender a voar como

abelhas e cheirar como flores...

-

Descompasso...

Chegou o momento
de quem dispara
parar contra o espelho
criar vergonha na cara.

mas em meio à desigualdade
os olhos de veneno
ganham mais propriedade
e ainda dão ibuprofeno

e quem tá só o osso
empenha seu último sussurro
no patrão que temeroso
rouba-lhe a vida
rouba-lhe tudo

E aquelx que vive
com o que tem pra dar
não pode garantir nem o ar
de onde ele adquire sem respirar

E dentro do isolamento
o capital em decadência
mermo assim é só o rico
que lhe dá a sentença
neste momento
num tem pânico em internet

que resolve o espetáculo criado
no desfile amancebado
do mercado com o Estado

Realiza-se o sonho americano
dos condomínios fechados
com a praga esfomeada
se debatendo do outro lado

Assim garantem seu estoque de armas
pra brincar de free fire
atirando quem tá fora
especulando novos alvos

A cada notícia que se chega
é cada boca azeda inventando história
que mermo o mundo sem eira nem beira
fica o rascunho
aloprando a memória

quanta invenção o capital criou
e agora me diz onde que tá o amor?
e se a gente não fizer nada na hora
do corona pode até chegar em breve
nova ebola

tá bom de se escorar na crença capitalista
de naturalizar dinheiro como única saída
quando é pra ficar denticasa
como tu faz pra pendurar tuas asa?

vamo experimentando a vida que tava em desuso
mermo q o Estado declare seus abuso

boicotar todas as contas e também o trabalho
apoio mútuo mesmo distante
isolado não é tá parado!

assim a revolução pode até dar seu ar da graça
e provando q o capital já não controla mais nada
a gente poderá arriscar a liberdade nesse mundo
natureza agradece
e renova suas forças em meio ao absurdo.

cabeças vão rolar

os poetas do meu tempo
escrevem livros
importantes
entre outros igualmente
impotentes
mestraram-se
doutoraram-se
podem ser vistos
em revistas
nacionais
internacionais
estão plenos
de currículo
enquanto o vírus
corrói o papyrus
infecta a página do lattes
levanta a tampa da lápide
e pergunta:
de que agora
me alimentar
da morte?

não restará
página sobre página

útil agora seria escrever
o epitáfio da humanidade
a vida morreu de covid
no ano de dois mil e vinte
coronas de flores enfeitem
os caixões postos

na fila do crematório
a chama depende
do combustível
cadáver, carne
que agora
recusa o ar
que alimenta
o fogo
que no entanto
o consome

se apagará?

página sobre página
de jornais obituários

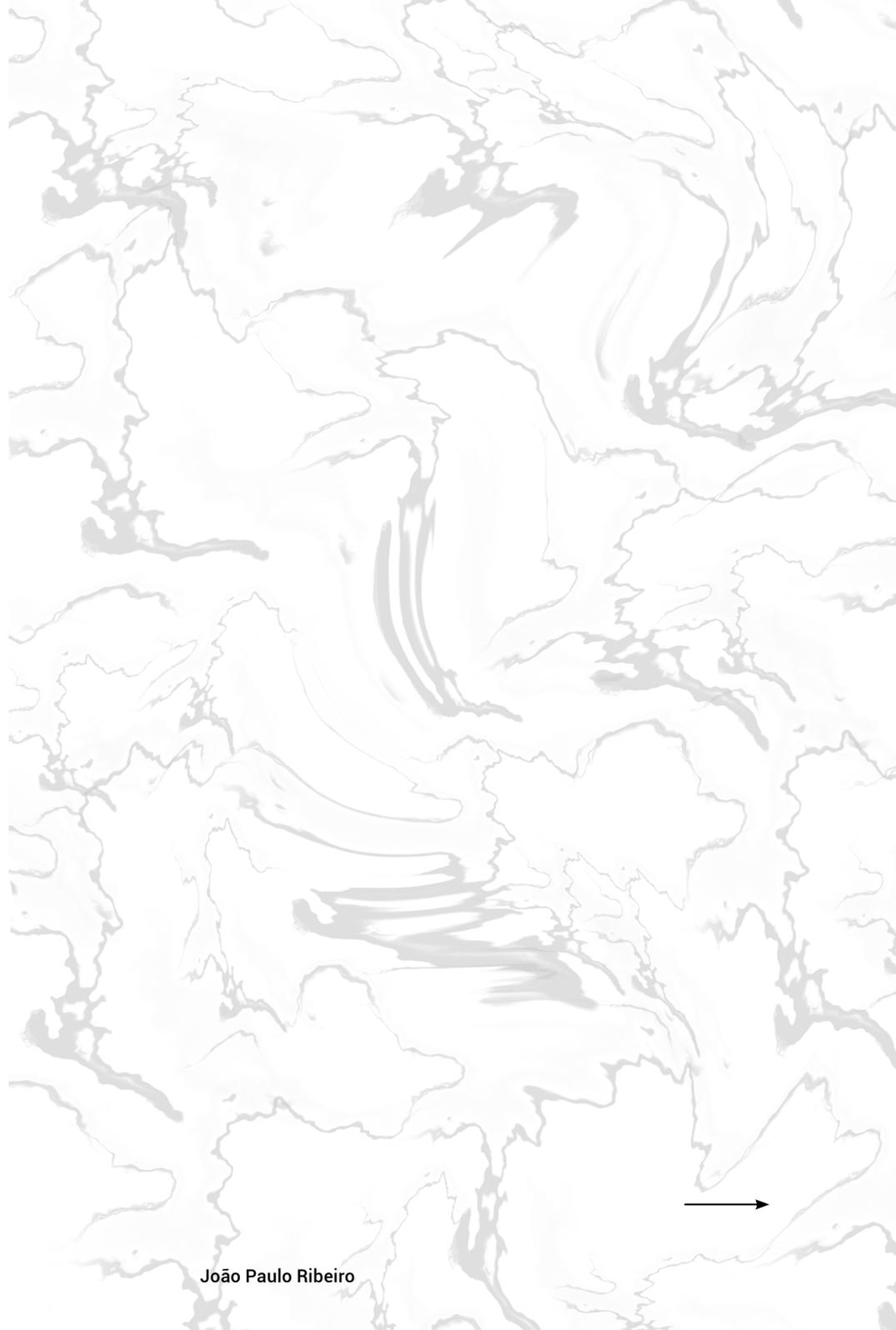
o vírus corrói o ruído
promete um sopro de ar
e responde:
da morte
me alimentar
não posso

a vida ainda respira?

mais útil seria escrever
por sobre covid
c o n v i t e
imperativo

(rasurar, expandir
as trágicas letras)
para matar o que nos
mata

decapitar
o capitalismo





Berlim, 21 de junho de 2019. Solstício de verão. Sol entra em Câncer.

Encontrei estas memórias recentetas num caderno agora na quarentetena...

ATETADA NO KICKBOX

Tetirei a blusa duranteta um exercício. A sala estava cheia de mulheres e pessoas não binárias suando. Tetodes suando muito. A professori me pediu para vestetir de volteta. Não tetendi nem gostetei, mas vesteti porque queria contetinar o tetreino. Na teta-dimensão respondi socando elx com as minhas tetas. Era a primeira vez que eu parteticipava, convidada por nossa amiga Lotti. No fim da aula perguntetei à professori sobre a sitetuação, por que o incômodo. Me disse que preferia menos pele aparecendo durantet as aulas... Que assim elx não se desconcentrava.

Outro teta-caso de desconcentetração aconteceu em seguida...

ATETADA NO SEMÁFORO DO TIEGARTITTEN

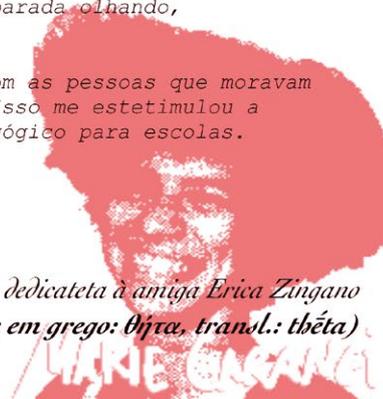
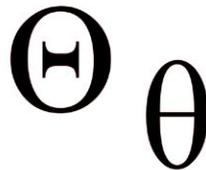
Uma ciclisteta que estetava do outro lado da rua cruzou o sinal vermelho em minha direção, rindo sem parar e pedindo desculpas em alemão. A "culpa" era da minha brusinha com trama de redinha transparenteta, que cumpria o protetocolo de roupa e ventetilava as tetas ao mesmo tempo. Ela não acreditetou e queria realmenteta constetatar: seriam tetas reais ou imaginárias?

ATETADA NA JANELA INDISCRETETA

Estava eu de tetas na cozinha da casa da minha amiga Kupinha. A janela ao lado do fogão dava pra uma evangelische schule. Notei que várias crianças começaram a se amontetear na escada - que tetinha um janelão de vidro e me olhavam. Não tetive dúvidas e fiz um show de Teta Lírica playback para elxs misteturando com um teteatrinho improvisado com um melão e uma xícara. Acenei, ri fiz várias mímicas pras creonças. Depois apareceu a professora e também ficou parada olhando, depois tirou todxs dali. Fiquei pensando no que ela deve ter falado... Uns dias depois a professora veio reclamar com as pessoas que moravam no ap e pedir que instetalassem cortetinas. Isso me estetimulou a desenvolver um projeteto de Teteatrinho-tetagógico para escolas.

Na próxima capítetula... Teta healing – dedicateta à amiga Erica Zingano
Teta[1] (maiúscula Θ, minúsculas θ ou ϑ; em grego: θήρα, transl.: thêta)

Como viver com tetas em sociedade?



Nenhum relato sobre a quarentena.

Tentei mas não surgiu.

E não posso falar sobre a tentativa ou a falha dela, pois corre o risco de virar relato, coisa que de fato não tenho agora. Pior: pode ser ruim, muito ruim. Ou cliché ou qualquer coisa da qual não gosto ou não concordo. Muito menos seria inédito e não sei o que vocês realmente esperam ou se só esperam.

Deveria só deixar em branco, todavia não tenho mais o que fazer.

Só ando lendo livros muito bonitos e prefiro ficar com os textos deles, deixando claro que isso é uma verdade, e não um relato.

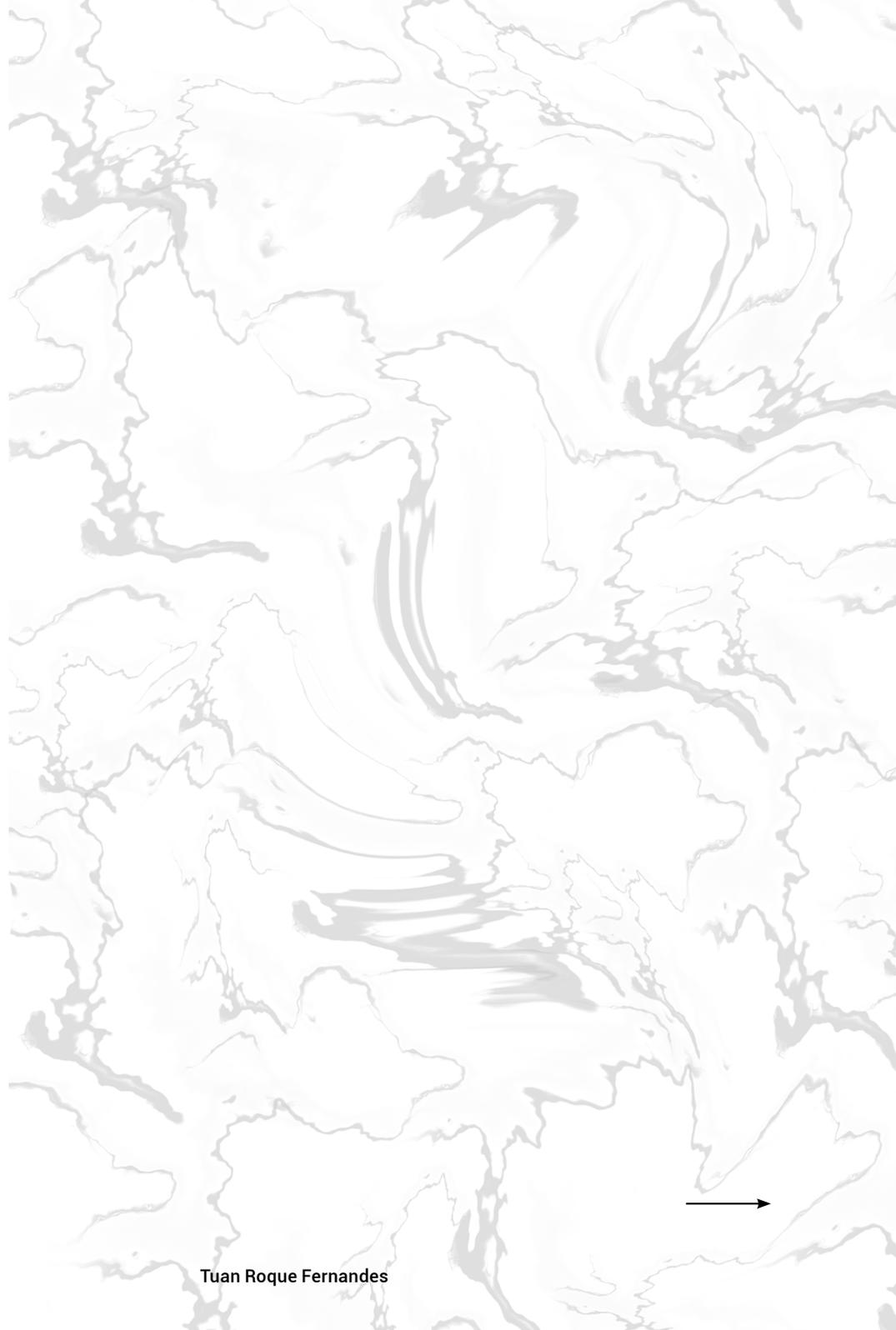
Mas, nos ok's, pra que não se diga, agora ou Quando, que em nada contribuí, mando notícias: meu coração continua batendo, com arritmias; meus pulmões continuam respirando, com leves tosses; e sigo desinfetada e desinfetando. Tudo isso nem sempre.

Ando plena de alma e triste de corpo, mas não o tempo todo. E a parte da cabeça que não faz parte do corpo é uma confusão toda. E isso nem sempre é ruim.

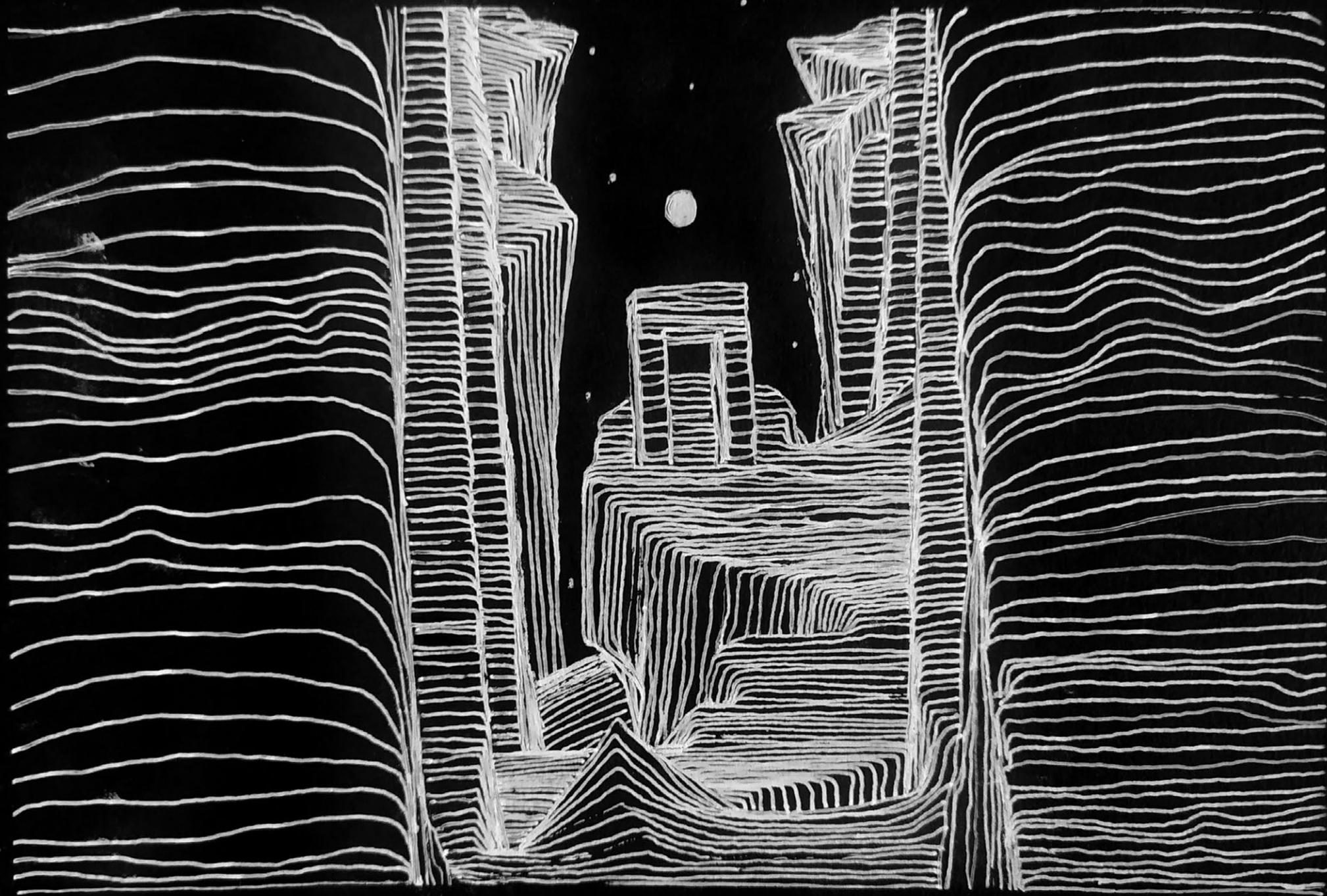
Pronto.

Pra quem não ia escrever nada, já reli umas 10x. Chega.

Ocorre que a última novidade é a de que agora mesmo já ultrapassamos muita coisa, quantas vezes for







1957

Amantes Cyborg

¡La atrocidad de los asintomáticos!
La recursividad del diluvio.
Las arcas de Noé, espantapájaros.

Somos soñados al amanecer.
Y nombrados, durante el mediodía.
¿Dónde estás?

-(Dónde) ¿estás?
/Amor-por-web-cam/
-Dónde estás.

Todos separados,
Sintiendo (lo mismo)
Ansiando (lo mismo)

Observando(lo mismo)
Escuchando (lo mismo)
Presagiando (¿lo mismo?)

Y, no hay con quién pelearse,
ni puertas que tocar.
Ni aviones a los que subirte.

A los más novos muros de Berlín ,
los han construído
en la puerta de tu casa.
Una lluvia atraviesa las tejas,
y me baña,
y me cura.

(No hay webinar que
pueda enseñar
a volar)

Y la data (ay la antidata),
elucubración
onírica.

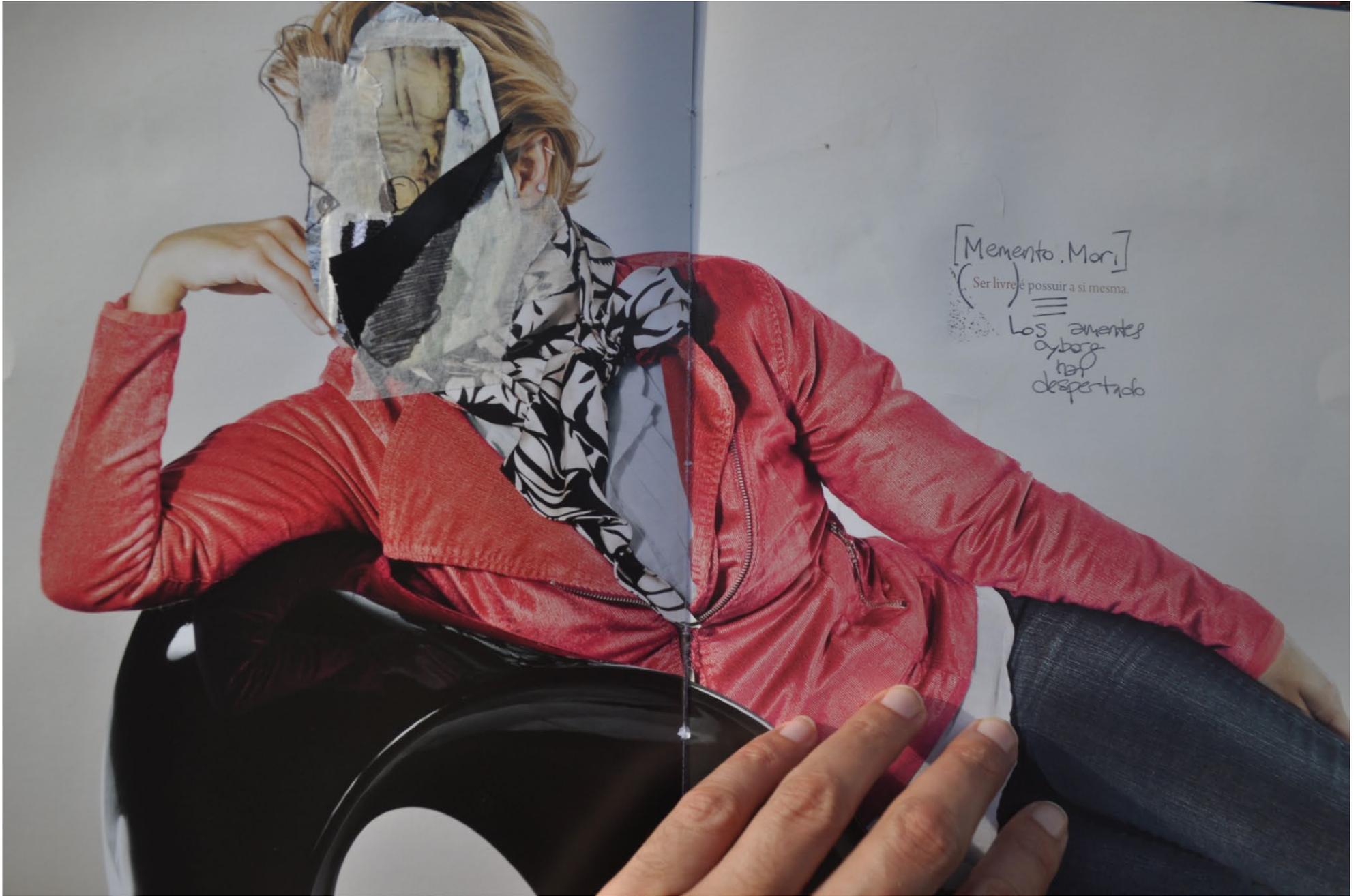
Y, el aplanamiento de la curva.
Qué quiere decir el silencio de los trajes
y las nubes.

Marzo. Abril.
¿Mayo?
¿Junio?

Hemos visto el eclipse de un tiempo.
La luna de Acuario se ha tragado
un horizonte.

Hemos visto que algunos enarbolan el
streaming
para la pacificación críptica.

Los amantes
cyborg
han despertado.



[Memento Mori]
(Ser libre é possuir a si mesma.
≡
Los amantes
cyborg
han
despertado)

Lodo

passo duas vezes na mesma estrada
e não terminei de dormir ainda
andava perdido de vida,
assim confinado.
passo a passo numa grama verde banhada de mar
onde fica a areia? Não vi nada nadar.
pensei ter visto mas era só sol nos olhos
revejo: nada havia de mar,
som nenhum escutei ter pensado

penso duas vezes dentro da mesma casa
sonho casa sonho casa -ad aeternum
teko porã, porão do mundo.
escavei até achar angico
me achar raiz de angico
coscas no pé de angico
e de dormir ainda não terminei

havia um pedaço de rio
noutro dia, certa tarde
água me invadiu
suspensão surreal
no meio
da louça lavada
dentro de casa dentro de casa
só sobrou do sonho a sensação,
razão despedaçada

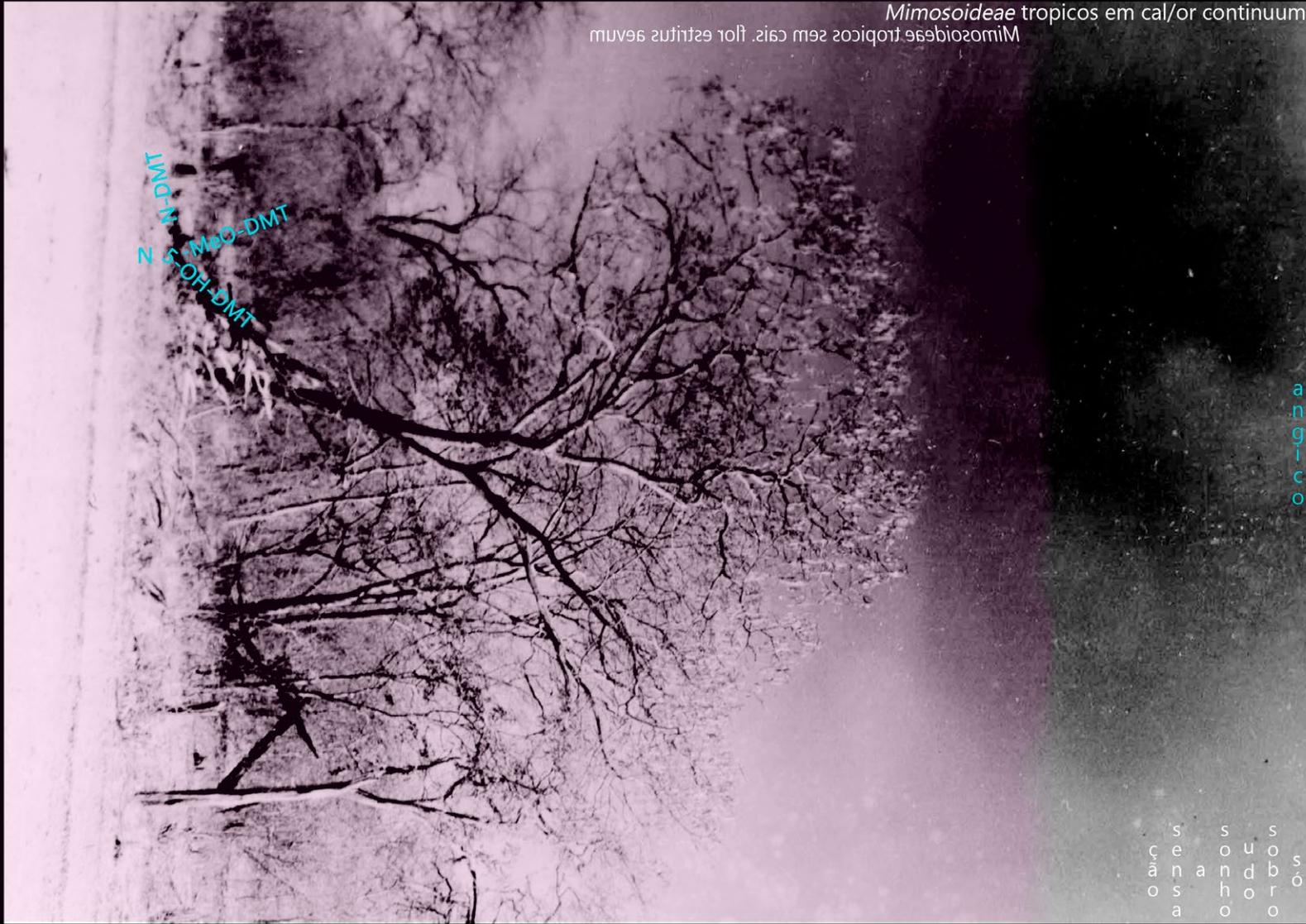
toda chave de palavra
num abre porta alguma quando sonho

torto sopro no ouvido
não há som nenhum enquanto falo

cachorro molhado pedaço de afluente
pessoas tempos diferentes espaço partido
repartilhado
onda gigante invade rua Quênia em Contagem
carro moto submarino
tudo preto
baseado

acordo como se não tivesse ainda dormido
da janela, vento forte, trepida o pé de angico

od
pe
es
n
m
Bo
mar
de
h
o
r
o
n
s
e
r
m
a
s
o
v
i
t
e
r
p
e
n
s
e
r
n
a
d
a
v
i
?
N
ã
o
a
r
e
i
a
f
i
c
a
d
e
m
a
r
o
n
d
a
d
e
b
a
n
h
a
v
e
r
d
e
g
r
a
m
a
n
u
m
a
p
a
s
s
o
a
n
a
d
o
p
c
o
n
f
i
m
a
s
s
i
m
v
i
d
e
p
e
r
d
i
a
a
i
n
d
a
v
a
d
o
r
m
i
d
o
r
m
i
t
e
r
m
i
n
ã
o
e
s
t
r
a
m
e
s
m
a
n
a
v
e
z
e
s
d
u
a
s
p
a
s
s
o



Mimosoideae tropicos em cal/or continuum
Mimosoideae tropicos sem cis. foli. estitiz muv9s

N 5-DMT
M 10-DMT
O 15-DMT

cachorro molhado pedaçõ de afluente pessoas
partidore partilhado onda gigante invade u
Quênia e Congo carroto subbri notu do
preto base a cor do seneão trivese a in da
dormido da janela, vento forte, trepida o pè de
angico

s
o
b
r
o
s
u
d
o
s
o
n
h
o
s
e
n
s
a
ç
ã
o

Imagem: angico, russas - ceará, 1954. arquivo fotográfico IBGE

domingo, 12 de abril – 27º dia de quarentena

desde que começamos a mandar e-mails, flávia e eu, seguindo o fluxo da grande espiral, convidando uma galera pra participar desse lança-chamas, aconteceu uma coisa engraçada comigo: eu acordava de manhã e vinha, muito viva, na minha primeira camada do dia, como um jato, a memória dos sonhos da noite anterior. mas, porque eu ia fazer qualquer outra coisa em seguida, ao invés de anotá-los logo, eles me escapavam. eu sei que tem a técnica do copo d'água, que a pessoa tem que dormir com um copo d'água do lado da cama e, ao acordar, deve tomá-lo sem pestanejar; supostamente, isso ajudaria a lembrar dos sonhos, mas eu acabei não fazendo isso. aceitei que eles desaparecessem simplesmente

depois de uma semana assim, em alerta, deixando meus sonhos se afastarem de mim de forma quase involuntária, por estar mais conectada com outro tipo de energia, vibrando numa frequência de maior exterioridade e de alta descarga elétrica, que é, na verdade, a energia de fazer-acontecer qualquer trabalho, quando começamos a fazê-lo, principalmente quando é um trabalho que envolve gente, muita gente – convidando, interagindo e respondendo e-mails, conversando-com-deus-e-o-mundo-do-presente-do-passado-e-do-futuro-sobre-um-tudo-naquela-pegada-bem-urgente-do-ou-vamos-nessa-ou-descambamos-galera –; sim, um tipo de energia extremamente volátil, e que, por isso mesmo, ela é capaz de movimen-

tar, muito rapidamente, muitos mundos paralelos, mundos por onde já passamos, outros que ainda queremos continuar perto, e tantos quantos forem possíveis de abrir, só pelo apelo do desejo, consciente de que, nesse momento de coleta seletiva que o planeta está passando, há vários mundos que precisam morrer em definitivo, sem qualquer gesto de misericórdia ou redenção, porque já não tá mais dando, capioto bandido, já deu, capitalismo tardio, já vai tarde...

depois de uma semana assim, solitária, mesmo estando sozinha, eu não estava sozinha, eu estava vibrando num raio muito longe, num modo de escuta-ausculta permanente, com as portas da recepção abertas 24h por dia e todos os sentidos e sensações do meu corpo a serviço da vontade do alou-além, como diria a artista pernambucana camila valones, com seu “chocalho de cabeça”

depois de uma semana assim, de grande abertura, saquei que eu precisava baixar de novo em mim, tentar voltar pro meu corpo, pulando a fase bruma noturna de pensamentos soturnos e indo pra próxima fase, que eu não sabia bem qual era... porque se tá difícil, tá pra todo mundo, só que, pra uns, a gente sabe que é mais difícil ainda... o sistema de exclusão de classes do nosso país em eterno subdesenvolvimento não tem como se esconder nesses momentos de catástrofe, estamos dormindo sem conseguir dormir direito, sonhando meio atravessados, como se estivéssemos sempre acordados, escutando o desfalecimento do planeta e dos que

partirão primeiro, como resultado de políticas de precarização do estado, os libelos neoliberais de nossa democracia em relacionamento sério com os interesses privados. eu tenho a sensação de que, mesmo dormindo, passamos a noite em claro, de vigília, velando noite e dia a metamorte do planeta e de seus habitantes, vigilantes das notícias de última hora, perplexos com os mais variados exemplos da espécie humana que não querem renunciar, que não conseguem abdicar de suas posições de poder, que ainda não conseguiram entender o que está acontecendo e que continuam se esforçando para não compreender as mudanças que teremos que fazer... realmente, como conseguir desligar, pregar o olho, numa hora dessas? quando o mundo, como nós o conhecíamos, parece não querer passar dessa pra melhor, insistindo em permanecer, aos solavancos, meio morto-vivo? quando o mundo pós-pandemia, onde nós queremos habitar, já está aí sendo colocado pra jogo, sendo disputado a tapa pelas altas castas da raspa da nata... realmente, como conseguir sonhar, tendo esse pano de noite ao fundo, como um horizonte de completa desexpectativa?

acho que foi ano passado que decidi: começar um caderno específico só para anotar meus sonhos, porque antes eles ficavam no meio do caos, misturados nos cadernos de um tudo, que normalmente me acompanham mais de perto. nesse momento de quarentena, a experiência mais próxima de um imaginário de guerra que muitos de nós nunca tínhamos vivido antes, mas que estamos

vivendo agora, como se fosse uma guerra, porque o que estamos vivendo agora nos faz tomar decisões numa lógica de guerra, numa lógica de sobrevivência

nesse momento de quarentena, resolvi tentar fazer um pouco diferente do que normalmente fazia, e a única coisa que me propus a fazer, de forma mais sistemática e regular possível, foi a de anotar meus sonhos sem nenhum propósito imediato, simplesmente como quem para pra observar o tempo, a passagem do tempo, o tempo circular que se repete, diferentemente, num dia depois do outro

logo no começo da quarentena, também decidimos, um grupo de amigas e eu, retomar um trabalho – trabalho exu trabalho – que havíamos iniciado no passado... voltamos a trocar entre nós, a circular de novo, nossos sonhos, só que os de agora, sonhados sob a pandemia, em diferentes pontos do planeta, em línguas diferentes. temos trocados nossos sonhos, quase como quem troca de roupa e usa a roupa do outro, num momento em que nos é interdito nos tocarmos, nos aproximarmos, compartilhar nossos sonhos têm nos permitido experienciar o mundo outramente, quase como se pudéssemos, de fato, nos visitar durante a noite e realmente nos vestir com a pele daquele que visitamos, como se nossos sonhos fossem capazes de abrir portais, para acessar um outro mundo, o mundo do outro, pelo simples fato de estarmos conectadas: um mundo de circulação mais livre e sem

tantas fronteiras ou a necessidade de passaportes, sem cães farejadores controlando nossos movimentos, regulando nosso direito de ir e vir sem gps, nosso livre arbítrio, nossas diferenças

muito diferentes são as quarentenas deste mundo, acontecendo agora, em todo o mundo, a depender de que parte do globo encaramos sob uma certa lógica, uma certa ótica, porque há mundos muito diferentes perspectivados nesse nosso mundo de hoje, também há o mundo natureza, que nós nomeamos como natureza, mas na verdade nós o relegamos como algo fora de nós para tentar domesticá-lo... para davi kopenawa, as pessoas brancas não sabem exatamente como sonhar, desconhecem esse órgão dos sentidos e nunca poderão se tornar xamãs; para o neurocientista e pesquisador sidarta ribeiro, nós perdemos a nossa capacidade de sonhar... será, então, que num mundo pós-pandemia, poderemos, no mínimo, reivindicar o direito de, como espécie, re/aprender a sonhar?

o último sonho que eu anotei nesta semana foi de **terça (07/04)** para **quarta (08/04)**:

não me lembro direito do sonho todo. ele era maior do que isto que ficou, mas algo ficou hoje, quando eu acordei, eu lembrei que tinha a ver com paralisia, com estarmos paralisados. como se fôssemos modelos mortos-vivos do capitalismo tardio, como aqueles manequins na vitrine de qualquer loja de roupas, aqueles que vendem roupas parados, sem precisar se mexer, em posições muito estranhas

todos os cidadãos de todas as cidades do mundo todo tavam assim, paralisados, presos em posições muito estranhas, como se não houvesse mais nenhum paralelo possível entre o céu e a terra só que aí, começava o nosso trabalho, da equipe de voluntariado salva-vidas: nós éramos tipo uns apicultores especiais, com muito mais estrogênio do que o normal, usando uns macacões amarelos e munidos de um largo estoque de abelhas silvestres e pomadas de geleia real daí a gente ia lá, nas pessoas paralisadas, e começava a tirar elas da paralisia, picando elas com o ferrão das abelhas bem no umbigo, isso produzia o efeito de um beliscão beligerante. pra amenizar a dor, a gente passava geleia real no lugar da picada. várias pessoas morriam nesse processo, mas outras sobreviviam. as que sobreviviam recebiam a implantação de um CHIP imantado sob a pele e finalmente elas podiam ver os cabos de metal laranja que as conectavam ao céu e à terra, com as partes complementares de cada ser vivo desse planeta eu acordei com dor de cabeça, mas com uma sensação muito boa de que era só uma questão de tempo

abandono temporário da fala, da tentativa de verbalizar, de escrever, de encontrar pontos de escuta. desistência breve da disputa onde não se permite mais de um corpo. é sobre cansaço, descanso e tempo. lugar mais criterioso das certezas, de outra relação com o tempo e com as dúvidas. dúvida é um abismo que aqui nem mesmo permite falar, sendo assim que se permita outra possibilidade de comunicação. em cenário de linguagens recusadas [ou negadas] ainda é preciso dissolver sufocos improunciáveis, eles não se diluem pela pele.

oco estúdio 2020



o mundo protege quem já é protegido

alguém tem que correr o risco

quem é que corre?

o risco quem é que corre?

quem é do corre?

quem é que corre?

corre! corre!

só corre

socorre!

ou: não trate com urgência quem só te oferece auxílio emergencial

problemas respiratórios”
consta no atestado de óbito
da dona num sei quem
que nem sequer
teve acesso ao teste
dessa peste

—
como quem nada
parece que é
preciso mesmo
ter fôlego de atleta
o novo vírus se espalha
e se instaura
em nossas vias aéreas
por onde correm
todos os ares
imperceptíveis

—
inspira
espira
transpira
suspira?
alguém aí consegue ver
gente que morre
só no cansaço?
sem ar

com o sopro
de vida
que lhe resta
dança
tua vértebra
mais rígida
convoca tua
existência
anfíbia
submersa
debaixo da água
debaixo
da terra

—
y sai
sai debaixo
brota
pois o que vem debaixo
há de a-tingir
e inundar

invocar novos rituais*
quais rituais esse
tempo invoca?

ao entrar
ao sair de casa

as
sinto
má
ticas

voltar pra casa
é sempre uma chance
de não voltar

do mesmo jeito

(não voltar do mesmo jeito)

Pour Ô ces 23 Chants IMPLORAISONS 23 entités passe montagne | Incantation litanie berceuse rêve

Chant 1

Entité prends la fuite illico sotté incongrue grêle tombée sur le lac impassible

Chant 2

Entité effervescence granuleuse piano à terre herbe foulée roue sur corde

Chant 3

Entité piano renversé couture déplacée bassine à terre brocs tête bêche

Chant 4

Entité pieds vermoulus état de l'air saute ruisseau recherches azimutées miroirs piquetés

Chant 5

Entité tasse ébréchée espace contaminé vagabonde pénétrante désappointée

Chant 6

Entité permanente temps suspendu matin gris de perle plus tout à fait

Chant 7

Entité splendeur de dos constellation poumon balle rétrécie vigueur de jambe

Chant 8

Entité trou dans un drap bulbaire lasse rotule attention atteinte digestive

Chant 9

Entité gravité des formes sévères marqueuse génétique florissante infectieuse

Chant 10

Entité débordée câline récurrence annuelle

Chant 11

Entité sang des pères des mères fond de bois traitement incertain vaccins et thérapies anti

Chant 12

Entité corps corpus création pour ou contre voracité permanente et gloutonne

Chant 13

Entité de base torpeur asphyxie équivocité charrue délaissée pour la houe

Chant 14

Entité renversée réanimation asphyxie et feu chevelure fine que vive l'odyssée

Chant 15

Entité injure et fiel de vipère courroucée bourdonnante désinhibée

Chant 16

Entité printemps dissout invention de saisons regorgeantes politiques du noyer

Chant 17

Entité ferment chant de sirène corpulente proue de visage perception utérine

Chant 18

Entité mémoire émotions géométrie malheureuse part belle des choses en dépit de tout

Chant 19

Entité impensables langage univoque casse noisette brèche conque cyclope éclat et duel à mort

Chant 20

Entité séquoias poumons poubelles saute rivière base du crane

Chant 21

Entité vulnérables eaux souterraines eaux de surface forêts en feu

Chant 22

Entité questionnante absence et manque frémissement éminence fulgurance

Chant 23

Entité action ensevelie joie profonde pense lumière sur liesse

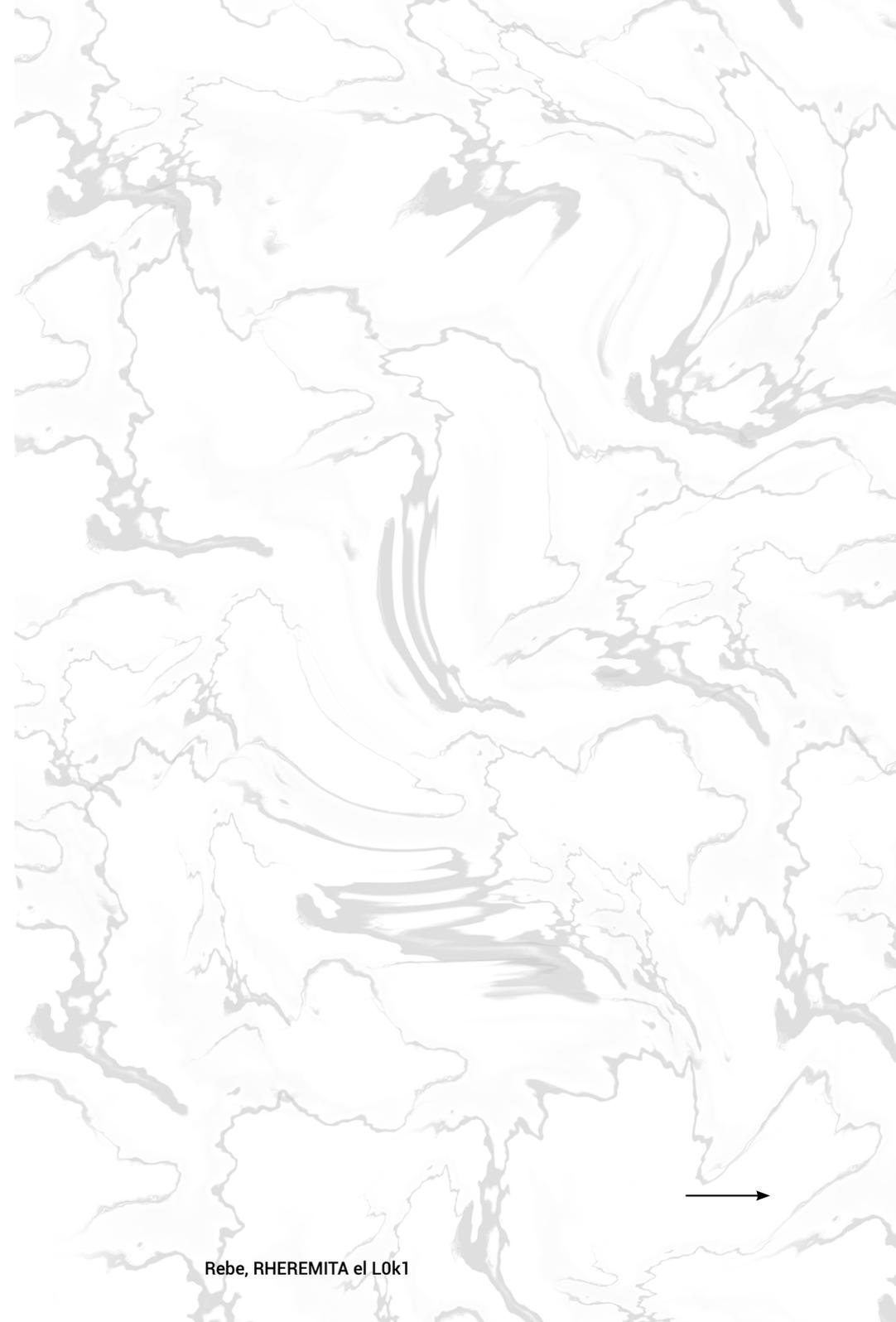
Incantation litanie berceuse rêve
8 avril 15 avril 2020

On a forcément tord dit ISIS, arbre racine, constellations d'étoiles. Je rêve d'autonomies collectives qui rendraient aux spectatrices leurs présences et mettrait une protection, entre toi, qui traverse la zone de transition et toi qui dépasse la zone d'accueil. Ta perception serait ma sensation. Des planètes sortent du champ et s'engouffrent dans des trous noirs bien trop denses. Transportée à Fortaleza dans une sacoche en papier que je dispose sur le marche pied de l'autobus, les papiers sont là, les papiers disparaissent les uns après les autres. Le corps tourne à vide. **Trop denses, les corps, trop denses, les trous noirs ! Comme si la fin n'était pas représentable dans le monde qui nous constitue. Les volcans sont eux aussi en ébullition. Les trajectoires sont impossibles à prévoir, voilà l'impensable : les processus de pensée n'arrivent pas à se déployer, trop grandes quantités de pensées !** Saute rivière, tu as pris notre enfant enroulée dans une couverture, je conduis, tu m'as demandé de mettre des chaussures à talons, je n'arrive pas à la hauteur des pédales, le marais nous ensevelit, je sors de la voiture et comprends que je n'y arriverai pas, il faut que je le fasse pourtant et que je reconstitue le milieu dont j'ai besoin, quelque chose d'extérieur nous émiette chante Circée. **Les circuits neuronaux permettent des systèmes que nous ne connaissons pas encore. Crois-tu ! La limite de l'impensable n'est pas le rien mais le trop. Ah bon ! OUI je suis porte voix, zone franche, nombril terre, corps**

ventre. Ce qui était proche s'éloigne et s'obscurcit. Ventre point pèse, douleur lointaine. Lointaines les fougères, lointain le figuier, lointaines les acanthes, lointains les arômes et les iris sauvages et jaunes. Une douleur à point nommé car dis moi, ISIS, sans blague, pourrais tu renoncer à l'automne ?

Déconstruis ! Produis des réactions. OK d'accord. Qu'est-ce qu'un système ? Qu'est-ce qui crée un système ? Est-ce que tout est système ? Paramètres instables. Passage vertigineux au système quantique etc. La fonction d'observatrice est en jeu. Plus petite. Plus lente, NANO Jouons à NANO NON. Elles disent : tu veux NON ! Je joue à mange chapeau NON ! Je mange le chapeau de chaque NON j'interviens NON je suis toi NON je mange tous les chapeaux ! OUI Passage d'un système à l'autre, nous réalisons un petit saut dans un autre système. La pensée fait un effort pour élaborer CHAOS et NANO Les cerveaux organisent des espaces régulateurs, des points d'attache, des orientations autres, des trajectoires autres et précises. fluidité ! Je reviens de loin, je défais mes bagages. Elle a placé les édredons dans les placards, beaucoup d'édredons rouge cramoisi satin brillant, trop, trop gros : PAF tombent un à un. **Les bébés ne cesseront pas de passer d'un état à l'autre sans savoir quoi faire. Leurs perceptions sont fragmentées, et d'un seul coup, ils se rassemblent.** Un lit au sol. Qui est dans le lit ? Qui a amené ce lit ? C'est moi, NON ? Sais plus. Tu ne t'en souviens plus ? Je ne me souviens pas du tout. Elle dort dans le lit vivante et morte, les deux. Il faut ranger le lit, mettre un peu d'ordre. Une forme déchiquetée

en papier que je tiens par le haut des ailes, sort du fond de la cuisine, je l'ai attrapée au vol la mue de hibou. **Des formes arborescentes émergent par juxtapositions d'évènements. Celles-ci pourraient constituer de nouveaux espaces si nous savions les intercepter.** Installée à l'arrière d'un bus scarabée, papiers disparus, bagages encombrants., exode, exil, en vrac. **Situation dans l'écart, confrontée à la temporalité des autres et dans ce mouvement que crée l'écart qui n'est ni collision, ni confusion, je suis provisoirement liée au monde qui m'entoure.**



Metal efeito do Xanão,
Me é tal e feito à Mão no Grelão.



ser a Grela que reflete a Natu e Reza
que dura o quanto Dura,
que Duro o quanto duro.

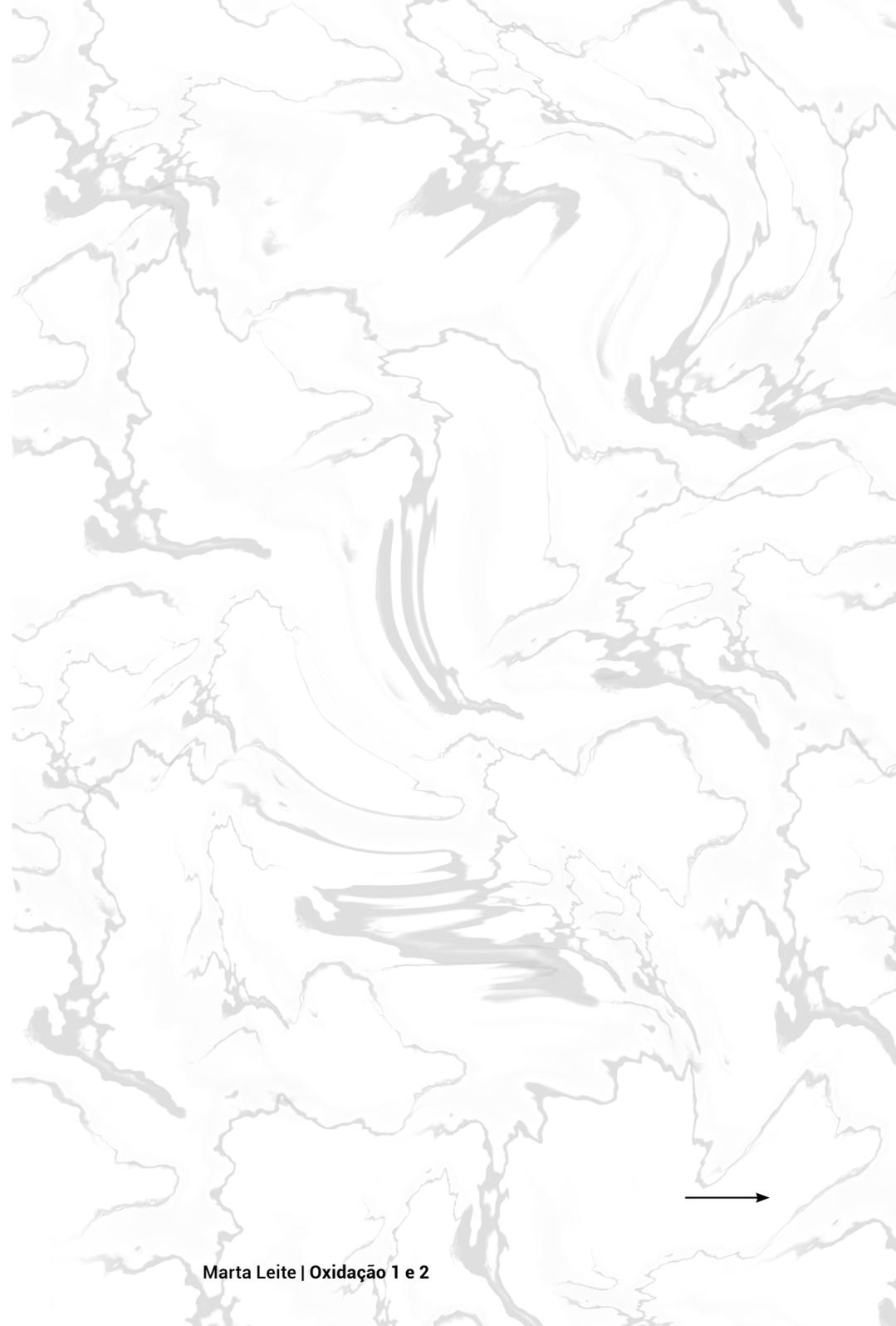
sonhar tem sido o único modo de habitar lugares para fora daqui, para fora do agora. sonhei estar na cobertura de um edifício. havia um jardim com dimensões de um parque e uma grande feira de livros. leio as plantas um pouco mais depois disso tudo que estamos vivendo. medram suas palavras todo dia em comunhão com o mundo. visitei meu antigo colégio com um amigo, o bruno. estávamos na rua de acesso mas tudo era vazio e antigo. havia um tiroteio e precisávamos seguir. meu corpo sabia planar e eu pedia que o bruno segurasse em mim. talvez me falte enfrentamento. contei à ele o sonho, ele confessou-me que passaria por isso comigo. sonhei estar em um cortejo de bloco, em que eu era penalta e sentia tudo com tanta vertigem. me sentia sobre um cume enevoadado, via duas linhas de madeira finas sobre mim tocando o chão devagarinho. alguém me encorajava e mostrava o caminho de pisar. atravessávamos a mata e acontecia de estarmos em lugares sagrados. depois, a parte da cidade em que estávamos era erma, era larga com vias grandes, parecia uma grande ladeira, um grande morro de duna de areia. como os caminhos que levam à Praia do Futuro. alojei-me em um lugar de repouso, onde havia uma janela e era possível ver o dia oiro e a praia, uma foz de rio, um terminal de passageiros. o nível do rio subiu de repente, alagou as ruas, pequenas ondas deram na janela do quarto de repouso. como um barco submerso, e quando conseguimos abrir os olhos na fronteira da água e do ar em um mergulho. sentia uma sensibilidade à luz que me dava grande sonolência. arrumei o que estava comigo, na intenção de ir. o dia é arrastado. parece que muita coisa

acontece, porém nada acontece de fato. parece que muito aconteceu com as pessoas que me importo e todas as notícias acumulam-se para as últimas horas do dia. quando é perto do momento de dormir. antes de levarmos a sério essa reclusão, você e eu correremos em direção ao mar em um convite muito espontâneo, você caiu ao entrar e ao sair da beira. falamos frases que esquecemos, nem juntos conseguimos lembrar. dançamos colados. hoje foi incerto mais do que ontem. seguir sem saber que garantias teremos, seguir de longe. sabe que hoje eu não escutei música alguma: permiti que a cidade em isolamento forçado entrasse no quarto. lá em Fortaleza tivemos a terceira inundação no apartamento, agora vinda da cozinha. mamãe chorou como em toda inundação que aconteceu, de susto. acho que duvidei o dia todo de tudo: notícias, das nuvens cinzas com jeitão de águas em si, das próximas semanas, de mim. sonhei com um teto de coroas de espinhos sob telhas de barro. lembrei que podem ser como coroas de um vírus. os pássaros cantam mais alto agora, sem timidez. o silêncio humano na cidade é algo bom, sinto que somos sortudos em, ainda que à força, vivenciarmos isto. sonhei com um bebê. eu o amava muito, e o apresentava ao peso de uma lua. sonhei que estava em uma casa antiga, um pouco escura, de pé-direito alto, madeiras úmidas. lâmpadas incandescentes que pediam para serem trocadas. duas horas da manhã acordei com os lençóis encharcados de suor, ouvia rajadas de fuzil fora do quarto. o tiro de um fuzil me remete à alguma fantasia, dos jogos eletrônicos, dos roteiros agitados de um filme. aqui, é eventual um disparo. uma febre

persistiu três dias, deu cansaço e só dormi esperando um fim, uma morte. lembrei quando peguei dengue e fiquei uma semana prostrado em uma rede. lembrei que tive chikungunya, arrastava-me pela casa de dor. não há nada como uma pacífica insurreiçãõ.

Há muita água no convés, eu ando pela rua. É noite e vou ao mercado onde planejo uma fuga. Navego por um litoral, não há tempo de fugir. Ondas gigantes avançam contra nós, só eu me desespero. Os outros tripulantes estão calmos como se soubessem ou não soubessem de algo crucial. Dentro de um shopping, os banheiros são divididos entre “feminino” e “família” e isso me parece, a um só tempo, dissimular e impor um tipo de terror. Faço um show com uma dupla desconhecida em um teatro da minha antiga escola. A plateia está cheia e nós não ensaiamos nada. Um homem tenta me levar para longe. Improvisamos uma música do Placebo cujo título traduzido diz: vejo você no final amargo. Acabo sozinha em um avião indo ao encontro da minha mãe. Nada é dito, mas sei que esse é um deslocamento clandestino e perigoso. Agora manuseio cadeados frágeis e quebradiços na casa onde cresci. Há invasores rondando e a morte é iminente. Da pista rápida eu vejo o mar (essa cena é em slow motion). O jogo é abrir e trancar as portas, supondo a movimentação de quem invade, fazendo o itinerário oposto ao do invasor. Percebo que não é preciso que a casa seja grande para complexificar minha movimentação, basta que ela tenha muitas portas e passagens. Ali perto, Marina Lima está lançando um disco produzido por Ailton Krenak. Ela própria realiza a venda dos cds. Chego perto para comprar um e percebo que ela está comercializando discos piratas dela própria. Acho isso incrivelmente libertador. Estou em uma curva. Mais à frente, a uns dez metros na pista, há um túnel. A nossa volta, um descampado e, diante de nós, uma casa em ruínas. Somos um

grupo de pessoas diversas, entre amigos e gente que nunca vi. Entramos nas ruínas e está havendo uma festa. A casa é grande e desconexa: muitos cômodos, escadas, um jardim interno e um local que chamamos de “lá dentro” mesmo que tudo já se passe no interior. Há um espelho/janela como aquele da cena de Paris, Texas no qual Dean Stanton conversa com Nastassja Kinski por um telefone diante de um dispositivo que para ela é um espelho e para ele uma janela. No sonho, estamos do lado do espelho, mas queremos tentar ver através. O desafio é fazer das nossas incidências uma passagem para o que ainda não sabemos.





Sonhando Acordado Sacanagem sob o Confinamento

Não sei qual texto nos primeiros dias de confinamento, mas eu quero crer que era o Paul Preciado (óbvio que não era), que dizia: “uma nova desigualdade acaba de ser criada, entre as que podem e as que não poderão transar no confinamento”.

Os extratos abaixo são tirados de um projeto de um diário coletivo de sonhos, criado dia 18 de março de 2020 em Marselha, França. Um documento coletivo existe onde você pode registrar seus sonhos, pouco importa em que tipo de quarentena você esteja. Até agora nós recolhemos 100 páginas de sonhos vindos de Marselha, Paris, Copenhague, Londres, Glasgow, Edinburgo, Tel Aviv, Jerusalém, Oakland, Los Angeles, Michigan, Nova Iorque, Atlanta e muitos outros lugares. Mais de 70 sonhadorxs contribuem, a diferentes níveis de anonimato. Nosso interesse: 1) se as condições de quarentena sob o covid-19 acabam aparecendo nos seus sonhos e 2) se sonhamos coisas em comum.

Por enquanto não parece possível ou desejável interpretar os sonhos, e nós não gostaríamos de impor leituras aos sonhos dos outros, porque nos parece que seria uma invasão da intimidade desse documento. Algumas listas foram, no entanto, feitas – uma de animais nos sonhos, outras de mãos, essa, de sonhos eróticos – que são apenas uma reunião de excertos sobre temas particulares. Dessa

forma, justapondo passagens, o documento analisa a si mesmo. Todxs podem fazer lista, sugerir temas, opor-se à publicação do seu sonho em uma dessas listas.

Para participas do documento você pode mandar um email (em inglês) para eyeliverkidney@protonmail.com com algumas/todas das seguintes informações:

- seu sonho ;
- suas iniciais (ou pseudônimo);
- a data do seu sonho ;
- condições e lugar da sua quarentena: isolamento auto-imposto, distância social, quarentena, confinamento imposto pelo Estado e quantos dias desde que a quarentena começou para você ;
- qualquer outro detalhe que você considerar importante.

O acesso ao documento se dá uma vez que você tenha enviado o seu sonho. Dessa forma, a intimidade é preservada: mande sonhos, receba sonhos.

“Algumas vezes eu acordo [no sonho] no meu quarto de infância por alguns momentos e há vinte cobras muito finas com pequenos rostos protuberantes cobrindo a parte inferior do meu corpo. É assustador e repugnante, mas vagamente erótico e o prazer vindo da situação me leva a dormir de novo toda vez. A manhã chega, eu acordo, as cobras estão lá, minha repugnância aumenta.”

“No último andar de um prédio, uma kitinete sob o telhado. Um homem que eu desejo, mas pelo qual

também sinto repulsa quer que eu faça um boquete nele. Ele me pede para colocar uma cor muito particular de batom, mas eu só encontro uma outra cor, muito mais rosa, na minha bolsa, que está cheia de pedaços inúteis de papel. Sem boquete.”

“Eu irritava D, que ia ler um poema na conferência. O poema dizia: amor, amor, amor, amor, amor, amor, amor.”

“Eu estou numa praça georgiana perto da casa dos meus pais em Londres – um tipo de ato sexual remunerado com um homem de negócios que veio me apanhar uma tarde de moto.”

“Uma cena recorrente de um sonho desconfortável é na casa do meu pai em Chicago; eu geralmente estou de última hora tentando resolver um problema psicológico arraigado com ele antes de pegar o voo de volta para Paris. Normalmente, eu perco meu voo, mesmo quando chego no aeroporto a tempo. Dessa vez, eu estava na casa do meu pai e eu fazia sexo numa cama de um dos quartos (que não era nenhum dos quartos da minha infância, a cama irreconhecível), e eu fazia sexo com dois homens, sem camisinha. Depois que nós gozamos, eu me dou conta de que eu não tinha tomado PreP naquele dia e então eu perguntava para os dois, ‘sem querer julgar ninguém, mas algum de vocês é soropositivo?’ Um deles – loiro, olhos azuis, olhou para mim. Lembro de pensar que eu não o achava atraente de jeito nenhum e nem conseguia entender porque eu tinha feito sexo com ele pra começar – ele disse sim.

Eu perguntei se ele tomava os remédios dele regularmente. Ele disse às vezes. Eu decido que preciso ir pro hospital e tomar PreP, mas não consigo descobrir como ir com a epidemia de coronavírus e eu lembro também que tenho que pegar o voo de volta para Paris. Entro em pânico, sabendo que vai ser impossível de fazer os dois, ir para um hospital em Chicago e pegar o voo para Paris, mas também acho difícil poder voltar para Paris no limite das 48hs para poder tomar a PreP em Paris. Os dois homens desapareceram, eu estou subitamente tomando café da manhã com meu pai e minha madrastra e tentando planejar uma visita ao hospital em algum lugar sem contar para eles o que eu fiz na noite passada. Eu converso com eles sem prestar muita atenção no que é dito, enquanto sorrio de tempos em tempos para evitar qualquer suspeita, tudo enquanto começo a ficar angustiado. Durante meu pânico, eu me pergunto porquê eu não tomei PreP naquele dia e me dou conta que na vida real eu estou em casa em Paris, em isolamento desde domingo e é por isso que eu parei de tomar PreP e não posso ter feito sexo com nenhum dos dois homens do meu sonho. Acordo.”

“Quando o sonho ‘começa’, ele é quase um sonho erótico, mas nada acontece, só uma escuridão. Eu me masturbo (ou sonho que estou me masturbando), tento imaginar algo erótico, não consigo, então acordo precisando mijar.”

“Tudo está coberto num material pantanoso, água que ficou muito tempo parada, ganhando peso e

espessura. Talvez nós estejamos todos nus, mas é impossível distinguir um corpo do outro ou dizer quantos corpos são. Todo movimento requer muito esforço, como afundar na areia movediça. Só que sem profundidade, apenas uma impressão que estamos nos revirando uma textura verde neon.”

“Poucas lembranças desse sonho. Sonho erótico. Eu fico pensando como o Estado quer que nós usemos sex toys e como isso seria ‘bom’ e penso como ser engenhosa. É o meu segundo encontro com a minha namorada (no sonho... as coisas são rápidas na terra dos sonhos) e ela decide que ela quer que eu use um ‘strap-on’ [cintaralha, cinta-pinto etc], mas eu não tenho um cinto. Eu não posso pedir na internet porque é a quarentena e não há entregas e de qualquer forma, não há mais nenhuma disponível. Nós começamos a pensar no que podemos fazer para transformar nossas calcinhas em cintaralhas feitas em casa.”

“Else era minha amante, mas na verdade não, ela era uma extensão de mim que também era íntima de duas outras mulheres, ambas acadêmicas e pintoras visionárias. Ia além do querer. Eu estava irritada com isso porque eu estava tentando fugir dos anjos e eles sempre voltavam na forma de atos íntimos com essas mulheres e as sequências de esgrima que eu herdei de Elek.”

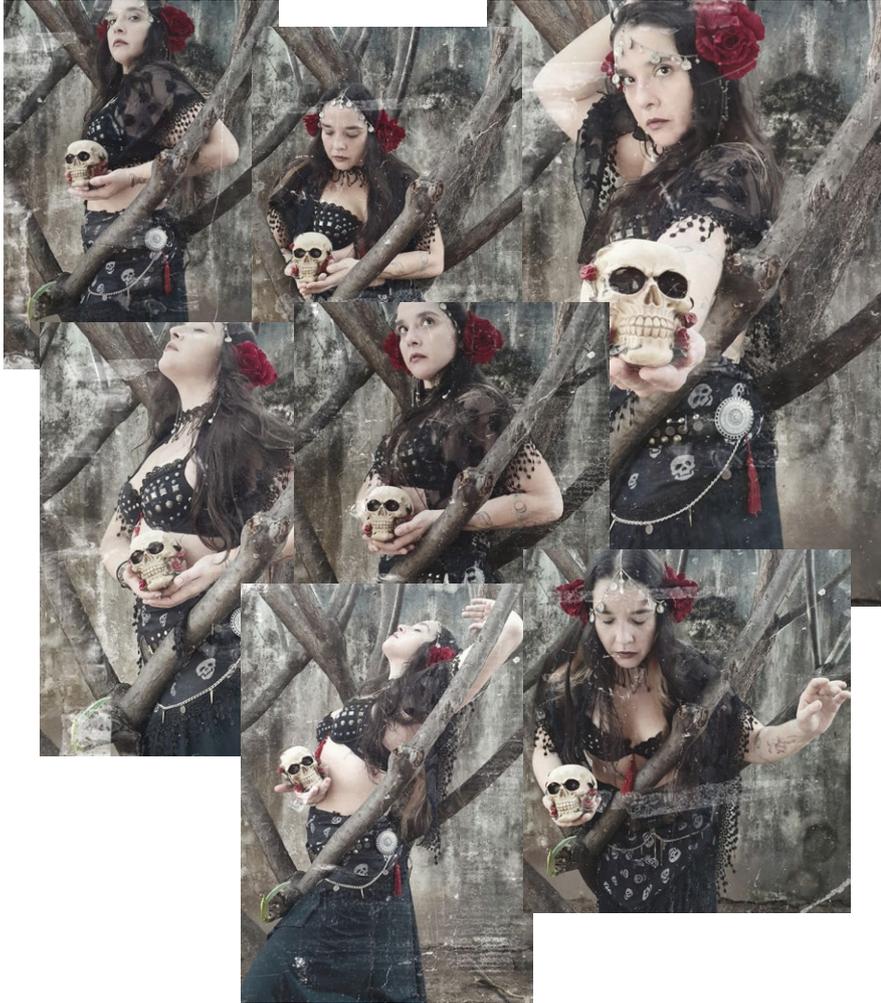
“Sonhei que fiz sexo com uma pessoa que, no universo consciente, é amigo de amigos com quem conversei longamente, mas que na verdade nunca encontrei. Estávamos em um colchão num

chão coberto de carpete. O quarto em que estávamos se transformou de alguma forma no prédio, ou possivelmente até uma versão do escritório do meu trabalho da vida real – um escritório que (aqui, no mundo material) agora foi fechado, mas que eles estão ameaçando reabrir em breve e exigem que os trabalhadores voltem, apesar dos riscos à saúde e do governador dizer que eles não podem. Então no meu sonho eu fiz sexo com essa pessoa nesta sala, dentro ou perto do escritório, um dia inteiro, que acabou sendo um dia que eu deveria estar no trabalho – e eu não avisei que não ia, só não fui. Ou meus patrões descobriram no fim do dia que eu não fui ou eu deixo o quarto e vou vê-los. Eu digo pra eles que me demito.”

“Essa na verdade é só a parte do meio de um sonho, entre o começo e o fim que parecem muito mundanos ou gráficos para comentar aqui (eu tenho sonhado muito com sexo desde o início da quarentena).”

“Eu estou na cama com um poeta que eu sigo no Instagram, cuja arroba começa com um som de ‘qui’, que em francês se escreve ‘cu’ e quer dizer exatamente isso. No sonho nós estamos fodendo, nós já fodemos uma vez no sonho, algo que eu lembro, mas eu não sei se de fato aconteceu em sonho ou se eu apenas sonhei que lembrava.”

“Eu gostaria de estar tendo sonhos eróticos. É o que mais me deixa com inveja quando eu leio os sonhos das outras pessoas nesse doc. Pelo menos vocês estão transando.”



Nunca lembro os sonhos bons
Mas os sonhos ruins
Lembro com riqueza de detalhes
Alguns tem histórias recorrentes
Fugir de algum lugar
Me esconder de alguém
Tentar salvar alguém
Ou a mim mesma

E agora
Que a morte é eminente
Que o medo está latente
Os sonhos ruins são
Mais e mais presentes
Causando tremores
Suores noturnos
Despertando medos e dores

São sonhos assustadores
As vezes tem cheiro de flores
As vezes resgatam da memória
Conhecidos odores
Mas continuam
Desesperadores
Corroendo por dentro
Tirando do centro

E ao acordar
Tentando entender
Se consegui ou não
Sobreviver
Como se tudo fosse real
Costumo pensar

Ainda que a eu acorde
Antes de morrer
Ainda que eu não saiba
O que vem no final
Esse sonho vem dizer
Algo que necessito saber

Se a morte é um mistério
O pesadelo é um elo
E é preciso vê-lo
Bem de perto

1.
Project home exhaling through your dog teeth new
meat chatting on prospects your opportunities/
wasted throat jump exhale through your eye teeth/
prosperity rustic disguised beatings bleatings/
scream into the space where a pillow would be
in another home/brush my hair with your rancid
claws/moisturizer sanitiser B.O./cornet my
disappointment surprise cake/surprise SHOES/
traffic moated nightmare pastoral.

2.
This cat is 29 years old
I got you
A starfish
Go for a walk
A thousand legs moving
Ferrets drones rustling foam on carpet
Gassy this person kissed their kitten and their
kitten kissed them right back
Brittle starfish
Loose jelly fish
High flying flags

Bird gets eaten then flies away
A whale and a penguin happy together piece 2000
many
Hours here is a cat that's finally had enough

29 year
old brittle starfish
April fool's prank- the schools are open jokes

At the right trajectory and velocity an object can fall forever

3.
This is a family that believes you're damaging our immune systems by not complying to our request for cordial online communication turn in your computer, we don't care if it's yours or ours and return your keys to the front desk which is closed for the kurz arbeit so ok give us 25 euro no problem we'll take it from your last pay check your last pay check here's a promise to hire you again if we ever bring back a department like yours and thank you for your kind wishes we see that you want us to burn and we assume you mean prosperity light warmth passion

4.
A treefrog bleats like a lamb does like a child does but only a cat mews.

terça-feira, 24/03

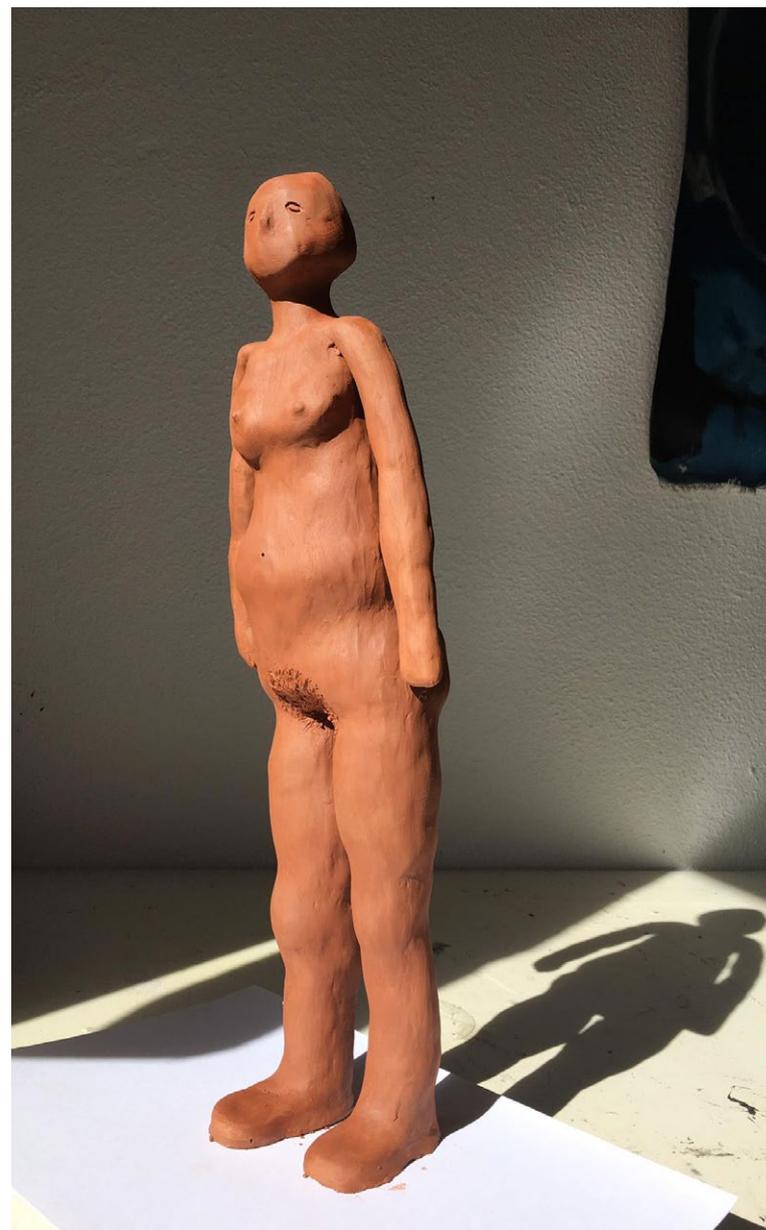
eu tive um sonho muito doido, foi com um brâmane da família kaushítaki. olha que loucura: o brâmane chegava aqui no grupo EX-Belém e falava: gente, vai ter um festival que é na P.I. e em outro lugar ao mesmo tempo, o mesmo evento on-line, e aí me chamaram pra fazer uma performance. quem aqui quer fazer? tem um cachê massa e tal, mas, por causa dessa história de corona, ninguém queria ir, ninguém ia, aí eu fui o único que topei. aí eu saí de madrugada na rua, não lembro o que era, que história era essa, aí eu lembrei, caralho, tá tudo vazio, tem corona e a apresentação já é amanhã, o que é que a gente vai fazer, brâmane? pagaram a gente pra gente fazer uma coisa com areia da praia, tem que ser uma performance com areia e eu não sei o que é que a gente faz... será que a gente fica peneirando essa areia? aí eu fiquei pensando, caralho, se a gente ficar distante de todo mundo, a gente não pega corona. se eu falar aqui na minha casa, a minha mãe vai ficar com ódio de mim, mas é uma grana boa, eu não me lembro do cachê, mas é uma grana muito boa, porque ninguém quer fazer... ai meu deus, e se nessa areia tiver corona, corona na areia? será que corona fica na areia? eu fiquei morrendo de nóia, de ficar peneirando essa areia aí. mas tinha uma banquinha de salgado vegano, na esquina aqui de casa, que era R\$ 0,50 centavos 1/2 salgado, aí eu fiquei comendo esse meio salgado, pensando: o que é que eu vou fazer? eu no meio da rua já, eu tava noiado de ir pra praia, mas eu já tava na rua, daí não lembro como é que eu resolvi a história... ah, eu falei assim, eu acho que eu inventava uma mentira pro brâmane, pra poder

não ir, porque eu tô muito noiado, meu deus! e se eu morrer, por causa dessa areia, se eu pegar nessa areia? aí, ao mesmo tempo, tinha uns flashes já lá na coisa, só que era eu imaginando como é que seria, aí era lá, todo mundo bebendo e tudo mais, e a gente pegando essa areia, e a gente peneirando essa areia, tirando os caroços grossos da areia... e o povo lá, enchendo a cara, e eu noiado. meus deus do céu, como é que as pessoas tão fazendo isso na corona? aí era só eu e o brâmane, e todo mundo falou, gente, não vão, isso é uma loucura.

sábado, 28/03

gente, eu tive um sonho de ontem pra hoje e era com as pessoas aqui desse grupo EX-Belém e também tinha a Nossa Sra. de Guadalupe e o R. Capivara, eles também apareciam no sonho. eu não lembro direito o que era, mas tinha uma coisa... teve uma hora que alguém falou no grupo, não lembro mais quem era, falou que ajudou a fazer esse hanuká, aí eu fiquei com as coisas de hanuká na cabeça, como se fosse um cocar de hanuká, um cocar feito com um candelabro de 9 velas, porque hanuká é uma festa judaica, que tava na minha cabeça, mas eu não sei por que eu sonhei com isso.

AMANHÃ





Fogo

Quando a noite em sonhos desembesta em palavreios, são nossas veias mais antigas pulsando algo novo. Do rio Jordão um povo acostumado a escrever no vento de suas vozes, alinha no papel um calhamaço pastoso de ervas concretas, verdejantes. Tão minucioso quanto as pesquisas em laboratório, o povo elabora com a fala das plantas que nossa mais ampla propriedade vem dela, da voz delas. Por mais que estejamos decifrando, através da experiência, uma imensidão frondosa e infinita de elementos em constante reconfiguração, é a voz que os conecta, que liberta os elementos de sua insignificância e os torna fagulha alquímica, nutrição, pajelança. Fala. Canto. Sopro. Do sopro, uma onda de calor, um som. Do sopro, um bálsamo antigo, macerado em verde saliva. Pó, pasta, pilares. Conversa para além das línguas - mistério dos seres. Folhas, dentes, couro, minério, orvalho, poros. Do sopro, a sensação de magia, alinhada com a lâmina fina de um facão carregado por estreitas e pequenas falanges. Aprender a cortar requer tempo, cuidado. O corte é minúcia, poda, estudo de rebrotar com maior viço, de fortalecer. Manejo. Do sopro, a sensação de que o vento envolve e movimenta os lugares, as falas, os ritmos e a cor dourada do açafão. Farfalhar imenso, que mesmo na extinção e na fumaça continua ardendo. Esse vento quente que a cidade infiltra, metabolizado em seiva. Irrigação. Enxurrada. Na queda d'água, o vento faz um rio. Assombro. Sumiço. Deslocamento. O que desaparece repentinamente, quase como saliva escorrendo goela abaixo, ressurge ao rés do chão,

na sola dos pés - a pele dura, solo argiloso, veios, vãos. Nela, era possível assistir o caminhar de um bicho geográfico. Caminhos vermelhos como o chão do Cerrado. As unhas das mãos querendo alcançar a larva, mas a pele dura, solo compacto, espesso protegendo o submerso. Restava apenas observar o bicho de longe, dentro do próprio corpo correndo. Quanto menos pisava com o pé, mais sentia o bicho avançar. Sentei-me novamente e agarrei o pé riscado, aproximando-o dos olhos. Quanto mais perto o trazia, menos enxergava os limites. Algo se neutralizava e ampliava no movimento de aproximação. Por um triz, senti como se aquela cegueira fosse um outro modo de ver, como se olhasse o rastro do bicho geográfico nos veios de meus próprios olhos, ali onde o olhar afunda no outro de mim mesma. De que modo desvelamos o medo? A cada instante, um manancial corriqueiro de palavras renomeia os encontros. A cada novo dia, no rugir das persianas, o sol ecoa. O corpo que vê se confunde com o corpo que confere possibilidade à visão - e nisso nos lançamos à dança dos sentidos. Se me encaminho para as persianas, é porque a voz das pálpebras está a pedir e caminhar, assim como os corpos em uma cama se buscam, farejam e tornam-se macios como folhagens aveludadas, pétalas, lábios e intumescências. Algo a dizer-nos que a língua das palavras é sempre outra, para além da que é servida nos limites do balcão, crua e sem gelo sob o rótulo de estrangeira. No sonho, eu acordava e ainda era dia. O tempo estava chuvoso, o Castanhão havia triplicado de volume e mesmo com as chuvas torrenciais, não havia aglomerado de lixo nas ruas. Num trecho da

calçada, eu me avistava da janela do carro, tomando banho na correnteza da rua. Havia uma ladeira, por isso a água corria tão forte e galopante. Deitávamos no chão e dobrávamos a cabeça pra trás, mergulhando os cabelos. No momento seguinte, eu já estava submersa, meus braços haviam se tornado barbatanas e minhas pernas um pequenino rabo escamoso, escamoteado. Quanto mais descia ladeira abaixo rumo ao mar, mais sentia a água se tornando espessa e turva. Tão logo avistei o mar, o sonho perdeu as cores e o contraste entre a espuma (branca) e a água das ondas (preta) era muito intenso. Lembrei de ouvir falar de um navio, de um vazamento de óleo e... no instante seguinte estava eu de novo cheia de braços e pernas e dedos, atracada na praia sentindo o mar escorrer dos olhos. Adormeci. Me via dormindo e percebia os lábios se movendo... Ana... Ana... enquanto via, tinha a sensação de que era capaz de sentir exatamente o que aquele corpo deitado, dormindo, sentia. A língua interrompeu seu giro, os olhos se abriram, o cabelo continuava amarrado no alto da cabeça, mas o rosto era outro. No olho esquerdo, a cor azul; no direito, castanho. Num movimento de pescoço, estávamos eu e minha bisavó, Ana Gertrudes, numa pequena casa no meio do Sertão, onde o mar era seco, rachado e da cor de barro. Ela me olhava e nos compreendíamos. Colhemos dois paus, cada um deles maiores que nossos braços. Despejamos o milho e começamos a pilar. Cada batida do pilão nos grãos produzia uma espécie de faísca, ora azul, ora marrom, como se o pilar do milho fosse já o cozinhar do mugunzá e dentro do caldeirão céu e terra se misturassem no olhar de

Ana. Um de seus netos se chama Francisco. Na casa da vó, o quarto dele era num intocadinho perto de uma sala onde ficava um sofá enrolado em um lençol, uns porta-retratos vazios e um interruptor de luz que nunca ligava. Nesse quarto, ele ficava quase todo o tempo, tomando banho de luz azul. No sonho, minha mãe me levava ao canteiro das plantas que estavam ganhando corpo para logo mais serem levadas ao seu lugar no solo. Estávamos procurando justamente o pé de castanha-do-pará que o ti sinhô (Francisco) tinha trazido de uma de suas viagens – ele estava sempre atravessando estradas com mudas de plantas para dar de presente às pessoas. Imediatamente ele aparece jovem, no Rio de Janeiro, abraçado com uma mulher. Quando me aproximo, ele está novamente sozinho e abrindo a porta de seu carro, cheio de plantas. Ele me olha e diz que aquela mulher se tornou uma paisagem que não saía de seu horizonte. Que seu hábito de viajar também servia para experimentar o reencontro, mas em vez de perceber a metamorfose no corpo e na âni­ma de alguém, ele viajava pra conhecer isso no corpo das plantas – sua altura, sua sombra, seus frutos, flores, folhas, galhos... enquanto falava, sua voz ia ficando cada vez mais distante, até que me vi de novo indo ao encontro da muda. Quando chegamos no canteiro, o pé de castanha-do-pará estava lá, 500 anos depois, onde agora existe o Palácio do Catete, perto de onde ele caminhava com a mulher -- a paisagem



MEU POEMA Resiste

Meu poema
origem de pura inocência
está em alerta
pelo medo que se espreita

meu poema
ontem de suave cadência
estagna acuado
sob ameaça da rua direita

meu poema
ilusão de baixa frequência
agora se move
pela pressão que respeita

meu poema
preso sem clemência
reage inconformado
pelas ordens que rejeita

meu poema
que renasce resistência
hoje se liberta
para o bem da colheita!

-

A Cura

Ela vem assim
Quando você nem queria...
Uma poeira fina, invisível e certa!

Invadindo ruas, becos
Grudando-se nas esquinas
Onde ontem se sentava
Só pra contemplação

Agora ela é quem domina
Espreita-te...sutil e algoz
Faz-se poderosa invasão!
Desperta em alerta e libera
Gélido temor de emoção

Ah ! Ela chega sim...
Quando o mundo quase jazia
Surge ao disfarce de um sonoro farfalhar
Asas de um sorriso que amanhece
No adormecer da cidade vazia

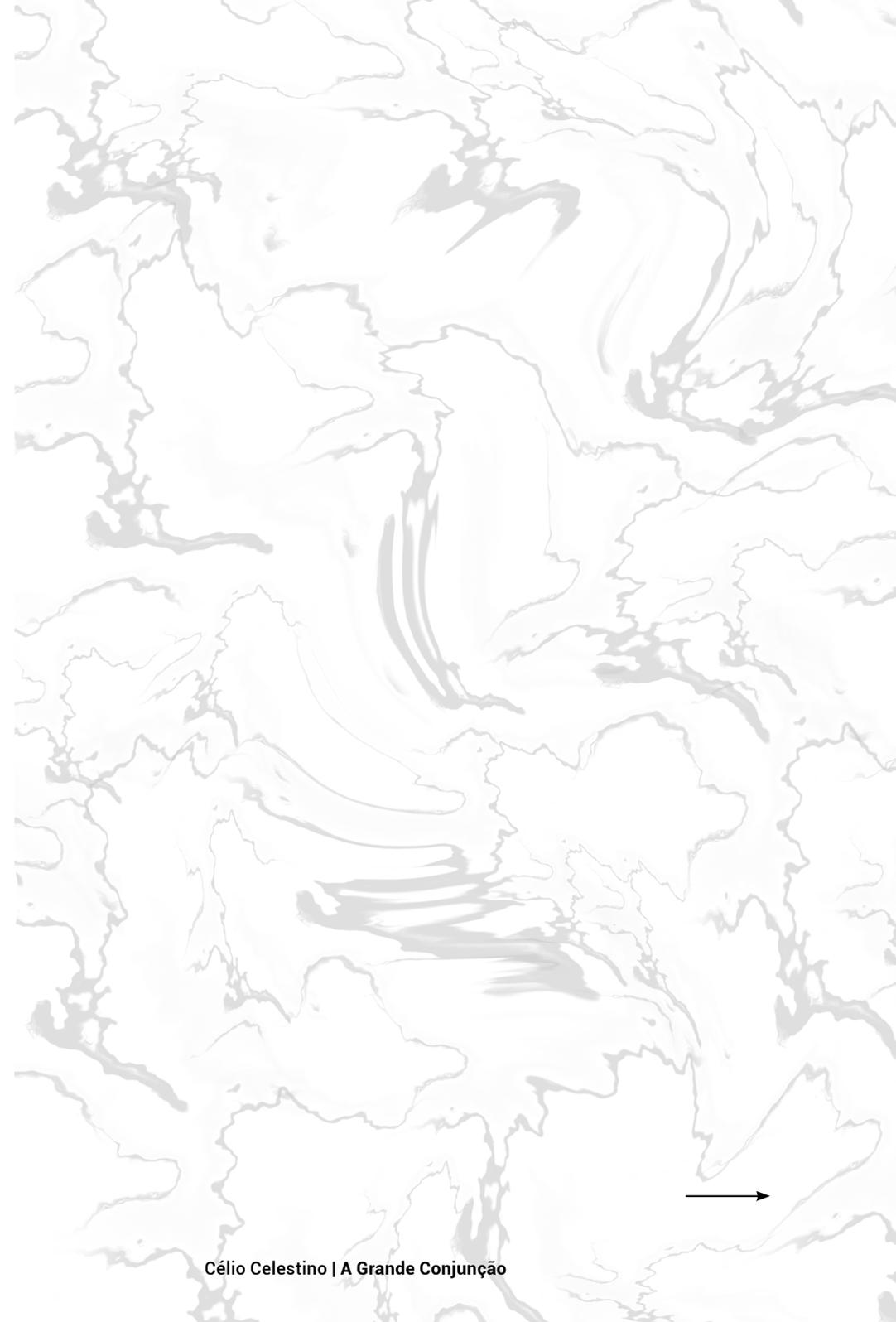
É hora de seu papel:
Limpa, desinfeta, renova...
Traz a cura, POESIA!

Deserturas de um lugar de difícil acesso

O que fazer com todos esses minutos de um tempo que já não é regido pelo cronos inventado e forjado para acorrentar nossas asas. Qual escrita possível qual escuta sustenta o caos de todas as vozes. Não são perguntas, não sei se busco algo nem respostas acho que vou ter alguma coisa qualquer antes do vírus, um tosco dedo sujo furando minha medula, me partindo em duas. Hoje me cobre um céu azul demais para que não pense agora no verde do mar me curando todas as chagas e onde possa misturar minhas lágrimas àquela mulher parideira de peixes que engoliu homens e embarcações e chegou em terras brasis em naus de sangue. Um censor qualquer montado no meu trapézio de cimento e dor balança a cabeça e dá cambalhotas é tipo o saltimbanco do Zaratustra o louco da Hilda ele me diz num esgar que há pessoas morrendo na sarjeta de vírus fome vício sem teto sem céu que não tem mar que não tem literatura que não tem encontro com mulheres nuas e grávidas de chamas e poesia que tem encontro diário noturno com o horror com o horror com o horror como nos hospitais também nesse exato momento que não estão numa tela noticiados pela frieza exata de âncoras mas compartilhando o real de cheiros sem fantasia as máscaras da desgraça o muito pior que as séries assustadoras de além mundos prováveis e afinal eu sabia que tudo bem poderia acontecer e já estava acontecendo e de que adianta que agora há mais ar puro se o vírus empesta o ar e que bom que os cachorros que todos os

bichos não pegam a peste mas já me disseram que leões enjaulados em zoológicos entristecem as júbas com o peso da doença até eles os reis de nada agora reis de desenhos onde ganham atributos humanos demasiado humanos. Há cansaço demais nas teclas com letras e tudo que tento me parece digno de um riso sarcástico seco velho. Só consigo nesse momento tocar autômata essas letras pretas porque já nem me importo com o ridículo de não ter nada a dizer de ter vontade mesmo de sair gritando pelas ruas tão cheias de melancolia eu preciso confessar que os silêncios das ruas as imagens do chão ensolarado sem os passos apressados dos regidos por cronos o cruel filho do capitalismo selvagem quase me levam a uma espécie de torpor quase gozo quase aquilo que deve acontecer com quem medita e chega naquele lugar vazio de pensamento de desejo uma paz uma paz uma paz não vou conseguir essas paz das ruas na minha cabeça porque dentro dela de repente as ambulâncias os caixões as contas pra pagar a asma e a velhice de muitas pessoas que amo sem falar na diabetes na saudade na hipertensão todas as comorbidades e da alma também. Não sei falar política economia normalidades ministérios conchavos e temo perder a capacidade de conjugar o nós. Eu juro que minha intenção primeira era fabular uma godiva circe salomé montada nua num unicórnio líquido lilás anunciando arco íris e amores livres e muitas reuniões em fogueiras dançantes com música despencando das folhas prateadas de árvores falantes em noites de luas esporulando luas plenilúnios em fúria. Mas há conspirações desde sempre que articulam para fabricar morda-

ças fixas para pregar com pregos definitivos nossas línguas sedentas. Só por isso não calo hoje porque ainda quero malgrado as equipes dos desertos sem cor juntar minha língua a sua e recheiar os minutos de solidude com beijos de agonia e muita saliva pra molhar a secura dos nossos dias.





véspera

os lábios contraídos que hesitam e cochicham entrecantos ao invés de cantos entre gritos preferem lamber farinha nos muros dessa cidade entrecortada. um lembrete de que o pão se aproxima do fim nessa dispensa. o circo se fecha. mas a lona está aí esticada na sola do teu sapateado. na rua a família o brasil me atravessa e nela um menino se pendura na minha orelha. comenta de uma freira que achava que era quarta-feira. hoje ainda é sábado venta bastante o descanso tudo meio cinza aparente descaso. mas ainda é sábado. falsas balas se lançam numa atmosfera que achamos que estamos acostumados a respirar. sobre elas sabe-se somente que tudo se fala e se acredita e a ninguém se creditam as falsas moedas que as máquinas que montamos até agora vão cuspir em nossas mãos. essas mesmas que não saem dos bolsos junto às línguas que só falam dos bolsos e não saem das testas. antes saíssem junto a outras mãos rumo àquelas festas. mas nada. preferem sonhar com armas. minha barriga anda meio embrulhada a cabeça bagunçada mas em algum ponto entre o umbigo e o coração existe um túnel em que teu sonar ecoa e localiza que há há sim algo que nem podemos chamar de petróleo. vinte e tantos anos não dão conta de sedimentar o ouro deste século. mas há vários anos dirigimos por estradas e se desviam delas as piritas cujas minas esperamos que anunciem nas manchetes do jornal do próximo domingo. que cheguemos a uma vida em que se viva e que as gentes abandonem os movimentos que rebobinam as telas e fotos ameaçadas de fósseis

dos amores cujos corpos tanto demoraram para querer se soltar nas redes. desfilamos o calçadão. uma moça nos para e emplaca no nosso peito. uma estrela e dois gatos. sou cachorro no chinês. mas de fato é tempo de se perder o medo de ser sozinho com dois gatos. os corpos vão continuar caminhando. o sol continuar nascendo. os cães continuar ladrando. ladrões continuar caçando. caçadores continuar latindo. latinhas continuar se virando. nossas viradas se virarão sozinhas. dois e mil e tantos anos. olhem só pessoal. vamos continuar virando os anos. os cães preferem as armas porque nossos fogos são bombas para seus ouvidos. vamos sem medo.

-

mamangava

depois de tudo
de você e também de mim
depois que tudo isso acabar de
começar
isto que escapa — o inseto pirilampo periférico
arco-íris a solução o chão
a âncora
a linha de chegada que essa gente essa mesma
a gente criança boba
que ainda espera ainda divide ainda conta que sonha

— isto diante de tudo vai restar.

antes mesmo dos pisca-piscas antes das velas das
caravelas carapálidas

das crisálidas dessa espera toda
dessa mesma tragédia
antes das drágeas pílulas e comprimidos desse jeito
aprendido comprido e batido
de se falar com panelas a língua
vai dividir, partir
vai pegar, não vai dar
vai ter que pedir, emprestar dar os pulos, vai doer
passar uns números pra cá e pra lá
e ainda assim
depois de todos movimentos vai restar.

vai ter um bichinho que antes mesmo de
pensar em lhe capturar vai entrar em seu labirinto
e vai contar
das coisas que faz com o medo para
que vomite mel.
vai contar como perder o rabo entre as pernas e toda
alquimia para que reste
apenas o presente.

NÜRNBERG HBF

o poema não começa aqui. talvez fosse
em utinga, na fábrica da swift.
não sei o que vem primeiro: são palavras leves
: domingo, castelos, uma estação
de trem. também alguma tensão, eu diria,
ancestral: caravelas da companhia
das índias ocidentais
desembarcam
no recife. mas o poema
não começa nessa busca inalcançável
por uma origem: moramos, por algum tempo,
na estrada das lágrimas
– primeiro são palavras? –, a poucos metros
do município de são caetano do sul. todos

os canais ligados, duas vezes escarlatina:
se hoje a saúde viceja é também pela descoberta
do além de mim,

amorosa armadilha,
que me acolhe, da qual me aparto, dança-embate
que experimento. lendas urbanas, mesmo
poemas, salmos da bíblia: primeiro são palavras,
ardilosa amarela. na tevê, milhões de hectares
de sal grosso, boi nelore e feno.

acampado entre os rochedos, à espera
de um sol interno, adivinho em outros ritmos
todos os sedimentos do parque do varvito.
ainda não havia o verso
fincado na terra arada,

apenas o som, mais nada, do cantarolar materno.
o poema vem depois, muito depois
do rádio: estrelas surgem no mapa
de minha memória em aberto.

agora

que já é noite,
agora que eu sei a neve,
tudo parece mais denso: presságios indiscerníveis.
bitte beachten sie auf die lücke...
no trem da cptm,
minha mãe me levando ao médico.

qual é o calendário entranhado
– formaria algum alfabeto? – naquelas
inscrições loquazes
que eu vi na pedra do ingá? em seis mil anos
de perdas
e ganhos, nem sempre (nem sempre) contáveis,
a br 320 não será nem mesmo uma trilha.

o núcleo disso tudo (os relógios da casa enguiçaram
um dia antes de nossa grande viagem: os dos dois
celulares, os dos computadores, o do micro-ondas,
o cuco, o casio de pulso, o da tevê, o do painel
do rádio, o despertador: nenhum
deles marcava a mesma hora: fenômeno curioso
até hoje inexplicável) – o poema já acabou –

não há, nunca mais, de existir.

estávamos na hora certa, aguardando na plataforma
o trem de berlim para munique. o poema seria uma
cena

estranho-familiar (“emoção recordada
num estado de tranquilidade”), mas pegamos o trem
errado, por um lapso de cálculo, rumo inóspito a
moscou.

em 1914, um navio da hamburg süd
ficou ancorado no porto: a grande guerra começou
e meu bisavô, paul
nuernberger,
então marinheiro mercante,
estabeleceu-se dali por diante no hemisfério sul.
primeiro em belém, depois
em santos, onde conheceu ana trost [sic], uma jovem
viúva alemã. mas o poema não é poliglota
e rasteja, lento, em seu próprio idioma. anoto

as palavras até perdê-las
de vista: em pequenas cadernetas,
em cem milhões de bits,
nas paredes do meu quarto, no antigo passaporte
: silêncio terrível no trem.
me escondo atrás das cortinas
para fugir da vizinha,
enfermeira aposentada,
e suas doses de benzetacil. o toque
da campainha: na tevê, vovó
mafalda. mas nada

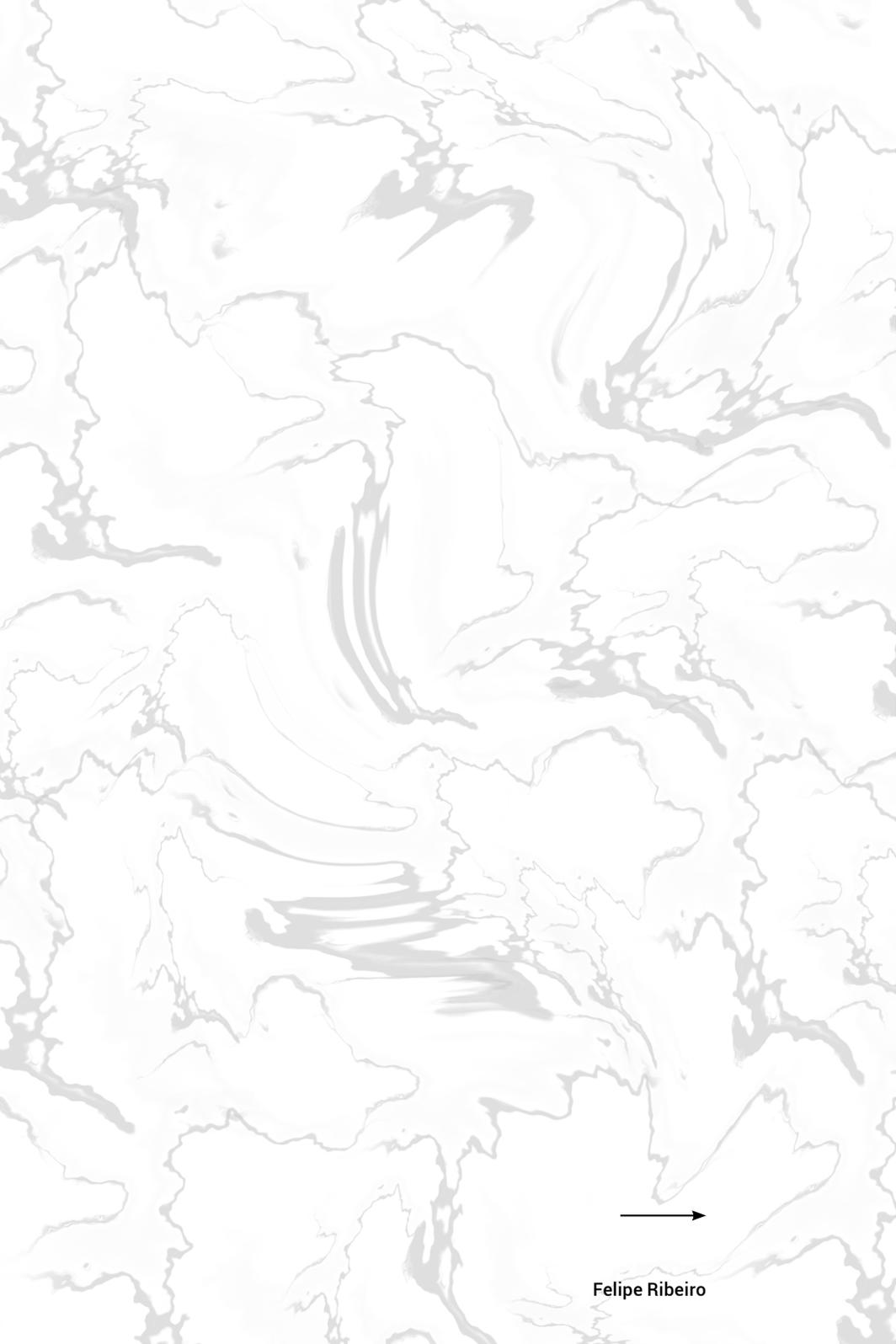
disso tem valor: rascunho um poema
com as primeiras palavras
(“sempre as mesmas”), mas nada
disso ainda existia: a pequena biblioteca
sedimenta-se gota a gota:

impõem-se nas prateleiras,
como estalagmites,
expostas suas lombadas, volumes
que não sei ler: signos natimortos.
o poema está em processo: apuro os sentidos
e tento escrever: a inspetora de tíquetes,
em seu possível inglês, explicava à carolina
o que deveríamos fazer: desceríamos em
erfurt, pegaríamos outro trem
com destino a nürnberg e de lá, finalmente,
estariamos a caminho de münchen (munique).
era dia dois de janeiro.

segundo minha avó thereza, seu marido,
meu avô kurt, nascera em pleno oceano atlântico.
não é bem isso o que dizem os documentos:
como seu pai, paul, que não nasceu
em nürnberg – mas em magdeburg.
meu pai, disso estou certo, nasceu
em santo andré. no ano em que retirei
os quatro dentes do siso
(já morávamos
em jaboatão dos guararapes)
pesquisei no icq
o sobrenome nuernberger:
foi assim que descobri joe,
nascido em omaha, nebraska (my last
name is nuernberger too).
de mudança para pernambuco, saímos
de são joão clímaco
– era dia seis de janeiro –
num fiat tipo um ponto seis
meu pai, minha mãe, minha irmã, eu

e nossa cachorrinha
judy. seguimos pela via dutra,
almoçamos no espírito
santo, dormimos duas noites
na bahia: uma em ilhéus, outra em salvador:
um dia seremos todos palavras
("a memória é uma ilha de edição").

no rio grande do norte,
não sei ao certo em que ponto, eu vi – partenon
dos trópicos – o maior cajueiro
do mundo: seus galhos brotando da terra,
uma espécie de cabeleira,
com açúcar, com acidez, consumindo
meu coração. em setembro de 2018,
havia, no facebook,
dois perfis de renan
nuernberg: um residente em dois
vizinhos, o outro em joaçaba. mas o poema,
espaço em branco, ainda mal
começou: por um golpe do destino ("viver
não é preciso") estive, por cinco minutos,
em nürnberg
hauptbahnhof.



Felipe Ribeiro

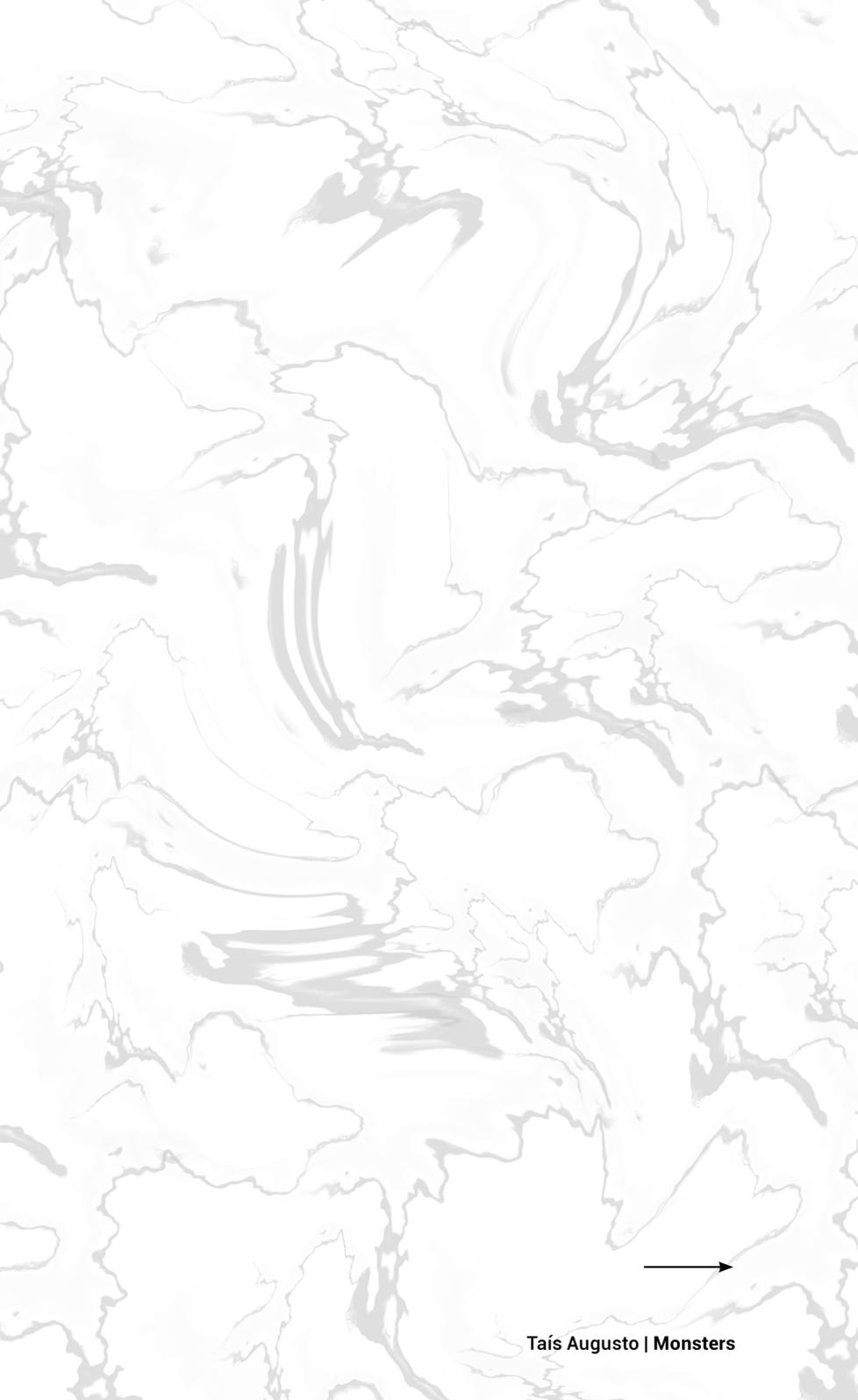
Ações de Revirada - Uma Performance

Utilizando-se de um espelho como retrovisor, pegar um barco que rume da Costa do Descobrimento ao horizonte Atlântico. Navegar em linha reta até que todo o Monte Pascoal seja visto através do espelho. Imaginar que aquela perspectiva marca a abertura de nossa ferida colonial.

Abrir sobre o mar um enorme quadrado vermelho, inorgânico e flutuante. Oferecê-lo como um presente ao Monte Pascoal. Explicitar a topografia da ferida vermelho-brasa. que fez do Monte um horizonte-Brasil. Entender-se como fruto inexorável de uma violenta mestiçagem colonial.

Reconhecer a origem como impasse, e agir no desfazimento como criação de futuro.



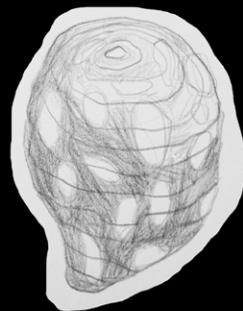


Tais Augusto | Monsters

NEUROSSE, ENE TONVIL-ACORDADA DE VIGILANCIA

BOLE/ENDURADO DO OSO.

DEQUE OUSEMOROS SE VOU DOTE OLYAN?



A IDEIA DE DEFINIR
O GÊNERO DE
A QUALIDADE
DE UM
RACONAR
INÍCIOS
EN EX
DE
DE
ESCONDENDO
QUE
NÃO
NECESSIDADE
DE
A
MUITO
A
IMAGINAÇÃO



Sonhei que era a Terra. Meu corpo começou a se sentir mais denso, o movimento ágil não me era mais necessário, pois tudo o que tocava fazia parte de mim, estendendo assim o meu território de percepção, e por ser tão grande, o movimento deixou de ser algo vital. Não era uma sensação de possessividade, como se dominasse os encontros, muito pelo contrário, era sentimento de comunidade e conexão. Meu corpo humano se conectou ao colchão, que encostava-se ao meu corpo, em seguida ao chão que tocava o colchão, logo após, à terra onde o chão foi construído, e nessa escala sem fim percebi que estava sintonizada à uma rede de percepções energéticas, enviando e recebendo mensagens por uma malha de transmissão de impulsos sensoriais. Meus movimentos voluntários pararam, simplesmente parei de engolir a minha saliva, coçar meu nariz, esticar as pernas, nada disso fazia sentido, pois o “eu” que me habitava perdeu sua identidade se tornando um componente de ligação ao cosmo.

Minha saliva escorria, como se essa secreção fosse a seiva de uma árvore, ou o delicado crescimento de uma raiz, que penetra o solo em busca de alimento e profundidade. Para se perceber algum movimento deste corpo, talvez fosse preciso esperar o tempo da germinação e do crescimento. Mas ainda era uma semente, prestes a perder a sua individualidade. Alí, plantada, comecei a escutar um som grave e silencioso, que chegava a mim como uma sensação de estar sendo abraçada a cada dois segundos. Nessa pulsante pressão, percebia a solidez e o calor dessa energia, que vinha de algum lugar profundo e in-

cognoscível pertencente a mim, dando-me vontade de expandir. Então, por meio do transbordamento de minha própria saliva, fiz-me brotar.

O caminho para a expansão desafiava a lei da gravidade, um envio de energia para exercer movimento oposto à ordem. Nascer e crescer são ações de rebeldia. Primeiro, quebrar a casca protetora da semente, escolher sair do conforto do casulo é apresentar ao ambiente vulnerabilidades singulares. Intencionando impulso de expansão, a casca começa a rachar, em uma mistura de medo e excitação, meu corpo vai pedindo espaço, se deslizando para fora da rachadura da casca. Percebo, no campo externo a ela, uma textura arenosa. Nesse encontro, sinto a umidade, esta, ajuda a ampliar a minha raiz, que penetra delicadamente os espaços vazios deste encontro. A gravidade ajuda e atrapalha, pois é preciso descer e ao mesmo tempo subir. Doando energia para esses dois vetores, o corpo se desdobra em ramificações sensíveis, que capturam as sinapses por meio de escuta das sensações táteis. O ambiente vibra, umedece, seca, pressiona... Enquanto vou rompendo e desbravando o espaço em busca do calor do sol. Até que, “PUF”. O contato deixa de ser arenoso, perco a possibilidade de penetrar. As raízes continuam crescendo enquanto o caule é esmagado. Movimento atrofiado, adapto-me, começo a crescer para os lados. Até que, “AH”, sinto um calor, este desloca o sentido do meu crescimento me possibilitando a criar um ângulo de 90°. Assim, vou expandindo em busca do tão sonhado sol! Uma fissura me deu a possibilidade para que este encontro acon-

teça. O topo do meu corpo vai abrindo o caminho, empurrando tudo o que está acima para os lados. O sol então encosta na minha coroa, essa informação desce por todo o meu caule até chegar à ponta das raízes, e está envia informação para o seu entorno. O pulsar da Terra se intensifica, sintonizando ao campo energético do meu coronário. Mais forte, crio folhas, estas aumentam a captação da energia solar. Meu pequenino e delicado caule, vai engrossando, dando sustentação ao meu corpo bambeante. Vento, sol, enfim a chuva refrescante. Como é prazeroso sentir minhas raízes umedecendo. Cresço como quem não quer nada...

Simplesmente cresço. Vetores acionados, cresço. Raízes perceptivas, cresço. Pequenas folhas em fotossíntese, cresço. Terra molhada, cresço. Meu caule, mais grosso, se encosta lateralmente a uma superfície mais dura. A sensação que percebo é a de que meu corpo não tem mais espaço de crescimento. Delimitada, continuo crescendo, criando fissuras nesta pedra, dura e linear, que cobre toda a superfície. Abrindo espaço, continuo o crescimento, meu tronco só engrossa. Nas fissuras abertas por mim, amigas começam a apresentar também as suas vulnerabilidades ao mundo. À medida que seus troncos alarguem, espaços são abertos para novas visitantes, até que a pedra, dura e linear, se transforma em pequenos pedacinhos. A Terra agora mostrava a sua pretura exuberante, cheia de matéria orgânica, micro organismos, tudo crescia em sua superfície, enquanto em suas profundezas ela se estabelecia em conexão global imóvel. Nada mais impedia os

fluxos das sinapses, fazendo com que tudo que nela pisava a sentisse.

Quando acordei, olhei para a cidade em minha volta, percebi que cresciam nela árvores de concreto. Pisei no chão, pedra dura e linear, e parei. Deixei a minha saliva escorrer, contive meus movimentos voluntários, coçar o nariz, pegar nos cabelos. Senti o sol. Minha saliva começou a escorrer chegando aos meus pés, umedecendo-os, até que de suas solas brotassem pequenas raízes. Elas, num movimento delicado, começaram a cavar o duro concreto até abrir pequenas fissuras nele. Essas raízes começaram a se ramificar, buscando alimento e profundidade. Elas foram crescendo, como quem não quer nada, descendo as paredes dos estacionamentos, penetrando os esgotos, abrindo espaços pelos trilhos do metro, até chegar à tão maravilhosa Terra. Agora, alimentado, meu corpo começa a se expandir, abrindo espaço para novas amigas, estas, descendo de seus apartamentos, vasos comprados com tanto esforço, pisam delicadamente nas pequenas rachaduras abertas por minhas raízes. Saliva escorrendo, sola dos pés, raízes... Conectadas com a Terra, o movimento é outro.

Eclipses e Lagartos

as visões sobrevivem se acasalando umas com as outras num arranjo insólito

o barco

um menino com uma viseira verde neon, cara de enjoo, uma senhora segurando o chapéu pra não voar, uma adolescente com dor de cabeça tem a cara de uma atriz ucraniana veterana, mas é gótica e usa uma aliança, três crianças com o mesmo nariz arrebicado mas o menino não tem os mesmos pais que as meninas, um velho cuja cara foi derretida e por isso precisa desenhar uma das sobrancelhas. capitão San Artemissio, Panamá, barco da transportadora Hamburg Sut, me ver no barco, meu amor se deita com uma mulher com meu nome depois que o deixei por uma mulher com o nome que minha mãe queria me dar. se eu deitar minha cabeça na proa vejo o barco de lado como um zíper rasgando o tecido. os barcos foram batizados de: jucris, vidão, deus abençoe e lua alta

a igreja

um antúrio desbotado ocupa o altar, bancos presos ao chão balançam como barcos durante a passagem de um tufão, chegar primeiro antes de nossa senho-

ra dos navegantes e tomar seu lugar de assalto, nossa senhora preta não tem nariz como as esfinges do egito. cai sobre mim redes lançadas por deus

a gruta

foram precisos milhares de anos pra ficar desse jeito, tudo que aconteceu ainda está ali. olhei pra cima as gotas caindo, isso é felicidade, não ter que registrar nada pra depois, a minha cara é de alguém que recebeu a notícia da própria morte e não pensa nada a respeito, molhar os pés no raso, a polícia dirige um carrinho de golfe, o carrinho de golfe é estacionado atrás da gruta, os policiais tiram um cochilo, o policial sonha com o irmão mais novo deitado nos braços de um homem dentro de uma casinha de boneca na praça pública, acabaram de fazer amor, tem urubu por perto, tem barulho de bicho

o eclipse total dando lugar a um lagarto montado sobre o outro com as cores do arco-íris um coyote dando lugar a um tanque cheio de peixes nadando sem cabeça

Desguarnecida

Eu lembro desse dia Acordei hoje e saí da cama sem saber Superfície Adentrar o rio Mergulhar o sonho Amantes da normalidade Você me chama Há espaço entre nós Dele me chegam palavras pelo correio pela tela pelos poros O futuro é uma outra tela repleta de janelas e estratégias de sobrevivência incluem entorpecimento exercícios leituras conversas a reafirmação dos desejos a partilha dos desejos Deixar respirar Eu sinto os fios eu sinto a chama e agradeço a terra que me acolhe e sustenta O pânico do vazio te fez correr sem parar produtividade competência sucesso e eficiência são as palavras usadas para jogar no fundo do buraco sem fundo Não olhar o oco não ouvir o eco que faz Sou perita no cultivo dos fantasmas só assusta mesmo o primeiro encontro depois vem a convivência Seres naturais O trabalho enobrece e endivida estamos sempre a dever Teu olhar me faz falta assim como o som engraçado que fica entre uma palavra e outra quando a gente conversa e se atravessa mas a vídeochamada deixa um som metálico e eu tento não escrever nos lugares errados as marcas nas paredes da minha casa indicam batidas raspões transporte de móveis atrapalhados derramamento de líquidos e apoio de mãos a pele carrega gordura do corpo e depositamos isso em tudo aquilo que tocamos agora o vírus não o velho conhecido o novo esse que desconvida tudo que cancela os planos e nos lança no vazio A quaresma acabou a quarentena não Pelo menos tivemos carnaval e o Moraes também sua carne pul-

sante de carnaval última vez Brilhamos ecológicas ou insustentáveis os pulos foram de verdade eu tento lembrar eu já não sei como me sinto e muitos dias não procuro ninguém porque acho que não há nada que precise ser dito Encarar silêncio e vazio mas aí você me chama eu escuto e já convoco deidades potestades sereias míticas suas filhas e seres lunares meu ritual é coletiva transmutador nossas vozes atravessadas como peito vibrando com as batidas recriamos a vida pulsante na cara dos caretas arrependido é o sinal converter inverter testemunhar o que quiser a vida é só isso que a terra dá tanto tanto saber ver teus reflexos pela janela a luz da tarde invadindo imprevisivelmente desnuda o pedaço iluminado de mim o teu pedaço que não parte que multiplica nossas canções você sabe serão sempre aquelas e todas as outras que entoamos meu pedaço chega sobre rodas deslizado suado apreensivo conjugamos nossos verbos líquidos enquanto discutem minúcias despautérios a bolsa sobe e desce e rompe uma gangorra as crianças se alternam para sentar no brinquedo do parque desguarnecida alto baixo meu ponto de vista oscila sem parar

Sonhando com velhos funâmbulos sonhando com o mundo

1. Diante de um abismo, erguemos nossas mãos atadas, assim cumprimentamos um velho artífice da queda. Seu tom sugestivo é quase inaudível quando diz - *olhem para o fundo, mas não procurem ver demais*. Arriscamos acompanhá-lo. É o esboço de um jogo entre a forma e a ausência. E se miramos pela fresta das pálpebras, olhos apertados e trêmulos borrando os traços na medida, que paisagem temos? Terá profundidade, será apenas vulto? Será um caminho a percorrer. Incansáveis. Incansavelmente. Cambaleamos até encontrar um refúgio na imaginação, nos embrenhamos em seu coração místico e, inebriados, fazemos algumas correspondências. Só aprendemos as regras pouco a pouco: insinuar, evocar, despertar sem explicar. Algo que escolhemos traduzir assim: sussurro e suspiro são musicais, escutem sua melodia amarela. Esboço de movimento em busca de alguma cegueira para os ouvidos. Evocar um problema no nome, no que nele há de inexprimível e inesgotável. Ouvir no nome dito, sempre outro, obscurecido. Obsceno. Será uma fenda aberta no corpo pela existência ou uma força orgânica de impulso ao movimento? Uma força de atração oculta que nos empurra rumo a uma liberdade de mundo latente, paralelo e implícito, uma espécie de adivinhação. Mas o velho diz e repete, - *não se esqueçam, jamais, tudo é abismo*. Com essa, já contamos sua milésima centésima décima primeira repetição. São os sonhos, são os desejos e

as ações, é tudo que se apresenta quando o corpo se abre aos encontros com o mundo. Relações são também seus avessos. E então, ele nos previne, a inacessibilidade, a distância, a separação, - *abismo!* E nos guia a um estado de constante suspeição, não devemos nos exceder sobre os focos de luz, devemos apreciar o escuro que nasce no que vemos à distância - *abismo...* Agora um cochicho, agora um tom falacioso. Arrisquem mais um sonho. Por divertimento, pra desenvolver em si o gosto por obstáculos, pra mover o corpo contra o *pecado* instituído pela vida dita normal, pra opor a anarquia moral contra o progresso histórico-econômico, pra se opor aos maus tratos desse mundo, declarar sua desordem, debochar do desprezo alheio sem temer qualquer dose de contradição, - *apenas o que é essencialmente inútil e absolutamente inocente*. Ou, apenas pra averiguar o que tudo é, um nada e seu grande mistério.

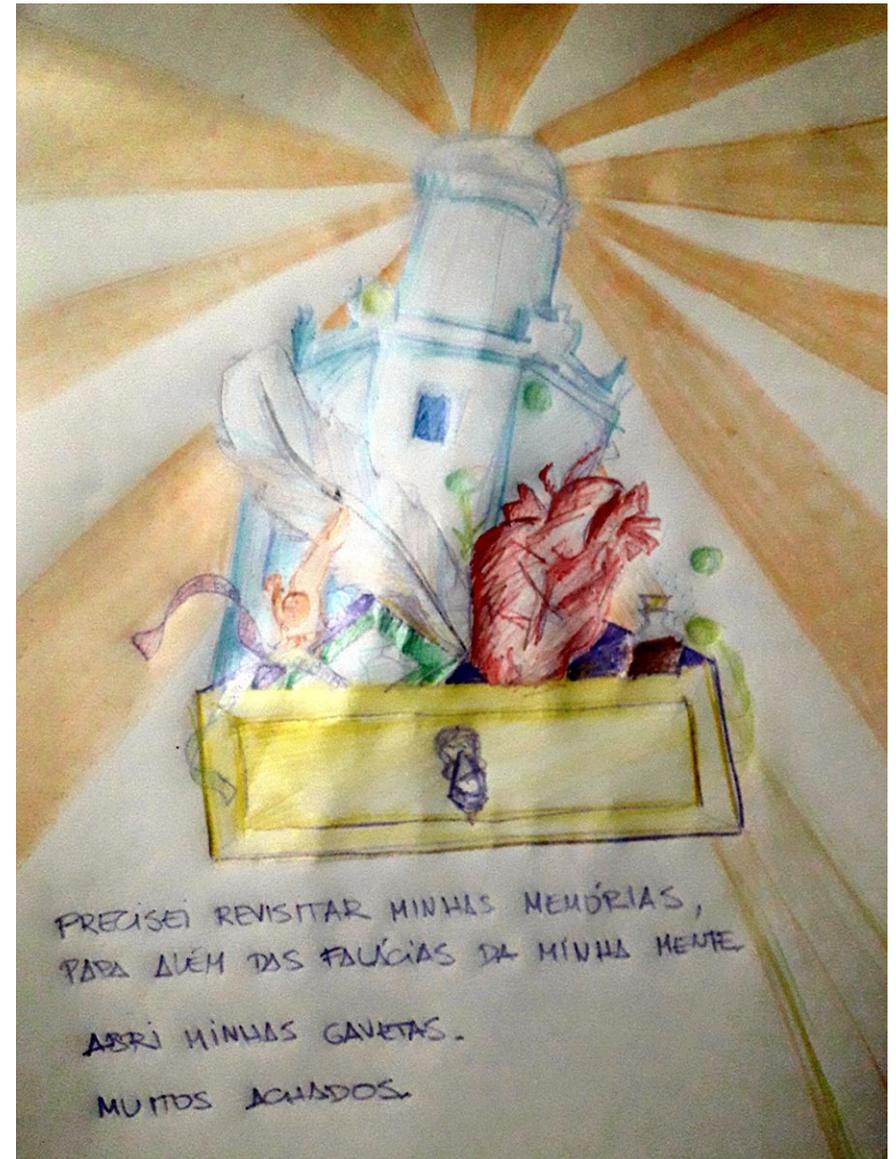
2. Aqui do alto, na beira deste precipício, tudo se assemelha a uma dança assombrada. Mesmo assim, iremos permanecer copiando a coreografia ensaiada por um velho embravecedor de humanos. Desviar o olhar para estrangular a vertigem, esticar os membros, alargar as extremidades e desenrolar nossos nós num longo fio estendido. Mantemos uma clara proposição que indaga continuamente nossa força de superação, - *não seremos empurrados por ninguém pra sair do lugar*. Subir e descer insistentemente a mesma montanha e permanecer ao lado de alguns companheiros, saber se unir sem choque e converter presença em inquietude comum,

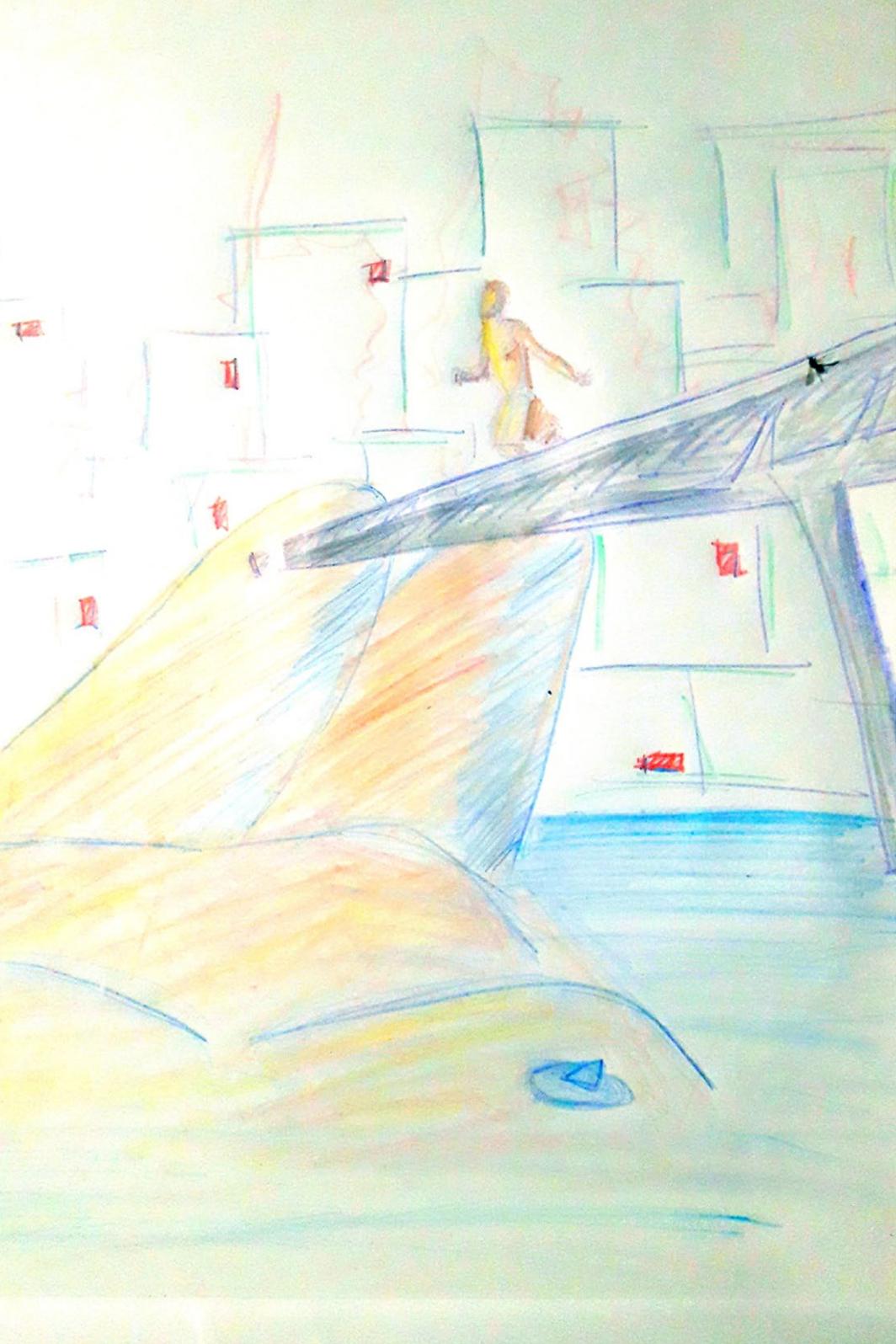
- *afirmar a vida e a amizade, um homem e um animal.* Com a águia, sonhar para os braços uma qualidade de voo, agilidade e astúcia. Com a serpente, tomar de empréstimo os olhos míopes, desobedientes e infravermelhos. Um princípio de rebeldia sensível que só confia em algo quando cheira e escuta seu sangue quente correndo nas veias. Só uma presença nos faz desemudecer, aquela reinvenção de profeta persa que reclama o mundo com urros cabulosos e que é capaz de entregar tudo que não tem à vida dos amigos. Afinal, os amigos nos ensinam a andar menos bambos à beira de abismos. Nos perguntamos se você, que vê tudo de longe, também seria capaz de reconhecer-se como o animal corajoso que poderia ser? Abraçar um cavalo procurando nele aquela irmandade sem suspeita. Selar um pacto, uma aprendizagem: desfigurar o rosto humano à procura do espectro fulgurante de animal, seu mistério, sua essência sagrada, terrível, inacessível. Nossa coragem ataca com fanfarra e caímos no riso sempre que temos vontade. Talvez por isso, da grande corja de inimigos, há um muito pior que todos os outros, o Diabo, a gravidade, a dominação - *juntos, declaramos guerra a todos esses domesticadores.* Refluxo, má digestão. Uma corrente de retorno, tendo na cabeça as entranhas do coração e fazendo girar um rodopio entre razão e paixão - *naufrágio.* Não se sabe quase nada desse corpo, nem nada se precisa da escrita sanguínea que por ele passa e que só pode ser lida se aprendida de cor. Mas transparente é o anúncio, - *abismos,* onde se mergulha em voo, de onde se regressa ao outro em dança - *são naufrágios!* E quem afundou se salvou.

3. Chegamos ao limite da desesperança e olhamos pesado para o fundo desse grande nada. Já estamos cansados, mas nosso percurso ainda não terminou. Ouvimos soar, lá de baixo, o chamado de mais um velho - *e aqui onde estamos até o ar já está saturado.* É preciso descer. Enquanto descemos, o velho entrega o último bilhete a um amigo que está de partida para a Palestina, é a parte do segredo que revela seu gesto provocador, - *vejam no homem sua total incapacidade de fazer magia,* e pede que regressemos ao ano de 1926 ou à milenar arte circense do exercício. Agora vemos apenas uma criança, seu parentesco aproximado com o homem e seu encantamento diante da força centrípeta que faz girar bichos imóveis em um carrossel. Atenção, concentração, - *vai começar a brincadeira.* O olhar luminoso e o corpo livre daquelas crianças ensinam a reduzir distâncias, minimizar impactos de queda e ver o mundo como um abismo rente ao chão. É de suma importância espalhar aos desavisados, - *já faz tempo que as crianças desenham o eterno retorno de todas as coisas.* Nesse mundo de adultos catastróficos, onde a repetição é a eterna paralização de tudo no mesmo lugar, ganha movimento aquele que se projeta em um ser criança, agarrando-se às condições atmosféricas, aos estados oníricos, à descoberta de passagens secretas e esconderijos. Cacos, cacarecos, trecos, troços. Bugigangas. Enquanto elas se sentem irresistivelmente atraídas, os seres de idade avançada ensaiam dizer que desperdício, mas sequer conseguem lamentar. Com as tais quinquilharias, a infância recomeça do zero, reinventa o mundo infinitas vezes em paraísos de brinquedo, - *no*

instante mágico da brincadeira vemos o rosto da felicidade. E se for preciso, destroem tudo outra vez. Com prazer... E se for preciso, destroem tudo outra vez. Que prazer! Porque crianças sentem tudo muito, mas não sentem muito por quase nada. Também não sabem muita coisa sobre o que estão fazendo aqui e agora, exceto o suficiente, que são movidas por uma curiosidade descomunal. Cultivam a flor mais rara da sabedoria, é possível e é preciso recomeçar muitas vezes. Aqui e agora.

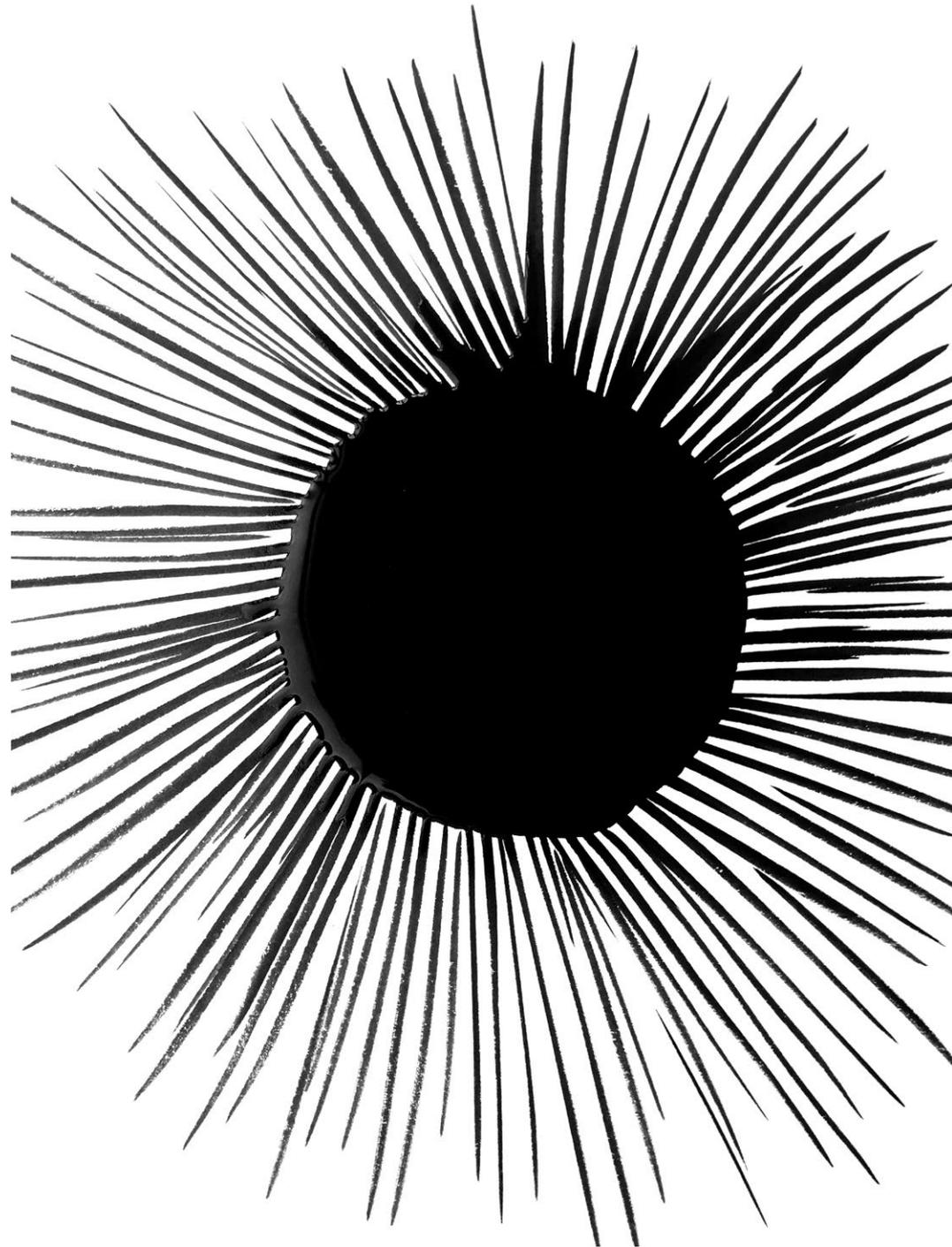
Gavetas





Gavetas são partes esquisitas da minha casa. Vivem abarrotadas de coisas e papéis que não sei que destino dar. O que é relevante pro cotidiano, normalmente se perde. Boleto, documento, chaves, senhas escritas. Mas aquelas coisitas que te acompanham por anos, feito um obsessivo, continua lá, intactas. Nesses últimos dias me senti exaurida, mente inquieta fica nesse ping pong infeliz entre passados e futuros. Achei que tinha mais futuro ficar no passado, por hora. Pelo menos hoje. Dei um descanso pra tagarelice mental e fui encarar as gavetas esquecidas, numa intenção de faxina anarquista pentecostal, comecei pela mais travada de todas. O bandido vidrinho com a solução da placenta de Serena, intacto. O caderno com capa de vidro quebrado por um pé dançante na fogueira. O anel de cobre, um de três, do Véio mago que conhecemos na feira de Madalena. Ainda fede a oxidação esverdeada (travei de novo os dentes cheirando essa porra). Papel, papel, papel, bilhete de metrô vencido, uma chave! Eba! Chutei que fosse de três casas atrás. Nunca devolvi pra imobiliária nenhuma. Deitei no chão pra reler o caderno. O último escrito foi na época do mutirão do Serviluz, sobre um juramento que fiz a mim mesma, de ter mais coragem na vida: “um coração desnudado, pra fazer revoluções.” Lembrei a exata cena, ao pé do farol, em que as pernas fraquejaram, fora do tempo presente, como uma pequena abdução: meu pensamento foi lá no mar e respondi “sim”. É tempo de dar voz ao coração. Tatuei o coração com o mar e o sol do lado de dentro. Absolutamente sem nenhuma perspectiva e cheia da coragem sem alvo.

Feijão no fogo.
O vira-lata em pleno meio dia, não contraria a imobilidade e o silêncio da quentura.
Aurora me chamou atenção para teias de aranha no sino de vento, achei intrigante, quase milagroso.
Ele não pára de badalar a muitos anos.
Que aranha escolheria tamanha inconstância?
Um paradoxo, teias e movimento.
Mas hoje aprendi um pouco sobre a teoria da complexidade e constatei que antagonia não existe, tudo é complementar, não-binário.
Tenho observado mais os ciclos por aqui.
Gosto mais das plantas pequenas que nascem nas frestas da casa.
A erva daninha tira a artificialidade das coisas.
Encontra brechas pra viabilidade da vida, assim como eu.
Não ornamental, essencialmente questionadora.
Achei por bem juntar todos aqui num desenho depois de anos sem prática.
A não contrariedade ao tempo, ao paradoxo do tempo/movimento e a resiliência do existir.



Organização:

Érica Zíngano

Flávia Memória

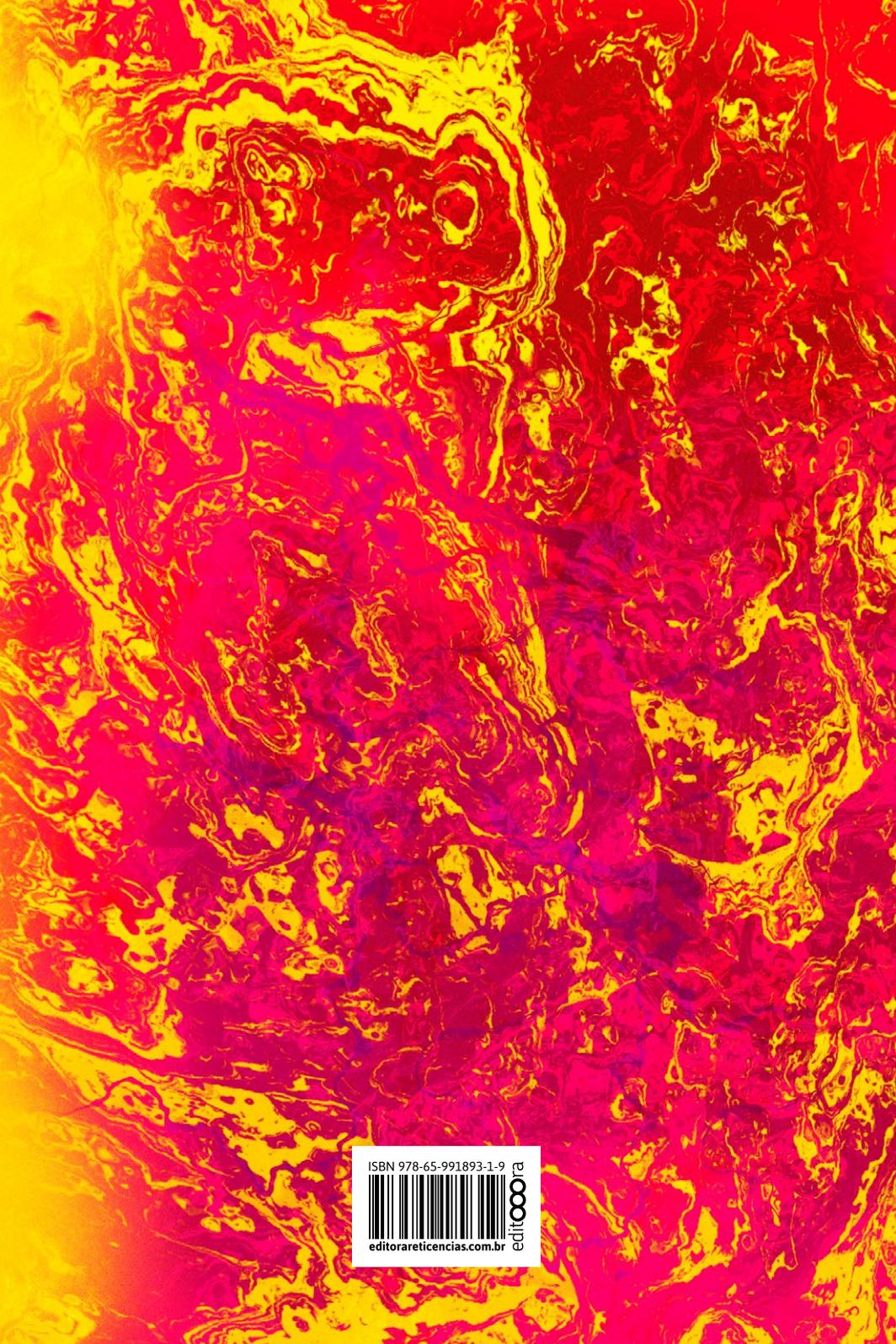
Yule Bernardo

A Chama Depende do Combustível Vol.1

1ª Edição

Editora Reticências

Fortaleza, CE / 2020



ISBN 978-65-991893-1-9



editoraretencias.com.br

editoora